REVISTA DA SEMANA

N. 20 15-5-54 Cr$ 5,00



O SUBÚRBIO PEDE SOCORRO

A Cena Muda!

10 PÁGINAS EM CÔRES!

Segredos da Tela!

Cinema Brasileiro

Curiosidades e "Close-ups"

Novela das Imagens

Pré-Estréias

Teatro Rádio Ballet

Discos

Preço Cr$ 4,00. - Redação: Maranguape, 15. - Rio. - A venda em todo o país

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 20 ★ 15-5-1954

SUMÁRIO

REPORTAGENS

A Bomba de Hidrogênio destruiu o seu inventor 4/7
O Flamengo arrasou os húngaros.... 8/9
Madame Petrov ficou no meio do caminho 10/13
São Paulo aplaudiu a turma da «Velha Guarda» 14/17
A glória de dois em dois........... 22/24
O subúrbio pede socorro 28/29
Menos velocidade na rotação da terra 30/31
O tempo passa, Sílvio Caldas fica.. 48/53
O maior trote de todos os tempos.. 54/57

SEÇÕES

Palavras cruzadas 18
Página 19 19
Ping-Pong (Helena Silveira) 20/21
Rádio-opinião 25
Plantão Noturno 26/27
Femininas 32/35
Cinema 40
Semana Astrológica 44
Semana Literária 46
Último flash 58

HUMORISMO

O Riso dos Outros 36/37
Cuco 59

ROMANCE

Nove pequenas e um rapaz 45

Capa:
ELAINE STEWART (M.G.M.)

- Redator chefe .... JOEL SILVEIRA
- Assistentes. .HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
- Paginação .... VICTOR TAPAJÓS
- Publicidade .... J. M. COSTA JÚNIOR
  S. L. GUIMARÃES, A. MENDES,
  S. SANT' ANA e A. NÓBREGA
- Desenho .... ALBERTO LIMA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

- Diretor .... GRATULIANO BRITO
- Assistente .... RENATO DE ALENCAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

HOJE CASA
A PORTUGUESA
COM CERTEZA,
COM CERTEZA
COM UM PERFEITO
CARIOCA!



O GOVÊRNO ...
UNHA DOS ...

O MAIOR TRO...
TODOS OS TE...

VEJA REPORTAGEM NAS PÁGINA...

Defesa e acusação de Oppenheimer

A BOMBA DE HIDROGÊNIO D

QUEM É, O QUE FÊZ E O QUE SABE AQUÊLE QUE JÁ FOI CHAMADO DE «O GÊNIO MAIS AUTÊNTICO DOS EE. UU.» ★ A BOMBA ATÔMICA ERA O FRUTO DO PECADO: «E AI DOS QUE O PROVARAM!»

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

AS emissoras de rádio e de televisão e as agências telegráficas de todo o mundo espalharam pelos cinco continentes a notícia espantosa: J. Robert Oppenheimer, inventor da bomba de hidrogênio, fôra demitido de todos os seus cargos. Seus antecedentes políticos o haviam tornado um risco para a segurança dos E.U.A.

Se, até êsse momento, Oppenheimer não é considerado um traidor da classe de Klaus Fuchs, Pontecorvo ou Allan Nun May, a acusação contudo coloca-o de certa forma nesse mesmo grupo.

Aquela acusação respondeu Oppenheimer com uma longa carta (43 páginas) à Comissão de Energia Atômica (Atomic Energy Commission) em que fêz sua autobiografia, porque «as informações recebidas por essa Comissão e que foram consideradas suficientes para a decisão de eu ser demitido de meus cargos, nunca poderão ser explicadas senão em face de minha vida e de meus trabalhos».

O físico Oppenheimer nasceu em Nova York, em 1904. Seu pai (alemão) emigrara para os E.U.A. aos 17 anos, e fixara residência naquela cidade. Aí também fêz Oppenheimer os primeiros estudos e o ginasial, até entrar para a Universidade de Harvard em 1922.

GREGO, EM VEZ DE ESPORTES

Enquanto freqüentou o ginásio, Oppenheimer teria passado desapercebido dos professôres se não fôsse sua estranha inclinação para o estudo do grego em vez da prática de esportes. Sua rara habilidade para aquela língua permitir-lhe-ia ler Sophocles (sem auxílio de dicionários) com 3 meses de estudos. A Universidade foi, para êle, um deslumbramento. «Fiz uma verdadeira razia em tôdas as matérias, mesmo as que não eram do meu curso (física). Estudei a obra de Dante e a literatura francesa com o maior entusiasmo». Contudo, o livro de registro dos alunos de Harvard apenas contém esta informação acêrca de Oppenheimer: «aluno desta universidade durante 3 anos».

Diplomado por Harvard, viajou para a Europa para completar os estudos. Quando regressou aos EE.UU. em 1929 era já considerado um físico excepcional. Recusou convites para ensinar em Nova York (que não considerava tìpicamente americana) preferindo ir ensinar no Insti-

tuto
lifor
em
hei
com
tard
tinh
pre
nen
em

E
seg
da
per
«
Nã
sid
Na
épo
me
dos
F

O DESTRUIU O SEU INVENTOR

tuto Californiano de Tecnologia, em Pasadena, e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. «Meus amigos em Pasadena e em Berkeley eram, em sua maior parte, professôres, cientistas e artistas», escreve Oppenheimer na sua carta à Comissão de Energia Atômica. Estudou sânscrito com Arthur Ryder. Depois, exegese (católica, apostólica, romana). Mais tarde Dostoievsky. «Nunca li um jornal ou revista não especializada. Não tinha rádio nem telefone. Nada disso me interessava. Estava ùnicamente preocupado com minhas investigações científicas, e não compreendia nem me interessava compreender as relações do homem com a sociedade em que vive».

HITLER FÊZ DÊLE UM POLÍTICO

Em 1936, porém, J. Robert Oppenheimer criou novos interêsses. As perseguições aos judeus na Alemanha enfureceram-no. Via os resultados da «depressão» na vida de seus alunos. Sentiu então a necessidade imperiosa de participar ativamente na vida da sociedade.

«O que mais despertou minhas simpatias foi a guerra de Espanha. Não por causa de informações que eu tivesse colhido ou que me tivessem sido dadas. Nunca estivera em Espanha. Sabia pouco de sua literatura. Nada sabia de sua história ou de sua política nem dos problemas da época. Mas, assim como muitos outros americanos, estava emocionalmente ao lado dos republicanos espanhóis. O fim da guerra e a derrota dos legalistas me causaram profunda tristeza».

Foi através do Auxílio a Espanha que conheceu o dr. Thomas Addis, um brilhante cientista da medicina. Ficaram amigos. Addis pediu-lhe que contribuísse para a causa republicana, explicando-lhe que os donativos iriam diretamente para o esfôrço bélico através do Partido Comunista. Oppenheimer não se importou com isso, porque «nesse tempo não considerava os comunistas como perigosos. Alguns de seus objetivos me pareciam desejáveis».

Em Pasadena, no ano de 1939, Oppenheimer conheceu aquela que seria sua mulher. Era, ao tempo, casada com o dr. Harrison, do Instituto Californiano de Tecnologia. Sabia de seu primeiro casamento com Joe Dallet que morrera combatendo em Espanha. Dallet fôra um dos dirigentes do Partido Comunista norte-americano e a então sra. Dallet fôra também membro do partido durante 1 ou 2 anos.

COMANDANTE DE UM EXÉRCITO DE SÁBIOS

Quando os E.U.A. entraram em guerra, Oppenheimer abandonou a causa espanhola porque «havia outras, e mais graves, crises no mundo». E quando se mudou para Los Alamos, no início de 1943, sua participação e ligação com os círculos da esquerda cessaram «tanto pela modificação de minhas idéias como pela grande premência de meus trabalhos».

A história das ligações comunistas de Oppenheimer eram do conhecimento do govêrno dos E.U.A., contudo não foram consideradas importantes quando foi nomeado pelo Tenente General Leslie Groves para chefe do campo de experiências de Los Alamos.



DAQUI A CEM ANOS TALVEZ

As funções de Oppenheimer em Los Alamos não eram só as inerentes a um teórico da física. Descobriu também nessa ocasião sua qualidade de condutor de homens. «Para recrutar pessoal, viajei por todo o país. A idéia de desaparecer no deserto do Novo México por um tempo indeterminado e para ali viver sob disciplina quase militar inquietava alguns cientistas e suas famílias. Mas uma sensação de patriotismo e dedicação prevaleceu. A maior parte dos cientistas com quem argumentei veio comigo para Los Alamos».

A BOMBA ATÔMICA, O GRANDE PECADO

Quando, em 16 de junho de 1945 a primeira bomba atômica explodiu no campo de experiências de Alamogordo, Oppenheimer descobriu uma outra realidade: «com essa explosão os físicos conheceram o pecado, e êste é um conhecimento que não esquecerão jamais».

Êste conhecimento que aterroriza alguns cientistas não fêz vacilar Oppenheimer. O homem que quase desconhecia a sociedade em 1936, estava pronto a expiar seus pecados em 1945 com a sua tentativa de modificar de forma fundamental a política mundial. «Parecia-nos que neste trabalho (da bomba atômica) havia uma oportunidade magnífica para explorar tais conhecimentos científicos e conseguir uma nova ordem mundial. Noutras palavras, poderíamos trabalhar em conjunto para uma organização que não fôsse responsável, em primeiro lugar, perante qualquer Estado soberano. Não só queríamos caminhar para uma internacionalização genuína cujo fim último seria um govêrno mundial. Também queríamos diminuir a eficácia de medidas que fôssem puramente negativas no campo do desenvolvimento dos trabalhos sôbre energia atômica: inspeções, proibições, limitações.

«O ÚNICO GÊNIO AUTÊNTICO QUE EU CONHEÇO»

O professor Oppenheimer entrou assim na política do átomo. Na luta entre os civis e os militares para o contrôle da bomba atômica, tornou-se um fator importante. Nomeado presidente do Comité Consultivo da Comissão da Energia Atômica, Oppenheimer foi o autor principal do plano Acheson-Lilienthal para o contrôle internacional do átomo. David Lilienthal declarou na ocasião a respeito de Oppenheimer: «é o único gênio autêntico que eu conheço». E os cientistas apoiavam cegamente o seu chefe.

Mas, a primeira derrota de Oppenheimer como estadista do átomo veio quando foi necessário decidir entre fazer ou não a boma de hidrogênio. Os planos para a construção de bombas atômicas iam sendo seguidos sem alteração, quando surgiu a notícia de que os russos haviam conseguido fazer explodir uma bomba em 1949. Logo após essa notícia, a Comissão da Energia Atômica norte-americana reuniu o Comité Consultivo para decidir: «primeiro, se em conseqüência das experiências soviéticas se devia ou não alterar o plano norte-americano; depois, se um esfôrço intensivo para a fabricação da super bomba (a de hidrogênio) devia ou não ser pôsto em prática».

O Comité Consultivo chefiado por Oppenheimer opôs-se terminantemente à modificação dos planos que vinham sendo seguidos, porque «não sòmente motivos de ordem técnica como de outras enfraqueceriam a posição dos Estados Unidos pela diversão dos trabalhos para a construção de outro tipo de bomba».

Mas, declara enfàticamente Oppenheimer «eu não persuadi ninguém a não trabalhar na construção da bomba de hidrogênio».

A acusação agora provará se o professor Oppenheimer bloqueou ou não os estudos e a construção da super bomba.

Sabe-se que êle sempre se apôs aos chefes do Comando de Aviação Estratégica (apoiados por Eisenhower e John Foster Dulles) que são de opinião de que a melhor maneira de evitar uma guerra com a Rússia, ou se ela fôr declarada, de ganhá-la, é a de convencer os sovietes do imenso poder de retaliação por parte dos Estados Unidos. Mas isso não é traição — declarou há dias Richard Nixon, Vice-Presidente dos Estados Unidos.

Seja como fôr, J. Robert Oppenheimer foi destruído pela bomba que inventou.

SÓ RESTE DA TERRA UMA SUPERFÍCIE CALCINADA E MORTA



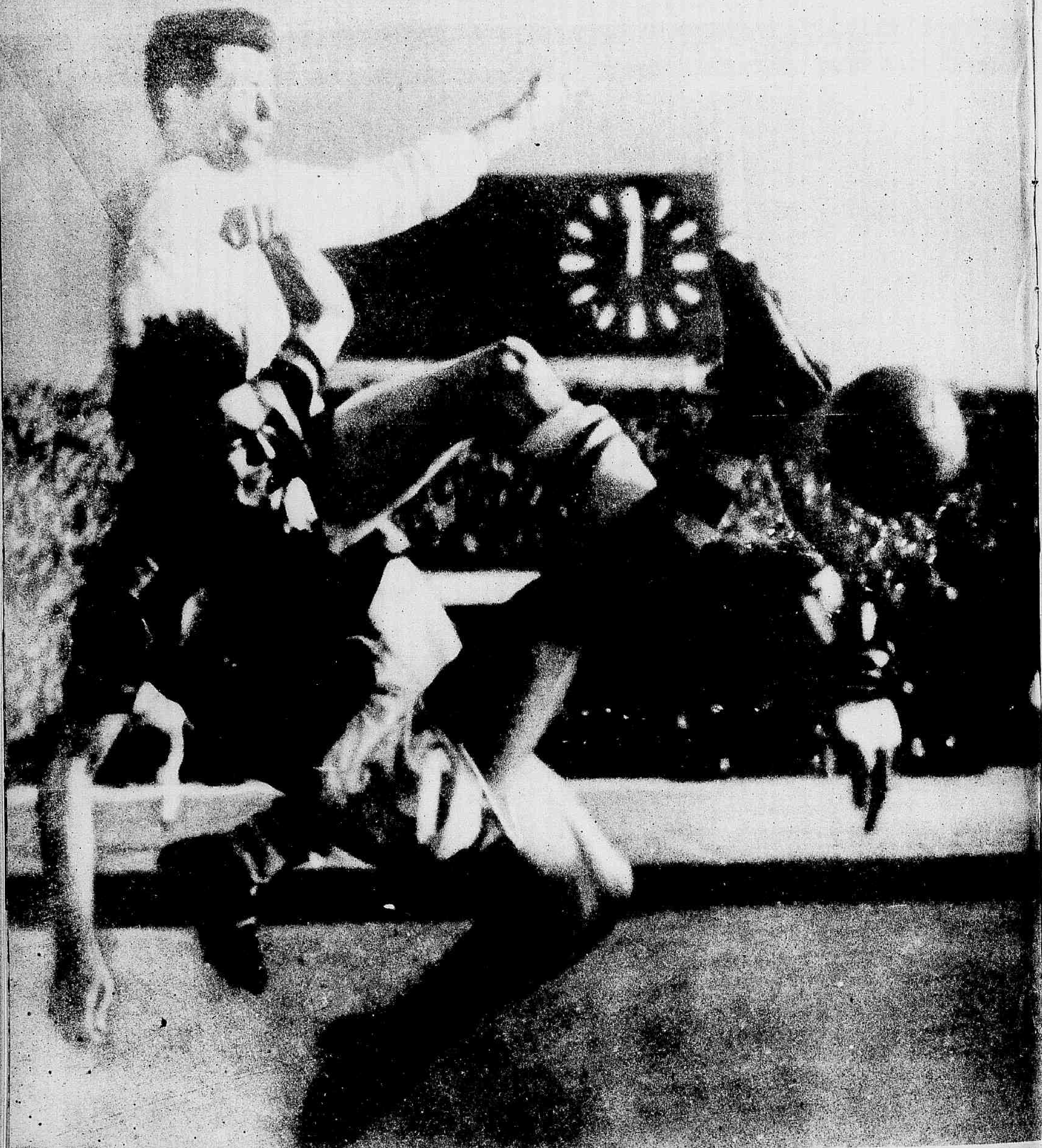
OPPENHEIMER 1945:
A bomba atômica fêz a sua glória.



OPPENHEIMER 1954:
A Bomba de Hidrogênio vai destruí-lo.

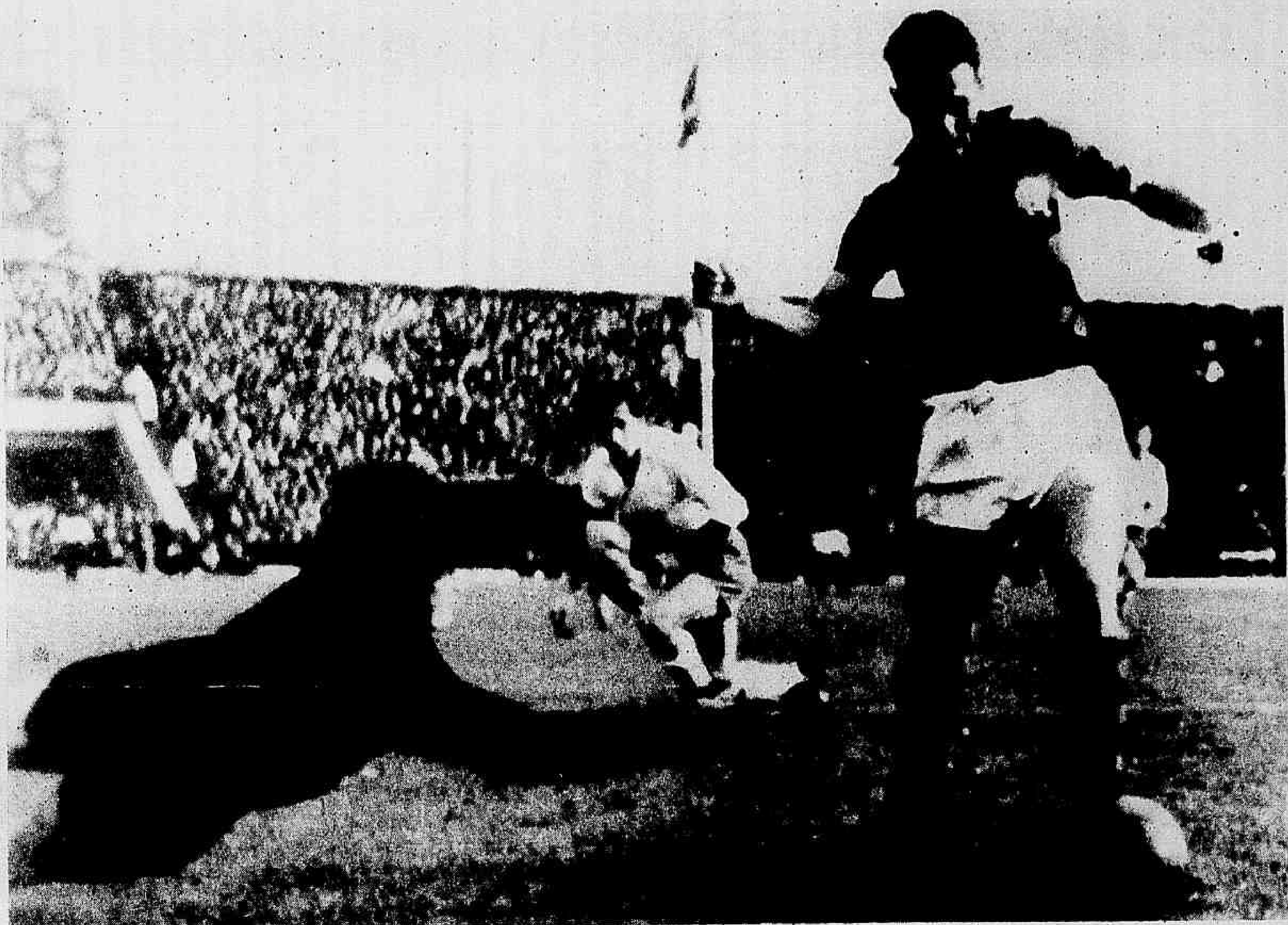


WASHINGTON ACUSA:
A bomba-H poderia ter explodido seis meses antes.



O FLAMENGO arrasou os húngaros

Benitez, considerado pelos húngaros como o melhor «forward» rubro-negro, no lance que antecedeu ao segundo «goal» do Flamengo da série de 5. O goleiro Gulyas atirou-se aos seus pés, mas êle desviou para Zèzinho marcar.



Furando a «cortina de ferro» o Flamengo conquistou a sua primeira e única vitória na Europa, contra o Kinizsi. Vemos Benitez, o artilheiro da temporada, tentando uma bicicleta, apesar da marcação do zagueiro Ombodi.

OS clubes brasileiros constituem agora a grande atração dos gramados europeus. Várias equipes, a maior parte do Distrito Federal, exibiram-se e ainda estão mostrando as suas qualidades perante o exigente público do Velho Mundo, e entre estas a representação do campeão carioca de 53, o querido Clube de Regatas do Flamengo, que em 51 já realizara uma campanha invicta na Europa. Desfalcado das suas principais «estrêlas», o centro-médio Dequinha e os atacantes Rubens e Índio, convocados para o selecionado brasileiro, e realizando uma autêntica maratona futebolística não conseguiu a equipe orientada por Solich repetir a proeza de dois anos atrás, quando regressou do Velho Mundo sem o amargor de uma derrota sequer. Os compromissos de jogos aos sábados e domingos, tendo que se deslocar no intervalo de vinte e quatro horas de uma cidade para outra, desgastaram fìsicamente os jogadores, e daí uma certa queda na produção no conjunto.

Nesta série de empates registrados pelo quadro do «clube mais querido do Brasil», sem dúvida o de maior expressão foi o conquistado frente ao Rapid, de Viena, pelos quais outros clubes cariocas, Bangu e América, não conseguiram passar.

O resultado mais apreciável foi indubitàvelmente a única vitória conquistada pelo quadro brasileiro, o primeiro a atravessar a «cortina de ferro» para dar combate a um time húngaro em Budapest, o Kinizsi, novo nome do Ferencvaros, cujo esquadrão já se exibiu no Brasil há muitos anos. Há muito era aguardada uma «prova de fogo» para se aquilatar o poderio do futebol magiar, considerado o maior adversário do Brasil na próxima Copa do Mundo, em virtude da sua vitória arrasadora sôbre a Inglaterra, em Londres. O Flamengo saiu vitorioso da contenda por 5x0. O mais interessante é ler a opinião dos húngaros através os seus jornais: Diz o «Nesport» — O Flamengo deu ao Kinizsi uma lição de como se pratica o rápido futebol moderno — Opina o «Magyar Nemzet» — a derrota por 5x0, tem pelo menos uma conseqüência: os brasileiros nos ensinaram, e em nossa casa, que não só os húngaros, mas também alguns países sul-americanos sabem jogar o futebol».



Zèzinho juntamente com Benitez constituiu a dupla de artilheiros do Flamengo que furou a «cortina de ferro», marcando notável vitória do futebol brasileiro. Eis o comandante inaugurando o marcador.

UM CASO QUE ACABOU COM A AMIZADE RUSSO-AUSTRALIANA



Ao coronel Sprey, Chefe da Segurança Nacional da Austrália, coube a pior tarefa em tôda a história do «rapto» de madame Petrov.

Mme. PETROV FICOU NO MEIO DO CAMINHO

A POLÍCIA DE SIDNEY PENETROU NO AVIÃO EM QUE ERA CONDUZIDA (PRÊSA) A ESPÔSA DO DIPLOMATA SOVIÉTICO (QUE ESCOLHERA A LIBERDADE) E ARRANCOU-A DAS MÃOS DOS SEUS GUARDAS. — RESULTADO: A UNIÃO SOVIÉTICA MANDOU DIZER À AUSTRÁLIA QUE ESTAVA DE MAL.

A embaixada da URSS em Canberra, capital da Austrália, tem o jeito improvisado e meio espartano que é o jeito da própria cidade — uma cidade nova que foi construída especialmente para ser a capital de uma nação jovem e de mui recente liberdade política. Na noite do dia 20 para o dia 21, o acachapado bangalô soviético, na periferia de Canberra, não apagou suas luzes a não ser quando surgiu o sol. Fôra uma vigília inquieta: horas seguidas, enquanto o sono velava a tranqüilidade das demais embaixadas, dispostas pelas proximidades, o embaixador soviético tinha suas linhas telegráficas diretamente ligadas com Moscou. O «caso Petrov» vivia, então, a sua fase mais aguda. A situação era tensa.

A FRONTEIRA

Vladimir Petrov, segundo secretário da embaixada soviética na Austrália, havia poucos dias cruzara a fronteira que separa o mundo oriental do ocidental. E pedira asilo ao govêrno australiano, depondo, em seguida, nas mãos das autoridades do país, importantes e compro-



Foi em Sidney, a primeira etapa depois de Canberra, que mme. Petrov, ainda a bordo do avião-prisão que a levava de volta a Moscou, começou a gritar por socorro. Agentes da polícia australiana acorreram, e conseguiram libertá-la. Conseqüência: Moscou rompeu relações com Canberra. Na foto, da U.P., mme. Petrov aparece ladeada pelos dois agentes da polícia que foram buscá-la no interior do avião.

U
O

a em-
poucos
mundo
govêr-
mãos
mpro-

meçou
a. Na

o rosto [illegible] transparece tôda a sua aflição ao ser desembarcada, depois de liberta, no aeroporto de Sidney.



V. Karpinsky, diplomata russo, foi um dos encarregados de levar a Moscou madame Petrov. Mas sua missão acabou intempestivamente no aeroporto de Sidney.

Mme. Petrov

metedores documentos. Um dêsses documentos, soube-se em seguida, revela, em todos os seus detalhes, a trama e os métodos de uma poderosa rêde de espionagem na Austrália, e que fôra posta em funcionamento logo em seguida às primeiras experiências atômicas no deserto central da grande ilha britânica.

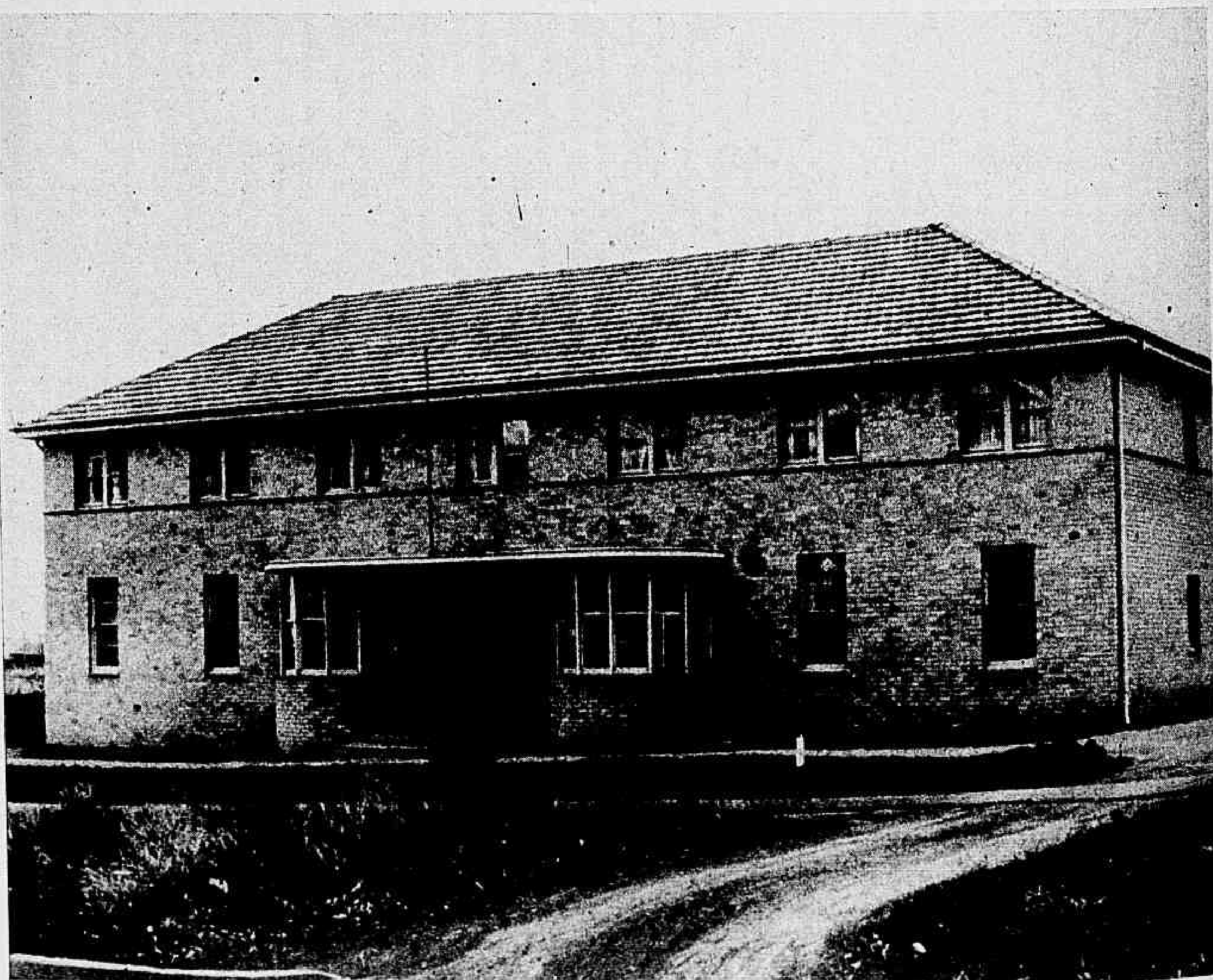
Devidamente asilado, conforme o seu pedido, Petrov foi mandado para o interior do país, ficando em custódia em local até hoje apenas conhecido daqueles que o subtraíram à caça soviética.

Mas, no desespêro da fuga, Vladimir Petrov não tivera possibilidades de trazer consigo a espôsa, a sra Edokiva Petrov. E quando demarches tentaram ser feitas, por parte do govêrno australiano para que ela se juntasse ao seu marido, já era tarde: os russos haviam chegado primeiro, e madame Petrov, guardada na embaixada, dela só sairia para tomar o avião que a devolveria a Moscou.

UMA MULHER COMEÇA A GRITAR

O avião partiu no dia 21 de Canberra. Era uma linha comercial regular e britânica, que se destinava a Londres, com escala em Sidney e em Genebra. Mme. Petrov sabia disso: sabia para onde ia, porque ia e quais as escalas de sua viagem antes de penetrar no mundo sem escalas do outro lado da «cortina de ferro». Ela deve ter amadurecido o seu plano na véspera; ou, talvez, o recurso de que lançara mão, foi apenas o impulso incontrolável e imprevisto de quem se vê à beira do abismo e procura salvar-se de qualquer maneira.

O fato é que, ao descer no aeroporto de Sidney, madame Edokiva Petrov deitou a bôca no mundo, gritando por socorro em russo e em inglês. Tomados de surprêsa ante tal demonstração, tão intempestiva, os seus dois guardas «protetores» tentaram fazê-la calar. Inútil, porém, porque não há fôrça humana, russa, inglêsa ou americana, que possa impedir uma mulher de gritar quando ela está disposta a isto. E o mais que os guardas soviéticos conseguiram fazer foi arrastar a sua valiosa prêsa para bordo do aparelho. Diga-se de passagem que no próprio aeroporto de Canberra, antes de embarcar, mme. Petrov tentara livrar-se dos seus guardas; chegara mesmo a protestar, em voz alta, contra o seu sequestro. Autoridades do aeroporto presenciaram o incidente, logo abafado; e imediatamente se comunicaram com as autoridades da política exterior do país, contando o que viram. Resultado: quando o avião desceu em Sidney, a sua tripulação, devidamente avisada pelo rádio, bem como os funcionários do aeroporto local, sabiam todos que



A embaixada da URSS em Canberra, capital da Austrália. A primeira reação do govêrno soviético, no «caso Petrov», foi de indecisão. Mas depois Malenkov decidiu-se: rompeu relações com a Austrália.

madame Petrov estava fazendo uma viagem a contragôsto. E que daria graças a Deus se alguém ou algum imponderável a subtraísse aos seus algozes.

De maneira que, gritando por socorro, mme. Petrov deu apenas motivo para que as autoridades de Sidney interviessem num caso de sequestro que só precisava, para ser consubstanciado como um crime, do necessário flagrante. As autoridades intervieram, mme. Petrov foi tirada de bordo do aparelho e levada, sob proteção, para a sede da polícia local. Sob proteção e sob os protestos, inflamados e bi-lingues, dos seus guardas — ambos agora de mãos vazias. Um dêles, nervosíssimo, comunicou-se telefônicamente com o seu embaixador, em Canberra. Ninguém sabe o que ficou acertado — mas o fato é que os guardas continuaram sua viagem, e madame Petrov restou.

FICARAM DE MAL

As complicações internacionais vieram logo depois. E já no dia seguinte o rompimento de relações entre a Rússia e a Austrália era um fato consumado. A nota distribuída pelo govêrno soviético dizia:

«O alvorôço provocador causado pelo govêrno australiano em tôrno do criminoso Petrov, e o sequestro, consumado pelas autoridades australianas de Petrova, uma funcionária da embaixada soviética na Austrália; o ataque aos diplomatas e aos correios diplomáticos soviéticos, assim como a revista aos correios diplomáticos, realizada pela polícia australiana, no curso da qual tomaram-se medidas físicas, constituem a mais absurda violação das normas universalmente aceitas do direito internacional e não podem ser permitidas nas relações diplomáticas normais entre os Estados».

Em seguida, a nota exige a entrega do casal Petrov, assim como a punição dos «indivíduos culpados dos atos de violência», e acrescenta:

«Ante as circunstâncias criadas, o govêrno soviético resolveu retirar imediatamente seu embaixador e o pessoal da embaixada na Austrália. Ao mesmo tempo, o govêrno soviético declara que, em tais condições, é impossível que o pessoal da embaixada australiana permaneça em Moscou».

O resto, foi a tramitação de praxe. O embaixador autraliano, em Moscou, teve três dias para arrumar os seus pertences e deixar o país, acompanhado de todo o pessoal da embaixada. «Ultimatum» idêntico foi dado, em Canberra, ao embaixador soviético, o sr. Generalov. E agora os dois países estão irremediàvelmente de mal. E o casal Petrov, sigilosamente guardado em «qualquer ponto» da imensa ilha. Entrementes, o mundo inteiro aguarda que sejam revelados os terríveis segredos que Vladimir Petrov, na sua determinação de «escolher a liberdade», deixou nas mãos do govêrno australiano.



F. Jarkov, o outro funcionário soviético (diz a U.P. que êle pertence a NKDV) encarregado do «caso Petrov». Agora tem que explicar em Moscou por que o plano não pôde ser executado.



E' nesse bangalô, meio tropical e meio inglês, em Darsin, que primeiro refugiou-se madame Petrov. Trata-se da sede do govêrno local.



Pixinguinha e Benedito Lacerda em plena «ação». Os paulistas souberam aplaudir a autenticidade de sua música e a graça de seus choros e valsas. Foram aplaudidos, e de pé, como mereciam.

SÃO PAULO APLAUDIU (de pé) A GENTE DA VELHA GUARDA

A Almirante os louros da magnífica festa que foi o «1º Festival da Velha Guarda», da Rádio Record ★ Gente pobre e gente rica, curiosos e intelectuais se renderam à flauta de Benedito Lacerda e ao saxofone de «Pixinguinha» ★ A festa do «Clubinho» só terminou quando a turma caiu de cansaço ★ João da Baiana rasgou o cartaz do Joãozinho da Goméia ★ Coisas que não se ouviam em S. Paulo desde a revolução de 32.

Reportagem de DEL NERO NETTO e FLÁVIO PÔRTO

A idéia nasceu de Almirante, em um bar de São Paulo e podemos dizer que em seus quatrocentos anos esta cidade nunca viu surgir uma idéia tão boa. Após o almôço, onde também se encontravam o repórter Flávio Pôrto (e a cheia de «bossa» Aracy de Almeida), já estava tudo combinado. Almirante por-se-ia em campo em seu trabalho de pesquisa para arregimentar a gente velha, com tradições de serenatas, dos choros, de cateretês, lundus, etc. Iriam homenagear Pixinguinha, e seus cinqüenta e seis anos de existência. Flávio Pôrto cuidaria de avisar e procurar interessar aquêles que sempre gostaram dessas coisas; Sérgio Pôrto, Lúcio Rangel, Mário Cabral, Nestor de Holanda, José Sanz e outros, muitos outros. Pediria a êles, como também ao pessoal de São Paulo que divulgas-

sem a realização. Aracy cuidaria de outra parte, falaria com Clóvis Graciano, presidente do «Clube dos Artistas», para conseguir o local que bem se prestava à festa que se tinha em mente realizar, e onde, também, poderia se encontrar, em São Paulo, as pessoas que têm bom gôsto suficiente para participar de uma reunião daquela natureza. Cabia também a ela agir junto à Comissão do IV Centenário para despertar-lhe a atenção sôbre o fato. Tudo isso foi feito apenas em parte. O que os dois não fizeram fê-lo Almirante. Do resto, condução, hospedagem, programa de rádio, nem se cogitou. Sabia-se que Paulo de Carvalho em sua magnanimidade se incumbiria de tudo. Dito e feito. Ainda que pareça incrível, tudo saiu como se esperava, apesar de estarmos no Brasil. As 3 horas da tarde uma sexta-feira, despencavam em pleno centro da cidade de São Paulo, de ônibus, onde se lia, gravado em uma faixa: «1º Festival da Velha Guarda, Rádio Record», o grupo todo — quem assistiu ao desembarque não acreditava, — isso lògicamente quem os conhecia — Alfredo da Rocha Viana, «Pixinguinha», nascido em Catumbi, no longínquo 1898; Alfredo José Rodrigues, «o Alfredinho do Flautim», de 1886; e também o «Donga», com seu nome de ministro do Tribunal de Contas, Ernesto Joaquim Maria dos Santos, Campista de 1891. Depois, vimos «Mirinho», que nasceu em 1905, já de violão em punho, saltar ao mesmo tempo que «Caninha», um dos mais antigos seresteiros, autor do Rio de Janeiro que é, se assim o podemos chamar, o decano de todos, é de 1881. Dizia a «Mirinho»: «Anda menino. Estás atrapalhando os outros» que, para o maior escantamento dos apreciadores da genuína música popular eram: Patrício Teixeira, João da Baiana, Bide, Léo da Rocha Viana, irmão de «Pixinguinha», «Mulatão», Nozinho, Bororó, Henriquinho de Melo Morais, Mário Cabral, (verdadeiro autor de «Uma farra em Campo Grande»), e mais Lúcio Rangel e Sérgio Pôrto, que às gargalhadas já vinham contando histórias fabulosas dos choros e «cachaçadas» que aconteceram pelo caminho.

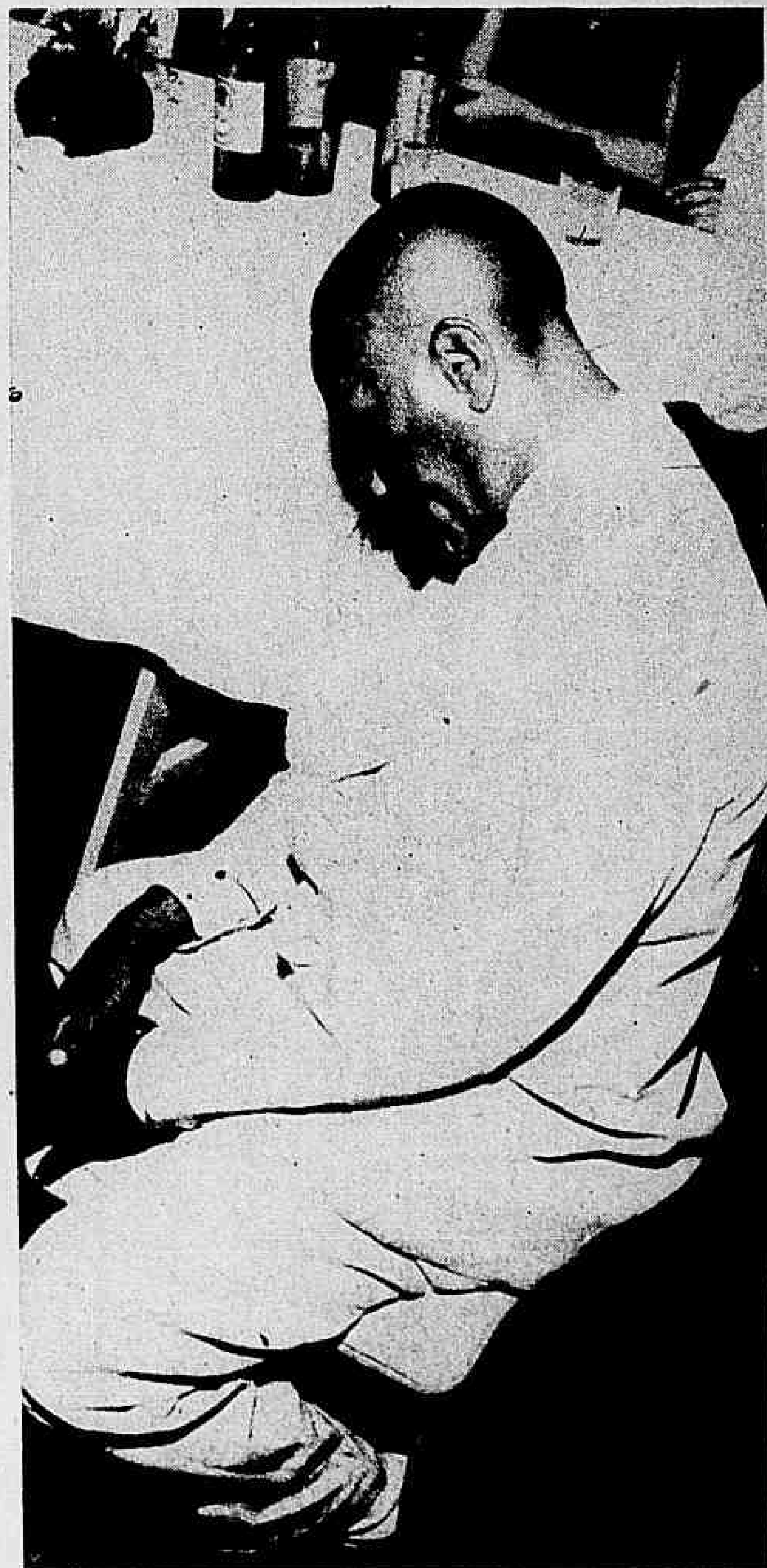
O PRIMEIRO DIA

No primeiro dia, às 20,30 tôda aquela gente boa estava na Record de onde iria para o ar, um programa sôbre a vida de «Pixinguinha», escrito por Almirante. Foi um sucesso e ao terminar, palmas sem conta se fizeram ouvir por parte de todos quantos vieram prestar, no auditório da rádio, sua homenagem simples aos fabulosos valores do passado. Era o primeiro contato dos «chorões» com o povo paulista, um contato inicial com a gente simples, humilde, que em pé os aplaudiu delirantemente. Depois, a próxima parada seria o «Clubinho», núcleo de boêmios e intelectuais da paulicéia. Estavam ali o Clóvis Graciano, o cineasta Alberto Cavalcânti, Luís Lopes Coelho, que outro não é senão o primeiro secretário da Embaixada Carioca em São Paulo, além de um dos maiores advogados da praça, os «gran-finos» Eduardo Medeiros e Pedro Sérgio Morganti, o poeta Jamir Almansur Hadad, o pintor Aldemir Martins. Como vêem, gente dispares em atividades, reunidas pelo desejo comum e irrefreável de ver tôdas aquelas figuras quase que lendárias da música brasileira. Havia mais pessoas. Uns foram lá apenas por curiosidade; é o caso do Andrèzinho Matarazzo, que como é óbvio deve apreciar muito pouco dessas coisas. Como não podia deixar de ser, além dos «curiosos» ainda anotamos outras figuras. Vimos, por exemplo, uma «granfininha» que chegou, olhou superiormente e saiu-se com esta: «Vamos embora, tem muito negro aqui dentro». Mal virara as costas e a flauta de Benedito Lacerda encheu a sala. Ela parou, escutou e dali a dois minutos estava completamente a vontade, em pé, aplaudindo com tôdas as fôrças de suas brancas mãozinhas, o ritmo da música contagiante feita naquele momento pelo flautim de Alfredinho, a flauta de Benedito e o sax de «Pixinguinha», o violão de «Donga», o pandeiro de João da Baiana e ainda, de quebra, a voz de Patrício Teixeira. E' bom que explique, para que os leitores tenham uma noção exata do que foi a festa da «velha guarda», que a sede do «Clubinho» é um sub-solo muito bem arrumado, dispondo de um

A SAUDADE E A CANÇÃO DA "VELHA GUARDA"







Pixinguinha, não está dormindo. Apenas presta atenção as execuções de Patapinho, seu discípulo. João da Baiana, pediu um charuto para espantar os maus espíritos, mas, já cansado, dormiu com êle e tudo para os «espírito não chegá». Patrício Teixeira, a exemplo das cigarras, cantou e depois «capotou» todo com seu impecável terno branco.



Pixinguinha e Patrício Teixeira, entre os dois mais incorrigíveis seresteiros do Rio: Bororó e Henrique de Melo Morais. O primeiro «meirinho» e o segundo delegado de polícia, sempre fizeram boêmia na base da água tônica, coisa rara em nossos dias.



Donga, Jacomino Palmieri e Pixinguinha, os remanescentes do que foi um dia «Os Oito Batutas» que no longínquo ano de 1922 empolgou os europeus, fizeram desta feita «tremer os alicerces» do Clube dos Artistas no Festival da Velha Guarda.

bom bar e boas bebidas. Estava duro de gente. A folia começou às 22,30 hs. e foi até às 5 da manhã. P'ra mais não deu, porque muitos dos bons sambistas, como as fotos atestam, foram vencidos pelo cansaço da viagem, pelas múltiplas emoções daquele dia movimentado e também pelo «whisky» que rodou a grosso. Enquanto durou, entretanto, marcou época. O pessoal estava cheio de «bossa», executando para os paulistas coisas que por aqui nunca se tinha ouvido, pelo menos depois de 1930. Um autêntico «show». «Lamentos», «Kekerekekê», do João da Baiana, «Chorei», «Carinhoso», inúmeras valsas, centenas de solos, evocações dos mestres já mortos, como Cândido das Neves, Eduardo Souto, Brancura, Ernesto Nazaré, tudo isto estêve presente na noitada da música que o Almirante inventou. No meio daquele «it parade» genuinamente caboclo foi feito um leilão de velhas músicas, de músicas em que «Pixinguinha» aparecia tocando flauta, coisa muito velha e pouco conhecida. Tudo estava destinado a ter o melhor fim possível, também o leilão foi um espetáculo, com uma renda bastante compensadora. E' bem possível, quase certo, que jamais o «Clubinho» tenha proporcionado a seus freqüentadores uma festa tão deliciosa, tão diferente de algumas que certos cavalheiros lá organizam.

O entusiasmo, que entusiasmo contagiante estêve presente a todos os capítulos da sensacional noitada. Visitantes e hóspedes externavam alegria por todos os poros. Ao fim de cada música uma tempestade de palmas caía sôbre os velhos sorridentes. Todo mundo em pé, ovacionava efusivamente os que foram reis e continuam a manter intacta a grande majestade de que são donos. E assim foi. Às 5 horas da manhã, «Pixinguinha» já havia «aterrado», «João da Baiana» ressonava profundamente e Patrício Teixeira estava afundado em uma cadeira sonhando talvez com a longínqua mocidade pontilhada de eventos festivos como aquêle. Às 5 horas, apesar de haver muita gente ainda com disposição para levar a coisa até às oito ou nove, deliberou-se a retirada e a festa do «Clubinho» terminou.

OUTROS HERÓIS

Os heróis da festa, que apareceram em público e desfrutaram os merecidos e calorosos aplausos da gente paulistana, foram os velhos,



A turma da «velha guarda», depois do quinto «copo» foi esquentando, e o público se aproximando. Aí estão «Bide», «Mano Edgar», «Bororó», «Alfredinho», Benedito Lacerda e «Pixinguinha».

os da «velha guarda». Mas nessa festa que foi uma das mais belas homenagens prestadas a São Paulo, em seu IV Centenário, tem-se de deixar escrito com letras indeléveis os nomes de Almirante e de Paulo de Carvalho. Almirante é êsse homem simples, um gigante batalhador em prol da boa música, graças a quem se deveu em grande parte o Festival. Êle estêve presente a tudo, a tudo atendeu em tempo e a hora. Lavrou um tento que o faz credor do agradecimento de quantos tiveram o prazer de escutar o que os velhos executaram. Paulo de Carvalho é também outra figura impressionante, um verdadeiro cavalheiro dono de apurada sensibilidade que não sabe se negar quando se trata de uma iniciativa de méritos como essa que Almirante teve. Paulo de Carvalho se colocou inteiramente a disposição dos organizadores do Festival. Cedeu sua rádio, contribuiu financeiramente, mandou imprimir medalhas que foram distribuídas, enfim, fêz tudo o que se esperava de seu espírito progressista. Mereceu reparos, a Comissão do IV Centenário. Limitou-se a mandar fazer umas medalhas, por sinal muito bonitas, que foram dadas aos «chorões». Afinal de contas, poderia ter feito mais. Faltou espírito público ao poeta Guilherme de Almeida e faltou-lhe também sensibilidade para poder compreender tôda a beleza que há nas canções e na alma daquelas pessoas humildes, que são os verdadeiros poetas do povo, com sua música simples e autêntica, sem as sofisticações de gabinetes arranjados a última hora.



Almirante, «a maior patente do rádio», é agora figura benquista do povo de São Paulo pela grandeza de sua idéia, pelo amor que dedica a música popular brasileira e pela vitória de seu esfôrço.

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL

OUÇA

MÁRIO ZAN

segundas, às 20,35

★

CARLOS GALHARDO

têrças, às 21,35

★

ANSELMO DUARTE
e
ILKA SOARES

quartas, às 20,35

★

TRIO NAGÔ

quintas, às 21,00

★

CASCATINHA e INHANA

sextas, às 19,05

★

INEZITA BARROSO

sábados, às 20,00

★

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

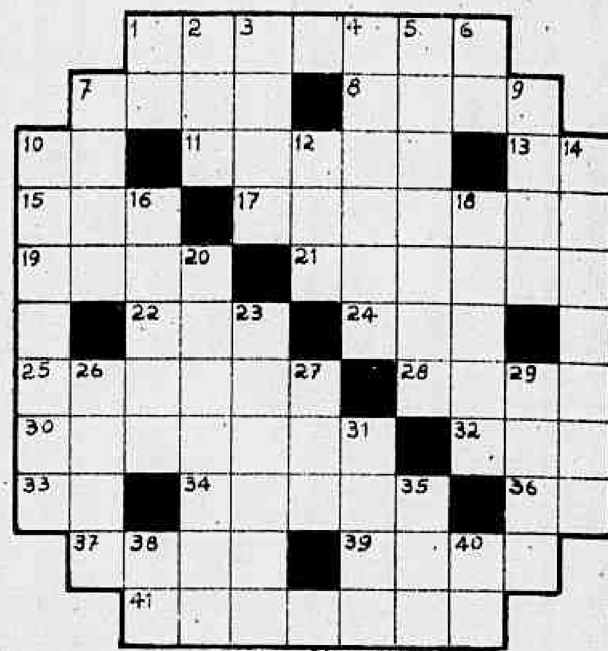
ondas médias 1.000 kcs. 300 metros

ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Palavras Cruzadas

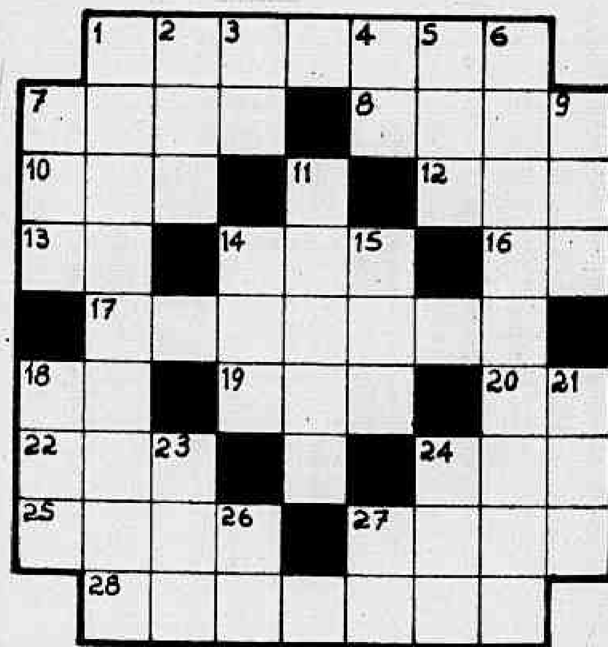
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Acrescentamento; ornato — 7. Sem mistura — 8. Vagalume — 10. Cidade de Nova Caledônia — 11. Estante — 13. Variedade de melão — 15. Asa de inseto — 17. Ouro falso — 19. Sacerdote budista — 21. Enfermidade — 22. Patrão — 24. Numerosos — 25. Inutilizara-se — 28. Canoa usada pelos índios do Amazonas — 30. Matizes — 32. Espécie de aguardente — 33. Desinência verbal — 34. Pesar — 36. Contração — 37. Árvore da família das Aceráceas — 39. Sedutor — 41. Composto que se extrai do ásaro.

VERTICAIS: — 1. Vinhaço —2. Constelação austral — 3. Confirmado — 4. Desabaram — 5. Orgulho, vaidade — 6. De outro modo — 7. Tudo que concorre para um fim — 9. Capitão do pôrto, em Malabar — 10. Nocivo — 12. Uma das ilhas Hébridas — 14. Brilhante grande, mas de qualidade inferior — 16. Amarga — 18. Tirar os haveres de alguém, deixando-o sem nada — 20. Corrente de ferro, na ostaga da gávea alta (pl.) — 23. Aproximara-se — 26. Tontura — 27. Rio da Suíça — 29. Qualquer coisa — 31. Entrecasca — 35. A senhora das águas (mitologia escandinava) — 38. Neste mundo — 40. Símbolo do gálio.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Alcunha; sobrenome de família — 7. Querer bem — 8. Escarnecerá — 10. Oceano — 12. Nome de mulher — 13. Brisa — 14. Designação genérica dos vegetais — 16. Outra coisa — 17. Conservam em seu poder — 18. Filho de jumento e égua — 19. Pedra, em tupi — 20. Preposição — 22. Raiva — 24. Ligo — 25. Canoa de casca de madeira usada pelos índios do Amazonas — 27. Fiasco — 28. Do verbo rastear.

VERTICAIS: — 1. Causar margura — 2. Casal — 3. Símbolo do érbio — 4. Seguir — 5. Vinte e quatro horas — 6. Adôrno, ornato — 7. Criada — 9. Certa planta da Índia — 11. Deus da guerra — 14 — Cai — 15. Nome de mulher — 18. Dá miados — 21. Triture — 23. Une — 24. Interjeição de espanto — 26. Pessoa exímia — 27. Criminosa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 13

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — ril — aum — cal — iátrica — ombro — ritos — aa — uma — an — atra — goza — re — rufia — El — ojás — sina — ac — sim — ta — urupá — avará — sensual — ama — aos ora.

VERTICAIS: — rio —libar — atou — Ur — mira — catão —
VERTICAIS: — rio — libar — atou — Ur — mira — catão — gás — ala — acusa — ítalo — sana — maus — ubá — pé — vá — aia — só.

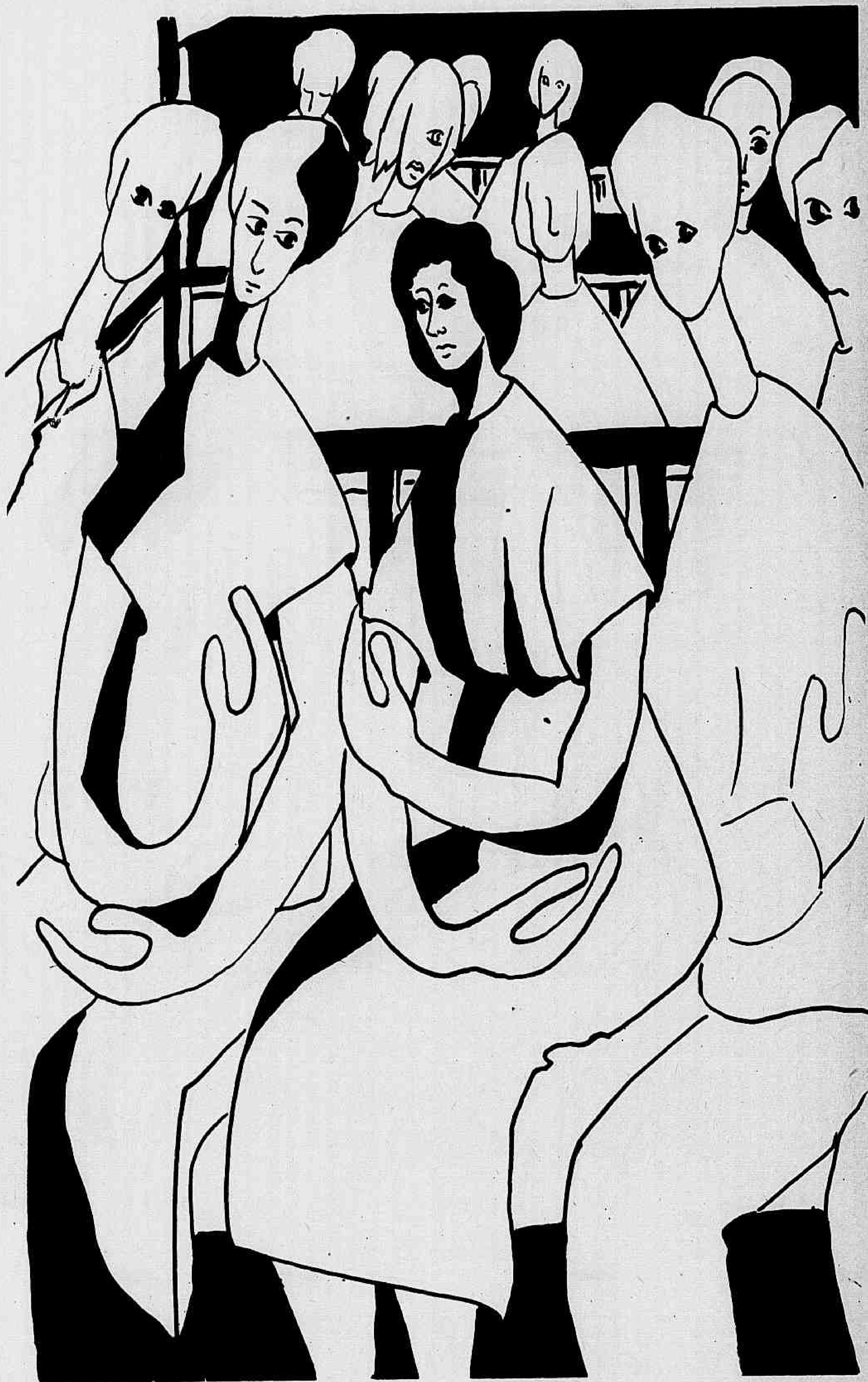
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — amo — ora — rotas — a l — sua — má — el — pó — Omar — maré — ar — ir — és — mas — em — corar — ata — ira.

VERTICAIS: — ara — or — atua — os — áia — Os — aa — lemas — morre — lar — pai — dar — era — mó — sã — mia — cá — ri.

As águas vão rolar

PEDRO MÜLLER



Desenho de MARIA TERESA

HAVIA quatro pessoas naquele banco do bonde e eu fui justamente o quinto a sentar-me e, com sorte, peguei a ponta, junto ao estribo que vem gratificada com o vento provocado pelo deslocamento do veículo. Assim, quando o passageiro ao meu lado esquerdo se levantou para saltar e a senhora me perguntou se queria sentar-me junto dela, eu, maquinalmente, não querendo perder a ponta, disse que não. Entre ela e eu sentou-se um homem de seus 35 anos, alourado.

— «Eu queria que o senhor se sentasse ao meu lado porque êle (referia-se ao homem que estava sentado entre nós) está de camisa de esporte».

— «Mas, respondi eu, já notando seu jeito gordo e conservador, isso não tem importância...»

— «Tem sim porque eu também estou de mangas até os cotovelos e vamos ficar com os braços encostados; devia ser proibida a camisa esporte».

Então, saí da conversa e fiquei apenas ouvindo o diálogo entre os meus dois vizinhos mais próximos.

— «Mas, minha senhora, as mulheres andam de «tomara que caia»...

— «Eu não estou; ao contrário, meu costume é bem fechado».

— «Mas a senhora está de braços de fora».

— «Ah, mas o «feitio» do vestido era assim». Então, como outro passageiro desse um palpite favorável ao homem da camisa esporte, ela completou:

— «Eu sei, sou a incomodada e que, portanto, deveria me mudar, mas acontece que eu sou mulher de general e mulher de general não tem dinheiro para comprar automóvel. Nem eu, nem meu marido temos carro. Quando os senhores ouvem falar de certos generais que estão bem de vida (ela citou alguns) pensam que todos estão assim, mas não é nada disso. Meu marido, além de general é professor e, no entanto, não tem o apoio que deveria ter. Quem tem automóvel é o comandante do batalhão. Mas, quanto ao braço de fora, diga-me uma coisa: o senhor gostaria de ver alguma senhora de sua família de braço encostado num homem estranho? Eu só gosto de me encostar em meu marido; quanto aos outros, causa-me um certo desagrado...

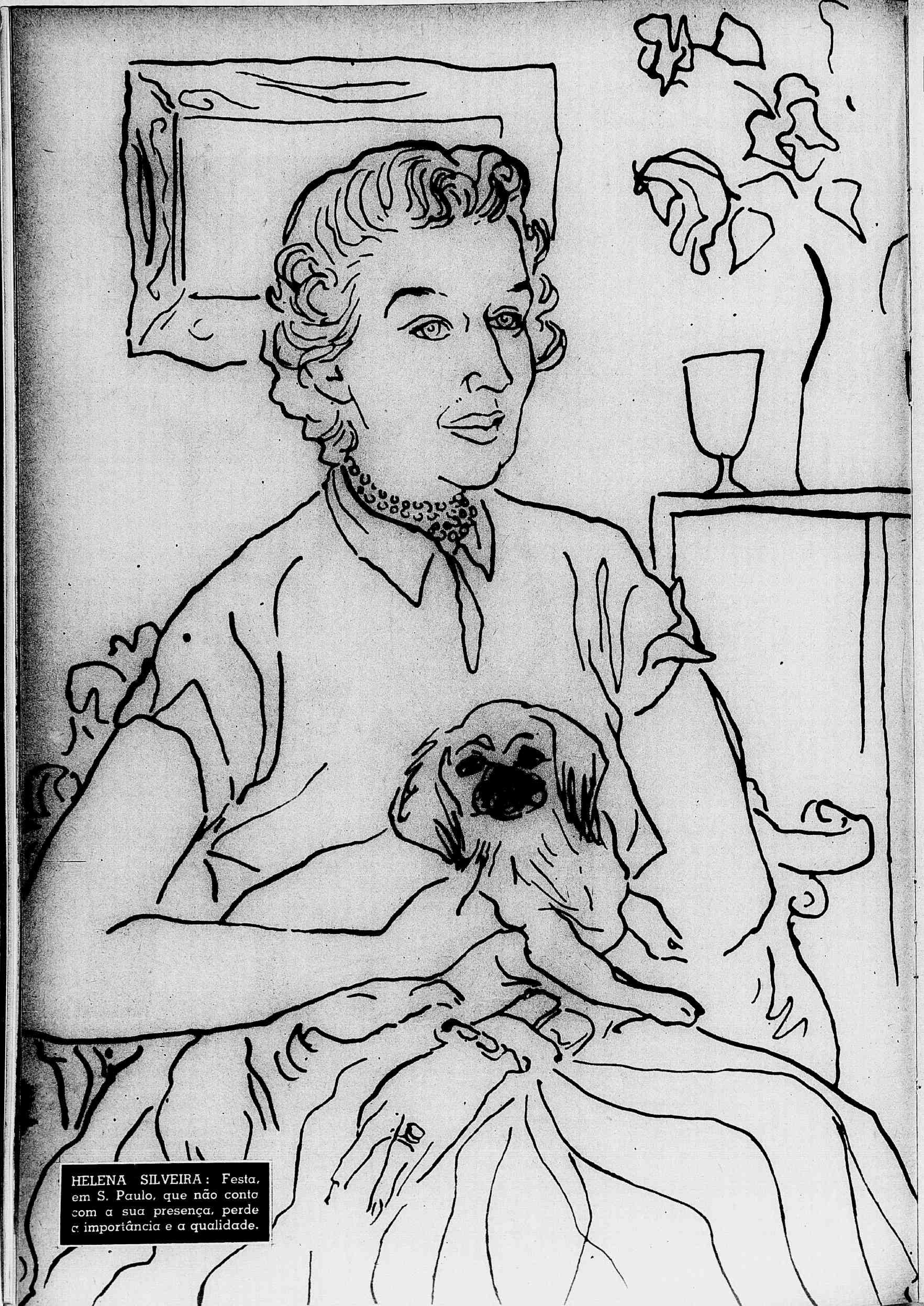
— «A senhora me desculpe, mas o calor é grande».

— «O senhor sabe, eu também sinto calor. Embora ache esta cidade uma beleza, eu que sou poetisa. Aí a conversa (se é que havia conversa, pois ela havia tomado conta da bola e não a devolvia mais) generalizou-se e tendeu para a poesia, tendo ela recitado um pequeno poema de sua autoria que, pela forma, lembrou-me os sonetos de Gregório de Matos. A seguir, começou a falar de suas três filhas, casadas com cariocas, ressaltando que, ao se reunirem em sua casa, por maior que seja o calor, jamais usam camisa esporte. Daí por diante a conversa foi tomando diversas direções e o bonde (que eu havia tomado errado) mudou de rumo e eu fui obrigado a saltar, não sem antes ter dito com uma piscadela de olhos ao homem da camisa esporte:

— «Boa viagem».

Ao que êle retrucou, rindo:

— «As águas vão rolar...»



HELENA SILVEIRA: Festa, em S. Paulo, que não conta com a sua presença, perde a importância e a qualidade.

HELENA SILVEIRA: um milhão de olhos e de ouvidos

NÃO possui arquivos implacáveis, mas é implacável na notícia. Brigar com ela é a morte, quase, porque é mexer com todo o clan dos Silveiras (os de São Paulo, não os pobrezinhos de Sergipe), cujo lema poderia muito bem ser: «E pluribus unum». A cronista Helen diverte-se, às vêzes, escrevendo contos, e então é a Helena Silveira de «Mulheres freqüentemente» para alegria do editor e dos leitores. É uma enciclopédia viva da etiquêta. Em casa, tem trilhões de livros, bilhões de «bibelots» e milhões de amuletos. Vive às turras com os trocadilhos do poeta Jamil, seu marido, e numa correria de almoços para coquetéis, de coquetéis para jantares e dêstes para recepções. Não é onipresente mas é onisciente e a crônica que escreveu acêrca de uma festa (a que não foi) em homenagem a uma aristocratíssima cadela, deu a volta ao mundo e acabou no «Time Magazine». Capaz das maiores brigas, é não menos capaz das pazes mais lindas, como as que fêz, ainda há poucos dias, com Osvaldo de Andrade. Tem a seu serviço um telefone com «switch-board» em casa e no jornal, e uma legião de olhos e ouvidos em tôda a cidade e arredores. É a papisa da crônica social de São Paulo.

★

PING — O que é indispensável para o êxito de um coquetel?

PONG — Ninguém entender o que os outros estão falando.

PING — Se oferecesse um almôço a um príncipe de sangue, qual o menu?

PONG — Duvido que alguma vez convidasse um príncipe de sangue.

PING — Quem seria imprescindível convidar para um jantar, de seis pessoas, a um príncipe da Igreja?

PONG — Ih! Não vamos mexer com Dom Carmelo...

PING — Então, ao menos, diga quem mais convidaria para um almôço ao capitão do onze brasileiro, se êste vencesse a Copa do Mundo de 54.

PONG — Não existe no mundo das artes, das letras ou da sociedade paulista, alguém à altura.

PING — Qual a festa mais sensacional que jamais houve em São Paulo?

PONG — Aquela a que eu não fui, mas da qual fiz a reportagem, oferecida pelo casal Nelson Mendes Caldeira, para homenagear a cachorrinha Yecla (a Cleópatra das cadelas) em que a bichinha apareceu com um colar de pérolas (que afinal eram bolas de marfim) de três voltas, no pescoço.

PING — E qual a festa mais decepcionante a que assistiu?

PONG — A da noite de 24 para 25 de janeiro último, quando eu, no auge do patriotismo, fui com um grupo de amigos para a esquina na avenida São João com a de Ipiranga, assistir ao Fôgo de Artifício, que afinal não houve. Quando o Banco do Estado de São Paulo não tem crédito nem como fogueteiro, o negócio vai mal.

PING — Qual a senhora mais bonita da sociedade paulista?

PONG — Marinela d'Aragão Monteiro de Barros.

PING — E a mocinha mais linda?

> A PAPISA DA CRÔNICA SOCIAL (DE SÃO PAULO) É, NO SEU SETOR, ONIPRESENTE E ONISCIENTE — E INFORMA QUE O ÊXITO DE UM COQUETEL DEPENDE DE «NINGUÉM ENTENDER O QUE OS OUTROS ESTÃO FALANDO».

Reportagem de

CARLOS MARIA DE ARAÚJO

PONG — A minha garôta de 53, Vera Helena Calimério.

PING — Qual o homem mais elegante que conhece?

PONG — Hesito entre o «maitre» do Oásis e o sr. Franchini Neto.



PING — E qual é o mais deselegante?

PONG — O filósofo Luís Washington.

PING — Seria capaz das maiores audácias, mesmo um salto em paraquedas, para surpreender uma reunião secreta?

PONG — Para uma cronista social que se presa, não existem reuniões secretas.

PING — Qual o pileque (de homem) mais divertido que presenciou?

PONG — O de Domingos Carvalho da Silva numa festa em casa do editor Barros Martins. Domingos declarava violenta e persistentemente o seu amor a tôdas as senhoras presentes, sem distinção de côr, idade ou estado civil...

PING — E qual o pileque (de senhora) mais divertido que recorda?

PONG — Nenhum. As mulheres, quando bebem demais, ficam chatíssimas.

PING — Possui arquivos secretos?

PONG — Não. Nem sequer tenho um diário ou um caderno de apontamentos.

PING — Quem considera a mais paulista das paulistas de quatro séculos?

PONG — Maria Cândida Ribeiro Machado, minha tia-avó e mãe de criação. Abriu fazendas nas terras roxas de Batatais, cozinhou para os primeiros emigrantes italianos e recebeu o diploma dos estudos das mãos de Dom Pedro II.

PING — Qual a mais eficaz destas duas armas femininas: o sorriso ou o pranto?

PONG — Ambas são bêstas.

PING — E o quê substituiu o leque na vida amorosa da mulher de hoje?

PONG — Os óculos «ray-ban».

PING — Qual a maior sinuca em que se viu metida por causa de suas crônicas?

PONG — A minha reportagem, como fotografias, de uma festa a que compareceu o deputado Auro Soares de Moura Andrade com sua amiga Conceição Santamaria, e onde também se encontrava o dr. José João Abdalla, inimigo daquele. No jornal não separaram, com um fio branco, as duas fotografias, pelo que pareceu que os três estavam juntos. O deputado (mais moura do que auro) foi para a tribuna da Câmara insultar-me, chamando-me de mistificadora. Por causa de um fio perdeu a linha...

PING — O que mais aprecia na vida?

PONG — Dormir, dormir.

PING — E o que mais detesta?

PONG — Romances acumênicos...

PING — É supersticiosa?

PONG — Demais. Nossa Senhora da Aparecida!

PING — Qual a frase de amor mais bonita que conhece?

PONG — «Você telefona amanhã?»

PING — O que pensa de seu marido?

PONG — Se tivesse que errar outra vez, erraria de novo casando com êle.

PING — E qual o maior de todos os erros?

PONG — O que Deus fêz, criando tanta terra e tão pouco mar.

PING — Com quantos minutos de duração começa um beijo a ser escandaloso?

PONG — Um beijo nunca começa sendo escandaloso. Contudo, pode já sê-lo no fim do primeiro segundo.

PING — Qual o seu palpite para governador do Estado e para a presidência da República?

PONG — Para governador, o ótimo Luís Lopes Coelho. E para presidente, como isto é o país do futebol, o Baltazar ou o Brandãozinho.

PING — Pode definir sua personalidade numa frase curta?

PONG — Uma mulher sem complicações que, às vêzes, escreve bem, graças a Deus.

Os maiorais:

A GLÓRIA DE DOIS EM DOIS

EM 1939, poucos meses antes da guerra, o prefeito La Guardia, de Nova York, propôs que fôssem armazenadas num cofre de aço algumas amostras do que de mais significativo o século XX havia produzido: livros, retalhos de metais e ligas, um quadro, pano de roupa e matéria plástica, uma porção de coisas mais. E que tudo fôsse enterrado para que, milhares de anos após, os homens da Posteridade, numa de suas inevitáveis escavações, descobrissem aquêle resumo da vida e dos engenhos dos seus antiquíssimos similares de um século remoto e quase sem lembrança. Assim foi sugerido, e assim foi feito. Mas de 1939 para cá o mundo correu, em quinze anos, mais depressa do que correra antes em cem anos. E que resta agora, no enterrado baú do prefeito La Guardia, de realmente afirmativo e característico do século atual? A lógica manda que êle seja desenterrado e todos os seus pertences, tão simplórios, sejam substituídos por essa coisa chamada Bomba de Hidrogênio (aquela do dia 26 de março último) que resume, com a sua terrível presença, tudo o que a inteligência humana do Século XX criou e destruiu... Esta página pretende ser um arremêdo do baú do prefeito La Guardia. Na impossibilidade de recolher das figuras nacionais que melhor representam o Brasil na hora atual, porções de suas obras e dos seus engenhos (porque o espaço não caberia tanto) tomamos a iniciativa um tanto ligeira, de encaixotar as próprias personalidades, pelo que pedimos desculpas. Encaixotemô-las, dois de cada (quase o exemplo de Noé) e esperemos mil anos para desenterrá-los: veremos, então, o que sobrou e o que ficou...

MÚSICA




ELEAZAR DE CARVALHO e VILA-LÔBOS

Um rege bem o que o outro compõe melhor.

LITERATURA




MANUEL BANDEIRA e ZÉ LINS DO RÊGO

A melhor poesia e a melhor ficção.

[illegible]




PORTINARI e DI CAVALCANTI

Descobriram as côres brasileiras.

ESCULTURA




BRUNO GIORGI e SESCHIATI

O estilo novo é duro e vivo.

ARQUITETURA




LÚCIO COSTA e OSCAR NIEMEYER
Enfrentaram e venceram o barroco.

HUMORISMO




VÃO GÔGO e LEON ELIACHAR
No próprio homem a graça de todo dia.

CINEMA (direção e Produção)




FRANCO ZAMPARI e ALBERTO CAVALCANTI
Vão figurar no 1º capítulo da história do cinema

FUTEBOL




ZEZÉ MOREIRA e ZIZINHO
A melhor cabeça e os melhores pés.

RÁDIO




VICTOR COSTA e PAULO DE CARVALHO
Na Nacional e na Record, venceram tôdas as ondas.

TEATRO



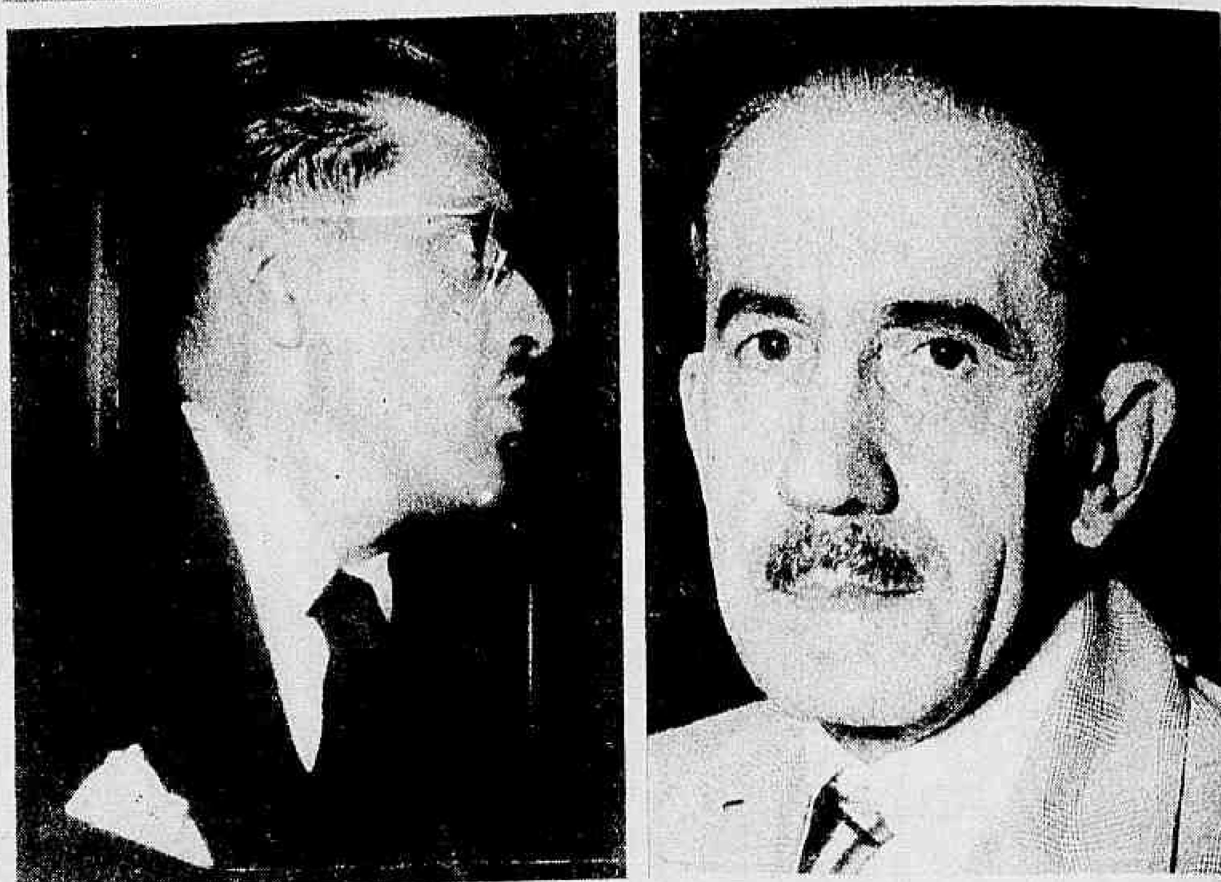

PASCOAL C. MAGNO e HENRIETTE MORINEAU
Inteligência no palco, sacrifício nos bastidores.

CINEMA ("astros")



JOSÉ LEWGOY e TÔNIA CARRERO
O homem mau e a mulher boa.

ADVOCACIA



EVANDRO LINS E SILVA e SOBRAL PINTO
A verdade de um é a coragem do outro. E vice-versa.

INDÚSTRIA e COMÉRCIO



ANTÔNIO DEVISATE e BRASÍLIO MACHADO NETO
Querem humanizar o dinheiro.

JORNALISMO



ASSIS CHATEAUBRIAND e MACEDO SOARES
Também os papas (antigos) tinham defeitos.

EXÉRCITO



CANROBERT e JUAREZ TÁVORA
Provaram que a democracia pode vestir farda.

POLÍTICA



ETELVINO LINS e ADEMAR DE BARROS
Glória de circunstâncias, talvez; mas glória.

NA ELDORADO

Se iniciássemos esta seção há meses atrás, esta crônica seria um elogio só à senhora Ana Koury, diretora da Eldorado, pelo bom gôsto das programa que dirige. O plano de Gilberto Martins — uma das poucas novidades do rádio nesses últimos cinco anos — vinha sendo cumprido carinhosamente. Mas, acontece que, de dois meses para cá, essa emissora resolveu fazer mais coisas. Anunciou, com grande estardalhaço, seu departamento turfístico e, diga-se de passagem, abusou na quantidade de "spots" nessa propaganda. O que teve, por ocasião do Grande Prêmio IV Centenário de São Paulo, foi a estréia de um locutor, que usa tôdas as inflexões e tôda a terminologia pradística do senhor Teófilo de Vasconcelos, com uma agravante: falando muito mais pelo nariz que pela bôca.

● *Foi quebrado, assim, o grande tema da Eldorado: "o mínimo de palavras e o máximo de prazer para os ouvintes". Numa reportagem de esportes, "um mínimo de palavras" seria uma ginástica impossível. Mas, atendendo à possibilidade de tornar mais comerciais alguns horários vespertinos dos sábados, domingos e feriados, a senhora Ana Koury tinha obrigação de apresentar coisa melhor — ou ao menos: uma novidade. Tenho a impressão de que os ouvintes da Eldorado (na maioria, gente que passeia de automóvel ou que prefere programas sossegados) não gostaram da inovação. Também os aficionados do turfe, para ouvirem uma imitação do Teófilo, jamais largariam a freqüência da Jornal do Brasil. Redundou, portanto, em NADA FEITO o lançamento da mais nova de nossas emissoras. Foi quebrada uma característica em troca de nada, porque, dificilmente, êsses horários conseguirão uma audiência compensadora. — MARIA HELENA DE AGUIAR.*

POR QUE NÃO ESCREVE PARA O RÁDIO?



E o cronista Rubem Braga responde: «Porque nunca mais me convidaram para isso. Já fiz um programa, há muitos anos, na Rádio Record. Hoje, minhas crônicas são lidas numa emissora de Cachoeiro. E é só».



DEVE SER ENGANO

Ari declara a uma revista especializada em assuntos radiofônicos que recebeu, só em 1953, 325 mil cartas. É muito. Quase mil por dia. Talvez seja esta a correspondência de tôda a Rádio Tupi, incluindo concursos, etc. Emilinha Borba, que é recordista no assunto, recebeu 16.998; logo a seguir vem Marlene, com 11.130. Ari, sendo homem e não sendo mais criança, se contar suas cartas bem direitinho, vai chegar à conclusão de que ficou muito aquém de 325 mil. Mas, muito.

ROMANCES ATUAIS

HUMBERTO TEIXEIRA e Margot Bittencourt (começou no Clube da Chave) ★ Afrânio Rodrigues e Olivinha de Carvalho (negócio na sala de visita, mãe da noiva ao lado e casamento à vista) ★ Reinaldo Dias Leme e Dulce Martins (em 4º renovação) ★ Francisco Carlos e Celeste Scarlat (negócio ainda mal explicado, embora o par circule dia e noite de mãos dadas; Celeste é ex-corista do Casablanca, onde foi apelidada de Joãozinho Boa Pinta) ★ Dora Lopes e Valdemar Silveira (há quem afirme que Valdemar seja o primeiro amor de Dora) ★ Enquanto isso, Dick Farney desquita-se e segue os passos de Olga Bolenska (um caso sério em matéria de pernas). Viva o amor e que Deus os ajude!

10 DOS MAIORES TRABALHADORES DO RÁDIO

Floriano Faissal ★ Antônio Maria ★ Almirante ★ Haroldo Barbosa ★ Vitor Costa ★ Dermival Costa Lima (S.P.) ★ Válter Forster (S.P.) ★ Edmundo de Sousa ★ Mário Lago ★ Heron Domingues.

ESTA LETRA É RUIM

● O sucesso de uma música não quer dizer a qualidade dessa música. Atualmente, um dos maiores sucessos populares do Brasil é o samba «Vida de Bailarina», com uma excelente melodia e uma letra das piores. Vamos publicar a letra de «Vida de Beilarina», omitindo o nome do autor, sublinhando o que de pior existe em seus versos:

Os que compram o desejo
Pagando o amor a varejo
Vão falando sem saber
Que ela é forçada a enganar
Não vivendo pra dançar
Mas dançando pra viver
Obrigada pelo ofício
A bailar dentro do vício
Com um lírio em lamaçal
E' uma sereia vadia
Prepara em noites de orgia
O seu drama passional
Fingindo sempre que gosta
De passar a noite exposta
Sem escolher o seu par
Vive uma vida de louca
Com um sorriso na bôca
E uma lágrima no olhar

Sublinhamos, apenas, o que existe de pior. Mas, tôda a letra é escrita em mau estilo, sem nenhuma dose de poesia. No entanto, o gôsto popular fêz desta canção um dos discos mais vendidos na presente temporada. Paciência.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

As estações mais ouvidas de São Paulo são: Nacional, Rádio São Paulo e Tupi (segundo boletins do IBOPE) ★ Logo a seguir, vem a Record, cujo trabalho tem sido admirável em renovar sua programação, não medindo esforços para contratar os grandes cartazes do rádio brasileiro ★ Araci de Almeida (Record) além de em outros horários, canta aos sábados às 9 e meia da noite. Está bem, em São Paulo. Mora num esplêndido apartamento, na rua Brigadeiro Tobias. Vem ao Rio uma vez por mês e demora pouco. Seu último disco é «Dobrado de Amor a São Paulo» (grande vendagem) ★ Sílvio Caldas vive sossegadamente numa boa casa de Pinheiros. Trabalha duas vêzes por semana (às 5as-feiras, às 20 horas: Nacional, além de um programa na Difusora-TV), passando a maior parte do tempo em casa, onde oferece grandes almoços preparados pelo «seu próprio punho» ★ Magnífico, talvez o melhor de São Paulo, o novo auditório da Nacional ★ Sucesso cada vez maior de Lia de Aguiar (Tupi) no rádio e na televisão. Seu maior êxito é Teatro de Vanguarda, dirigido por Cassiano Gabus Mendes ★ O tango-maníaco Jacob Rosemblat continua empenhadíssimo em levar a Buenos Aires o cantor brasileiro Carlos Lombardi (canta tangos). Já gastou, até hoje, cêrca de 100 mil cruzeiros em propaganda, roupas, aulas de espanhol e viagens dêsse jovem cantor. Nunca houve, em tôda a história do rádio, um caso de tanta dedicação: Rosemblat por Lombardi ★ É magnífica a programação em discos da Excelsior ★ A Cultura suprimiu sua programação da madrugada. Uma pena!



Diz que só ficará em São Paulo até maio.

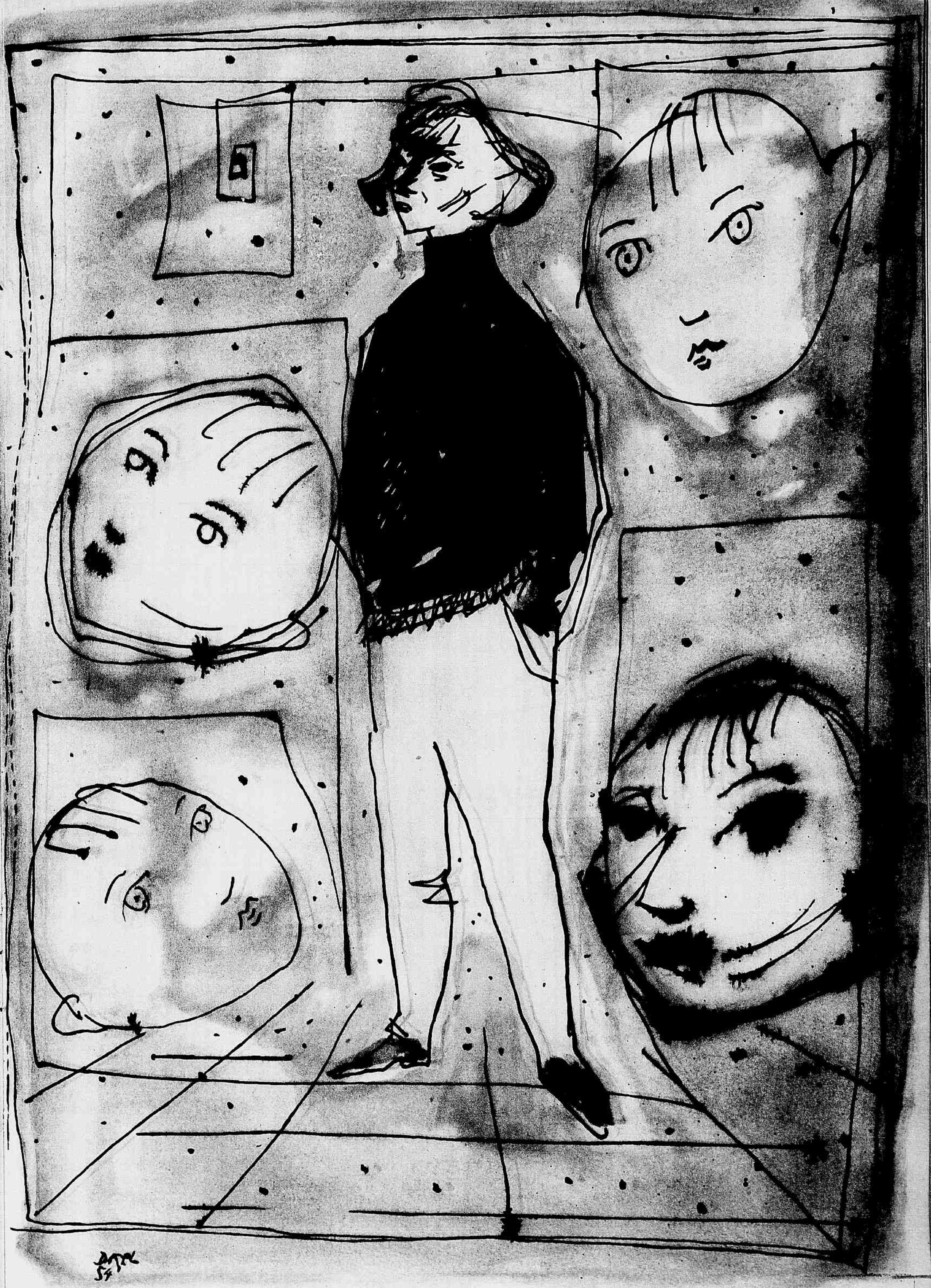
Uma história a mais

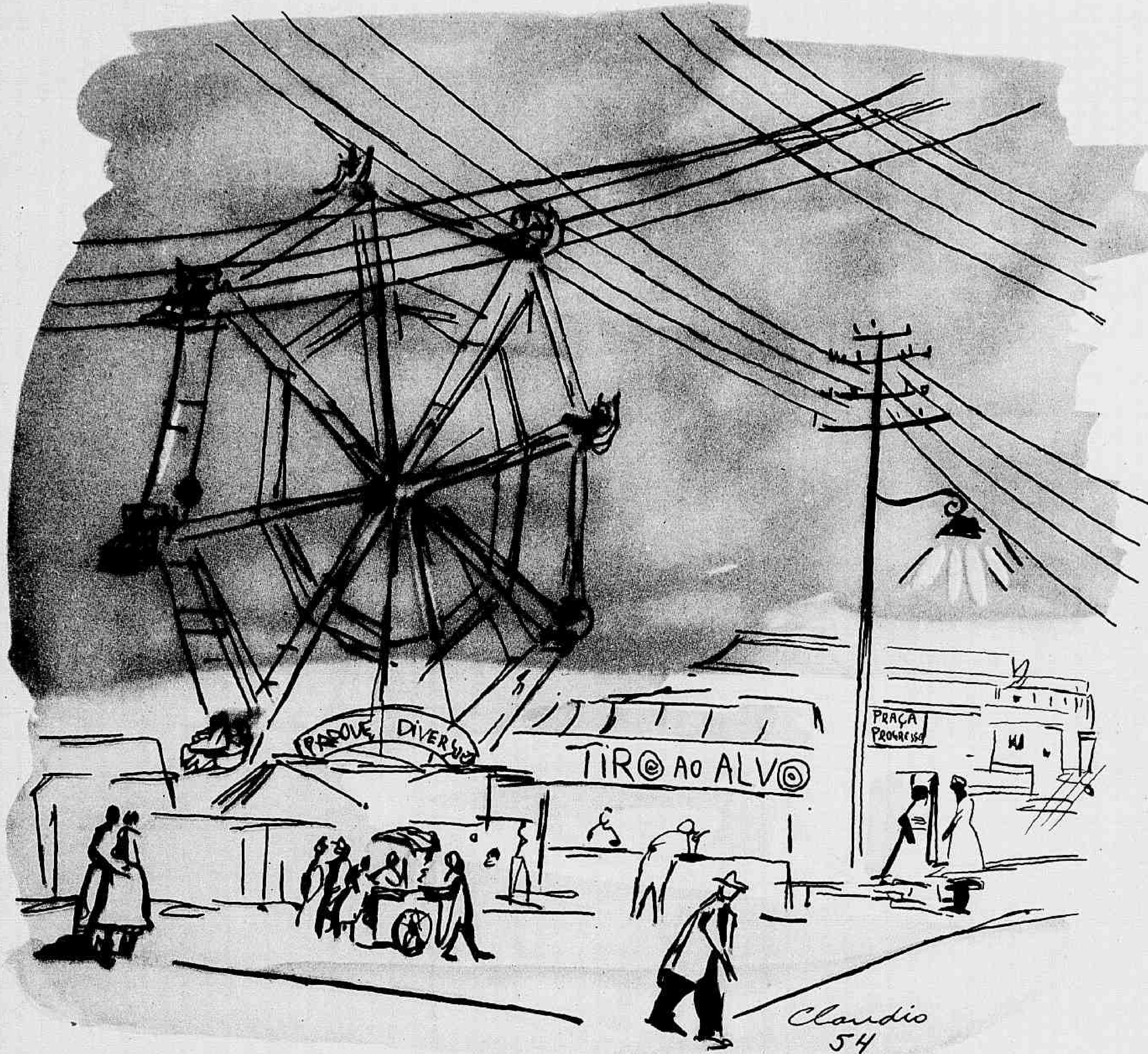
ANTONIO MARIA

COMO cheguei ali, até hoje não sei. Lembro-me de que desci de um táxi e comecei a andar. À minha frente, os Andes, envoltos em nuvens espêssas, eram tão irreais, que pareciam cenário de fotógrafo. Fazia frio e a maioria das casas estava de janelas fechadas. Hoje, não sei dizer se era praça ou avenida, mas havia árvores em fileiras certas e um passarinho ou outro piava, sem alegria, uma vez mais perto, outras vêzes mais longe de mim. Por muito tempo, fui a única pessoa existindo naquele bairro de Santiago do Chile, caminhando sem rumo ou pressa e, em seguida, sentada num banco de pedra. Depois, passou um ônibus, com alguns poucos passageiros, e um dêles, que havia feito sinal para descer, arrependeu-se e mandou o «chauffeur» continuar. O mugido da máquina em primeira marcha quebrou, de certo modo, a integração a que eu me dera no silêncio e no abandono da rua. De repente, apontou uma mulher na esquina, vestindo calças e «sweter» negros, com as mãos nos bolsos, andando com um jeito largado. Não ia para canto nenhum. Vinha andando sòmente. Mais de perto, pude ver que tinha cabelos castanhos, olhos claros e era bonita. Dava-se-lhe mais de 30 anos ou, se tivesse menos, a melancolia do olhar e os vincos da face deviam ser marcas de algum desencanto. Passou e disse «olá», olhando-me com desinterêsse. Atravessou a rua devagar, voltou da metade e, parando à minha frente, quis saber se tinha cigarros, se eram negros ou rubros. Os meus eram negros, feitos com um fumo ardoso e molhado. Recusou e sentou-se ao meu lado. Seu nome era Silvia (Maria Silvia). Viera menina de Buenos Aires e seu pai tinha negócios em Sur de Chile. Depois ficou pobre, depois Silvia foi trabalhar numa vindima, depois casou e, quando fêz dois anos, o marido adoeceu e morreu de tísica. Achava que a vida era lenta e sem grandes alegrias. De bom grado, cortaria os pulsos ou beberia um veneno forte, se não tivesse uma filha. A filha — começou a descrever, rindo de leve à flor dos lábios — «tem os meus olhos e o meu nariz; no resto, é igual ao pai». Baixou a cabeça e começou a riscar o chão com um galho sêco, que não escrevia nada. De repente, jogando os cabelos para trás, encarou-me e perguntou se eu queria ver a menina. A casa ficava a duas quadras do banco de pedra onde estávamos. Era mais um apêlo que um convite. Fui. No caminho dissemos poucas coisas e certamente não rimos de nada. Paramos em frente a um portão de ferro gasto e, num gesto suave, pediu-me que entrasse. Atravessamos um pequenino e maltratado jardim, subimos quatro degraus e esperei, no terraço, que ela abrisse a porta. Experimentou uma primeira chave — não era. A segunda, também não e a terceira não havia (era). Desculpou-se, confessando distração eterna, calcou uma campainha e uma **mucana** morena nos abriu a porta. Dessa vez entrou primeiro e apontou a cadeira onde eu devia esperar. Foi para um quarto ao lado e, instantes depois, chamava dizendo: «senhor, por favor». Silvia estava em pé à beira de uma caminha de criança. Pareceu-me mais pálida e os vincos do seu rosto mais acentuados. Apontou a cama e disse, baixando os olhos: «es esta». Olhei os lençóis estavam desarrumados e não havia nenhuma criança naquela cama. Num instante, compreendi que não devia perguntar nada, nem estranhar coisa alguma. E ficamos os dois, de olhos baixos, até que ela andou em direção à sala, pedindo, com um gesto de cabeça, que eu também fôsse.

Não havia mais nada a dizer. Era urgente sair dali, sòzinho, ganhar a rua, livrar-me depressa de tudo aquilo que era realmente ruim para a minha sensibilidade. Eu não queria saber de nada: como foi, por que tinha sido. Mas era importante e necessário sair sem transparecer o que eu estava sentindo ou pensando, em respeito ao drama que aquela mulher me entregava, fazendo certa questão que eu compartilhasse dêle. Era importante que eu saísse com a serenidade que trouxera e não tentar consolar, nem fazer apelos de resignação. E saí, deixando um olhar de calma sôbre o rosto de Silvia, que ainda era belo. Vira, antes, sôbre a mesa, num quadrinho, o retrato de uma menina rindo.

Desenho de DAREL

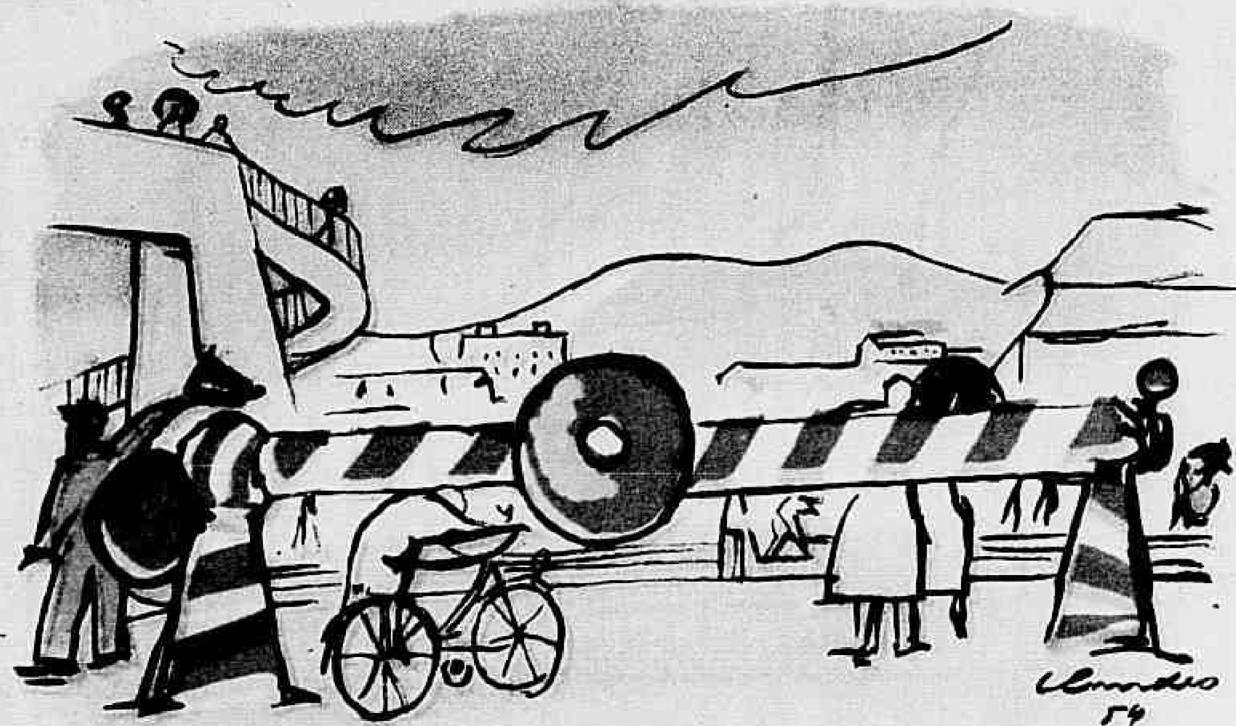




Além da fronteira:

O SUBÚRBIO

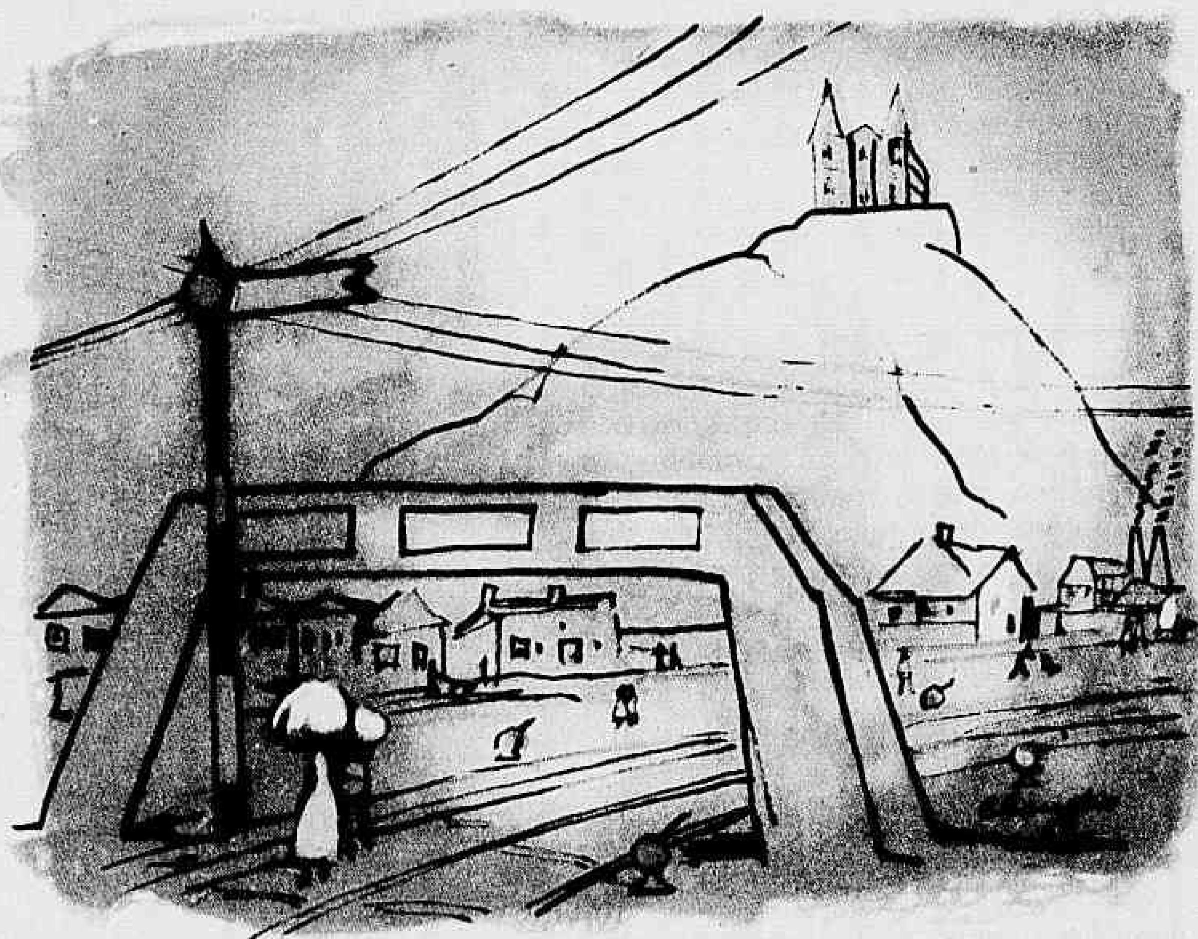
Texto de JOEL SILVEIRA



O marco fronteiriço é o cróton na janela; é também a cortina branca com debruns de renda ou simplesmente o arremêdo de rua que se estira e se envieza sôbre um chão esburacado e vermelho. Das pessoas que residem por aqui, dizemos que "moram no fim do mundo". O fim do mundo é o subúrbio. Sei de cidades, grandes ou até maiores do que esta nossa, que se estendem, vastas, sem alternativas nem intermitências — como um país único. Mas, no Rio, o corte entre a cidade e o subúrbio é duro como uma fronteira.

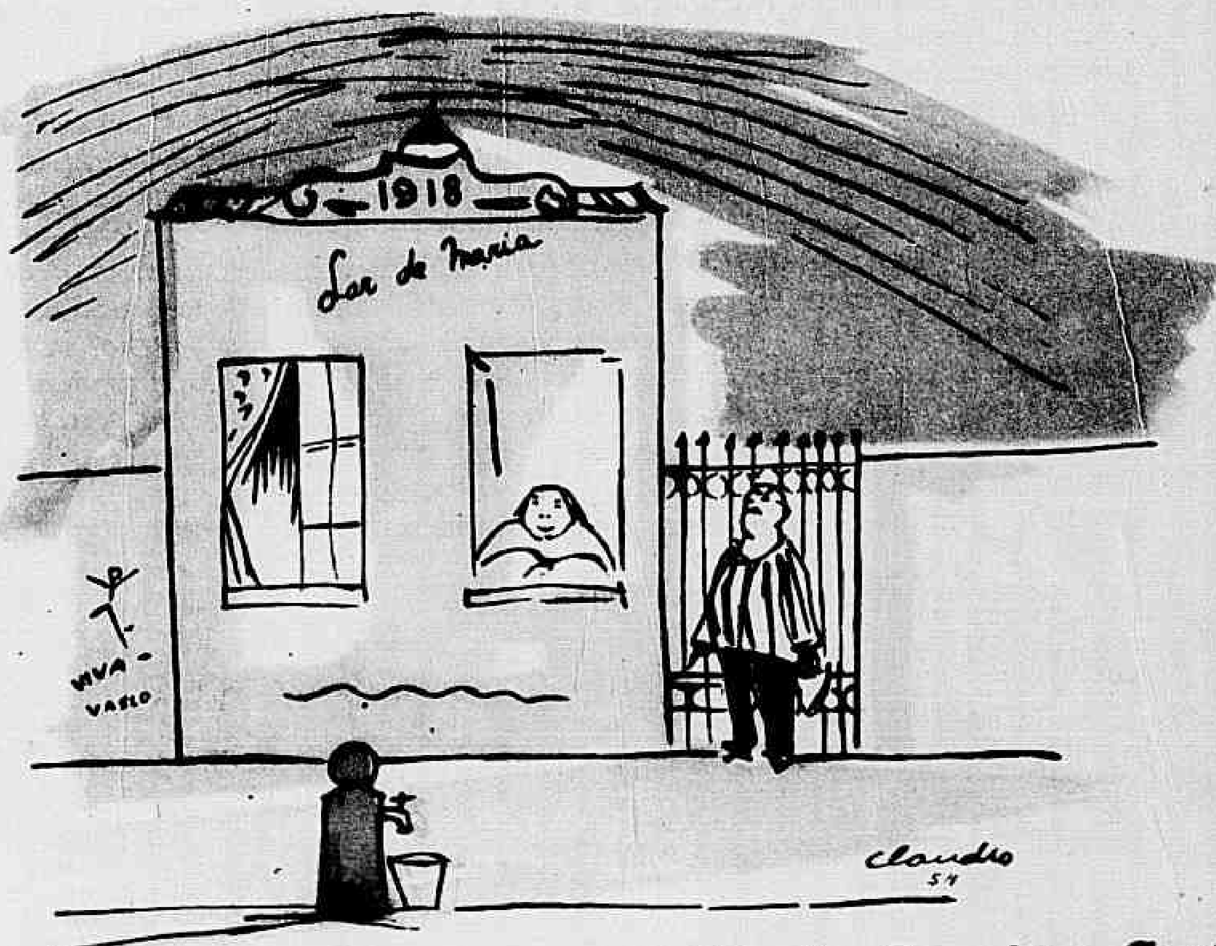
A platibanda de mau gôsto, o terreno baldio onde a grama cresce selvagem, a carência de tudo, o rádio que grita estridente no botequim da esquina, o negrume dos urubus encardindo o céu, tudo dá a presença de um mundo que foi expulso do asfalto, que sobrou do território urbano. Mesmo a gente local tem êsse aspecto descuidado das coisas que vivem por si; dos que, certos de que não contam com a ajuda de ninguém, vão escorando o cotidiano numa engenhosa série de improvisações, de imediatismos apressados e contingentes. Artesões da própria sobrevivência, homens e coisas acabam tomando êsse jeito largado que é o da grama que cresce apesar de tôdas as posturas municipais ou do rio de lama que a chuva inventa no chão nu.





● É o prosaísmo que nivela e faz insignificante o mundo suburbano. E os que tentam impor-se como uma exceção dentro da paisagem não vão além dos pequenos impulsos criadores, como o bangalô que tem um estilo para cada parede ou o bar reluzente e novo, municiado de máquinas automáticas e mais uma gloriosa vitrina central, pequena como um estojo e fechando, avara, garrafas caras que dificilmente serão consumidas.

● O vereador, na cata dos votos, prometeu aterrar a rua. Um outro jurou que multiplicaria sob o chão as veias de chumbo que espalhariam água farta e limpa; um terceiro garantiu, dali mesmo daquele coreto que a poeira enferrujou, que a escola municipal ganharia instalações novas. É vão, contudo, o vozerio humano. E quem, naquele mundo prosaico e empoeirado, teria o cuidado de cobrar imponderáveis dívidas que nem chegaram a ser escrituradas? A grama cresce, os meninos também. E logo uma nova geração assumirá, na vaga dos que vão se render, o comando daquele mundo que vive das sobras da cidade como o parente bastardo de uma família rica.



Desennos de **Cláudio Correia e Castro**

A TERRA PODE PARAR?

MENOS VELOCIDADE NA ROTAÇÃO TERRESTRE

SÁBIOS TENTAM EXPLICAR O FENÔMENO, E MUITOS JÁ NÃO CULPAM A LUA DE «PREGUIÇA» NOS SEUS MOVIMENTOS EM TÔRNO DO NOSSO GLOBO.

Reportagem de FERNAND CRIQUI

QUANDO Galileu, depois de haver abjurado a doutrina de Copérnico diante da Inquisição de Roma, pronunciou a famosa frase (e, provàvelmente, apócrifa) «Eppur si muove», ou seja, «entretanto, ela gira», estava certamente persuadido de que o globo terrestre não seria acusado de inconstância giratória. Mais tarde, quando o sistema cosmológico de Copérnico já estava confirmado por surpreendentes descobertas astronômicas, constatou-se, sùbitamente, que a posição real da Lua em determinado ponto da esfera celeste diferençava-se um pouco da posição calculada, teòricamente, de acôrdo com as leis de Kepler e Newton. Na verdade, o espaço de tempo entre a volta real e a teórica do nosso satélite era extremamente fraco, mas muito significativo, pois que a «aceleração» secular do período lunar não podia ser explicada pelas leis da gravitação universal. Descobriu-se, então, que a Lua não era a única sujeita a essa «aceleração secular», e que os períodos de revolução dos diferentes planêtas apresentavam as mesmas anomalias. Concluiu-se, então, que se havia acusado injustamente a Lua de se retardar em seu movimento, e que a verdadeira culpada era a Terra, que afrouxava um pouco «seus passos», se assim se pode dizer. Em têrmos mais científicos: a tal aceleração secular da Lua nada mais é do que uma ilusão engendrada por um retardamento da rotação da Terra em tôrno do seu eixo. Uma outra questão surgiu: de onde provinha êsse retardamento da rotação terrestre que tinha por efeito aumentar, ligeiramente, a duração do dia, e, portanto, o valor da unidade do tempo? Os sábios responderam: do atrito das marés.

● **A PRECISÃO DOS NOSSOS RELÓGIOS ULTRAPASSA A DOS CORPOS CELESTES** — Ao tempo em que se dispunha de relógios de pêndulo, cujas indicações levavam a marca das variações da temperatura, da pressão atmosférica, da gravidade e de um certo número de outros fatôres de perturbação, faziam-se observações astronômicas para descobrir eventuais flutuações da rapidez da rotação da Terra. Conseguiu-se, assim, evidenciar-se certas variações a longos períodos. Mas os sábios perguntavam a si mesmos, se a rapidez da rotação da Terra não apresentaria, igualmente, flutuações a curtos períodos. Foi graças ao progresso considerável realizado na técnica da medida do tempo (pêndulos de pressão e temperatura constante, relógio de quartzo, e, mais recentemente, relógio dito atômico), que o sr. Nicolas Stoyko, chefe do «Bureau International» da hora do Observatório de Paris, pôde observar essa questão com sucesso. Êsse eminente astrônimo pensou que eventuais irregularidades a curto período da velocidade da rotação da Terra, pudessem ser reveladas, simultâneamente, pelos «garde-temps» de vários observatórios situados nos diferentes pontos do globo. Um confronto de dados fornecidos pelos observatórios de Paris, de Washington e de Berlim-Charlottenburg, revelaram o curioso fato de que os relógios perfeitos adiantam cêrca de onze décimos milésimos de segundo por dia na primavera, e retardam igual tempo no outono, provando, por isso, que a Terra gira mais vagarosamente na primavera — como se estivesse sujeita a fadigas nessa estação — e um pouco mais depressa, à saída do verão. Quais são as causas dessa alteração periódica da velocidade do nosso globo? Cita-se, para explicar o fenômeno, uma variação do momento de inércia produzida por tôda uma série de fatôres diferentes, tais como a circulação do ar, a fusão de grandes bancos de gêlo nas regiões polares, tremores terrestres, a variação do raio da Terra, etc.

● **ROTAÇÃO TERRESTRE E MAGNETISMO** — Ninguém ignora que a Terra possui um campo magnético; é êle que dá à agulha imantada de uma bússola, a sua orientação. A intensidade dêsse campo magnético varia com o lugar e o tempo. As perturbações do magnetismo terrestre são devidas, na sua maior parte, a correntes elétricas da alta atmosfera (ionosfera), e se sabe que a amplitude dessas perturbações (tempestades magnéticas) se dão aproximadamente em ciclos de onze anos das manchas solares.

Ora, o sr. Nicolas Stoyko encontrou, recentemente, uma estreita relação entre as irregularidades do curto período da velocidade da rotação da Terra e as variações da intensidade do campo magnético terrestre. Pesquisas geológicas mostraram que certos fluxos de lavas e depósitos sedimentários possuíam imantação de direção oposta àquela do campo magnético atual. Uma das hipóteses que procuram explicar êste fato, faz supor que o campo magnético da Terra há invertido sua direção em vários momentos no decurso das diferentes épocas geológicas. Muito recentemente o sr. Stoyko calculou que, para produzir uma inversão do campo magnético terrestre atual (de sorte que nossas bússolas indicassem sul pela direção norte), seria preciso que a rotação da Terra fôsse retardada, à razão atual, durante 550 mil anos. Quanto às inversões múltiplas da polaridade do campo magnético no decurso das passadas épocas, o sr. Stoyko as explica em recente comunicação à Academia das Ciências, que as mesmas se deram, de uma parte pelo efeito retardador do atrito das marés oceânicas sôbre a rotação da Terra, e de outra, por um efeito acelerador produzido por certos movimentos das marés atmosféricas.





Graciosíssimo modêlo de vestido de noiva, em tafetá de sêda pura, com enfeite de rendas contornando o decote. Em corte princesa, a roda da saia abre muito para a bainha. Ligeira cauda. Um toquezinho em veludo branco, de onde parte o véu, substitui a clássica grinalda. O modêlo foi apresentado em New York, por Rosette Pennington.



Em branca organza de sêda, muito leve, sôbre organza rosa, muito pálida. Aplicações de organdi suíço, com motivos de lírios do vale, recortados e bordados com miçangas nacaradas. Uma criação luxuosa de Jay Thorpe, de New York, para as noivas de Maio. Observem o formato da saia com amplos babados que armam o conjunto.



Week-end na cozinha

No bar

RUM JUMPER

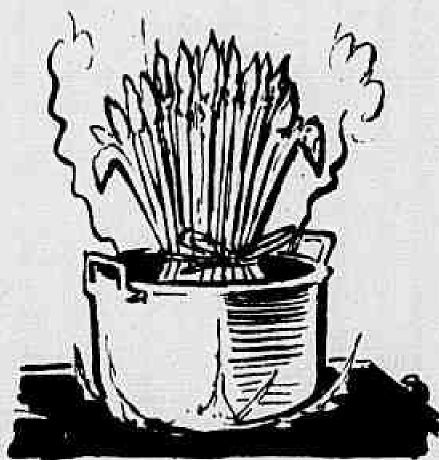
A receita é antiga; foi muito apreciada pelos norte-americanos do século passado. Se você gosta de experimentar, de vez em quando, um sabor diferente, prepare-a, como segue (receita para uma dose):

1 cálice de rum (claro)
Suco de maçã.
Gêlo.

Meça o cálice de rum e ponha no batedor. Junte 3/4 de copo de suco de maçã. Acrescente um pouco de gêlo picado e sacuda bem.

FALANDO DE ESPARGOS...

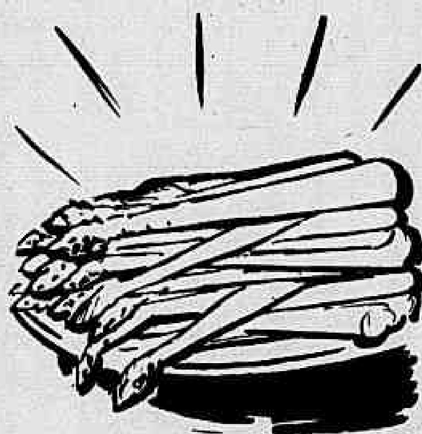
● *O espargo pertence à família das liliáceas. Existem cêrca de cento e vinte variedades, sendo que apenas um punhado delas conhecidas — as únicas comestíveis. Apesar de saboroso, contém muito poucos princípios nutritivos, sendo apreciado apenas pelo seu gôsto, e pelos sulfatos que encerra em bastante quantidade. Assim termina a nossa aula de história natural de hoje. O espargo é apreciado desde os tempo dos gregos e dos romanos. Por que não? Pouca coisa existe comparável a um talo de espargo, fresquinho, macio, apenas aquecido no fogo e servido com o nosso môlho preferido. Ou, então, sòmente com manteiga, sal e uma pitadinha de pimenta. Porém, como o amor e como muitas coisas mais, é difícil de se descrever o seu sabor. A melhor maneira de se ter alguma idéia é provando-o. O espargo começou sua peregrinação pelas mesas de refeição, sendo cozido. Porém, é um vegetal de tal natureza que é fácil aparecer excessivamente cozido numa ponta e duro na outra. Se se cozinha de uma só vez, o lado duro continua duro quando o lado macio está bom; ou, então, o lado macio se desmancha antes do lado duro ficar cozido. É um problema que algumas pessoas resolvem cortando o lado mais duro. Dessa maneira, porém, se perde um bom pedaço de espargo. A solução é bem simples. Amarre o feixe de espargos com um cordão e ponha-o em pé, dentro da panela. Assim, pode-se cozinhar o lado duro tanto tempo quanto necessário; o lado macio, que ficará fora dágua, não se desmanchará.*



● Vamos ver, porém, esta deliciosa receita de aspargos com **MÔLHO NORMANDO**, que é mais simples do que parece — e deliciosa! Cozinhe os aspargos como explicado acima, mas não cozinhe demais. Depois, sirva-o com êste môlho por cima: Misture três quartos de uma colher das de sopa com uma colher bem cheia de manteiga, meio derretida. Junte sal, pimenta, e uma boa pitada de noz-moscada, ralada. Gradualmente, acrescente um têrço de xícara de vinho, e dois terços de xícara de creme de nata batida. Deixe ferver por um momento, até engrossar, mexendo com uma colher de pau, o tempo todo. Ponha em banho-maria e cozinhe por mais 10 minutos. Junte algumas gotas de caldo de limão. Ponha por cima dos aspargos e sirva-os como entrada. Êsse mesmo môlho ficará delicioso servido sôbre couve flor.

● Uma das melhores e mais simples maneiras de se preparar os aspargos é servi-lo **com manteiga**. Cozinhe um môlho de aspargos em água fervendo e sal, até ficar macio. Numa panela, misture três colheres das de sopa de manteiga com uma colherinha de cravos moídos, meia colherinha de chá de canela em pó, um raminho de salsa e três ovos duros, cozidos cortados em fatias. Tempere a seu gôsto. Esquente tudo, e junte os aspargos já cozidos e escorridos. Sacuda um pouco a panela, para que o môlho se espalhe bem sôbre os aspargos, e sirva logo.

● Uma variação dos aspargos com môlho branco são naturalmente os **ASPARGOS COM QUEIJO PARMEZÃO**. Prepara-se assim: Lave, limpe e cozinhe meio quilo de aspargos. Escorra-os. Ponha-os numa vasilha que vá ao forno, untada. Derreta duas colheres das de sopa de manteiga e deixe-a ficar ligeiramente tostada. Misture com meia xícara de maionese, uma pitada de sal, uma pitadinha de pimenta, e outra de mostarda em pó. Acrescente o suco de meio limão. Ponha êsse môlho sôbre os aspargos. Por cima, espalhe meia xícara de pedacinhos de miolo de pão, passados em manteiga derretida. No fim, ponha um têrço de xícara de queijo parmezão ralado. Asse em forno moderado, cêrca de 15 minutos, ou até que fique ligeiramente corado por cima.



● Provàvelmente você nunca ouviu falar em **ASPARGOS FRITOS**. E' um prato tão delicioso quanto raro. Para prepará-lo, amarre-os em grupo de 3, e ferva-os ligeiramente, por cinco minutos. Escorra-os muito bem. Misture, agora, uma xícara de vinho sêco, com quatro colheres das de sopa de óleo de salada, cêrca de duas xícaras de farinha de trigo e uma colherinha de sal. Bata tudo, até formar um creme grosso, porém homogêneo. Passe cada amarrado de 3 talos nesse creme, e depois frite em gordura bem quente, cêrca de cinco minutos. Deixe secar em papel absorvente.



● Uma salada um pouquinho mais trabalhosa é a seguinte, em que os aspargos foram combinados com **LÍNGUA E QUEIJO**. Deixe os aspargos gelarem por duas horas. Cubra-os com môlho de vinaigrette e mantenha-os gelados. Tire as gemas de dois ovos duros. Pique em pedacinhos uma fatia de língua. Pique duas colheres das de sopa de pedacinhos de cebolas. Misture a língua com uma colher das de sopa de môlho de salada francês (azeite e vinagre) e depois misture com as gemas e a cebola. Ponha sal e pimenta a gôsto. Encha as claras dos ovos com essa mistura. Ponha num prato algumas fôlhas de alface. No centro os aspargos. Rale um pouco de queijo por cima e enfeite com os ovos recheados. Sirva com maionese ou, simplesmente, com azeite e vinagre. — TIA DULCE.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº........

NOME..........

RUA.......... Nº.....

CIDADE..........

ESTADO..........

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10

Telefone: 35-41-95

Endereço telegráfico: Windsorhotel

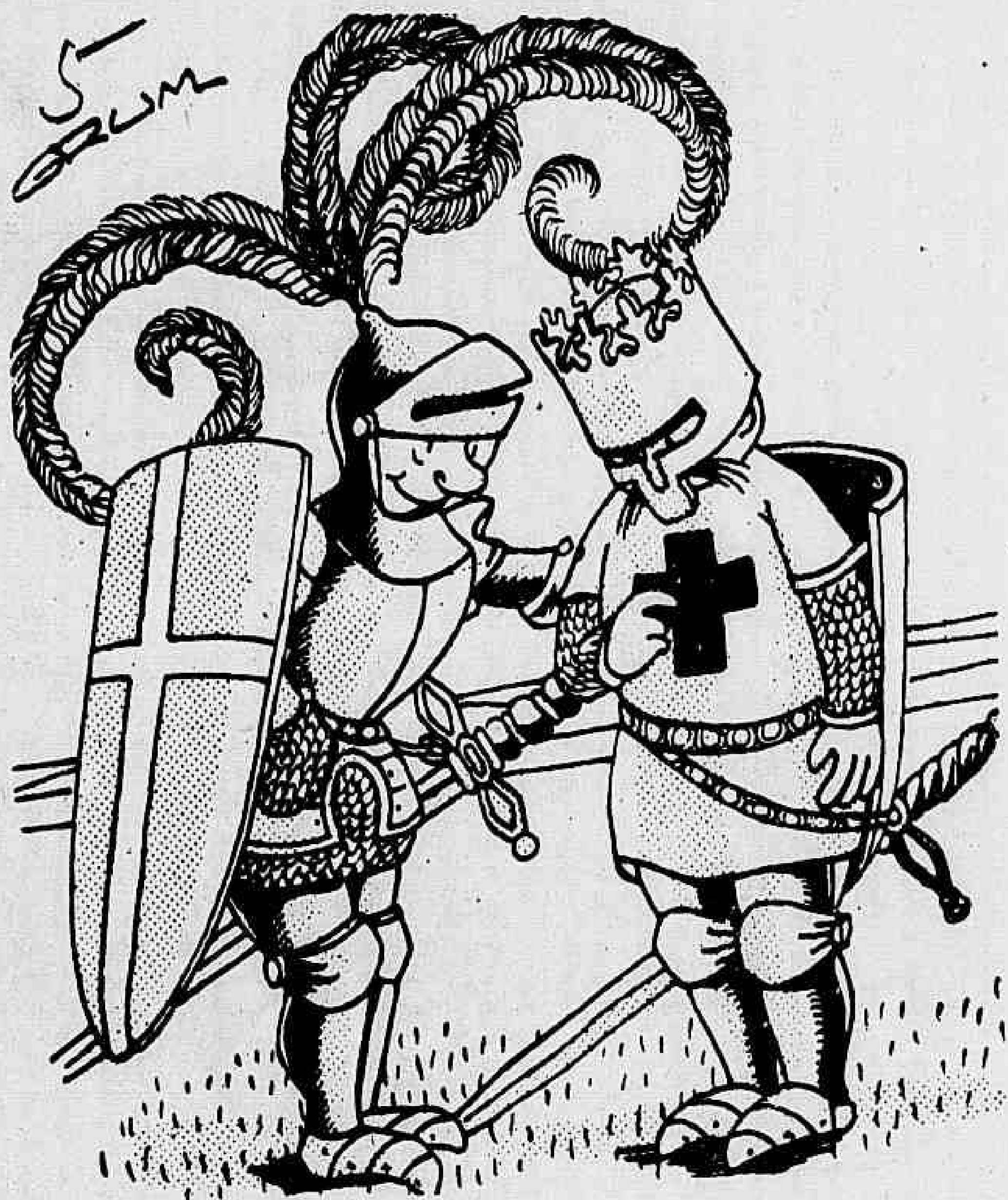
SÃO PAULO

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

A Idade Média no

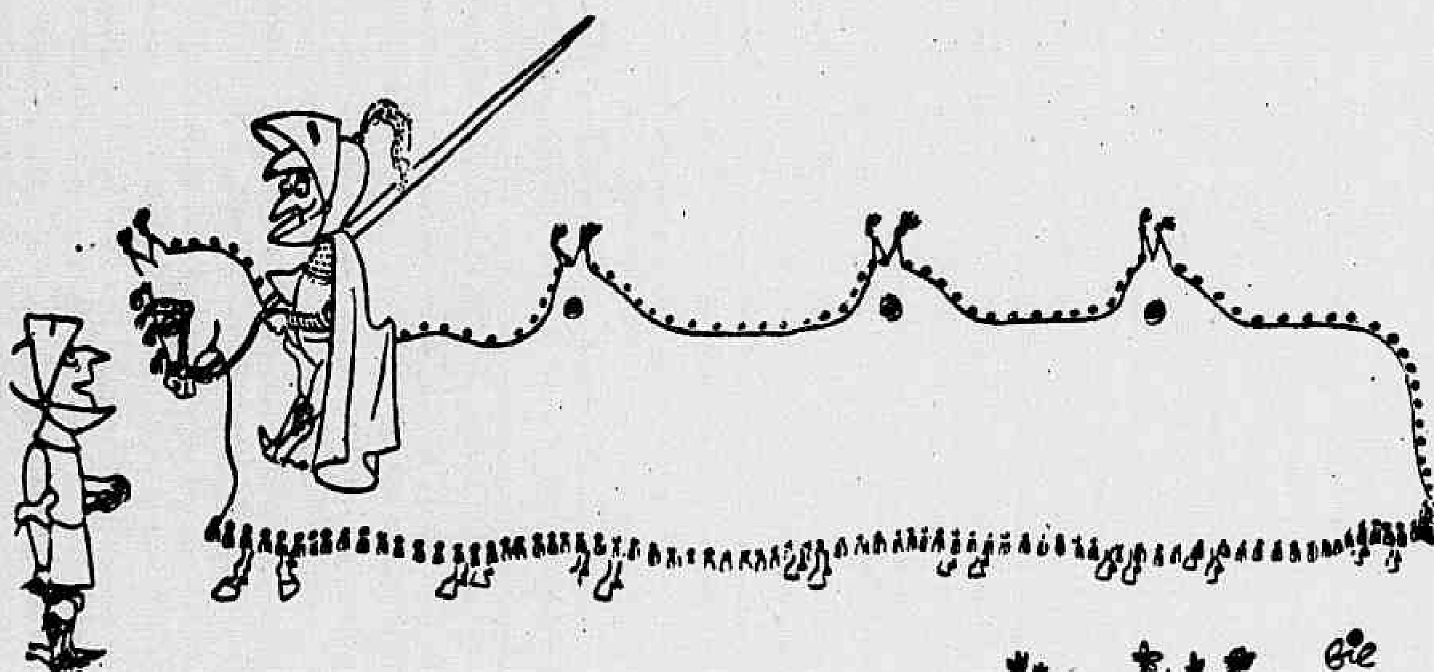
O RISO DOS OUTROS



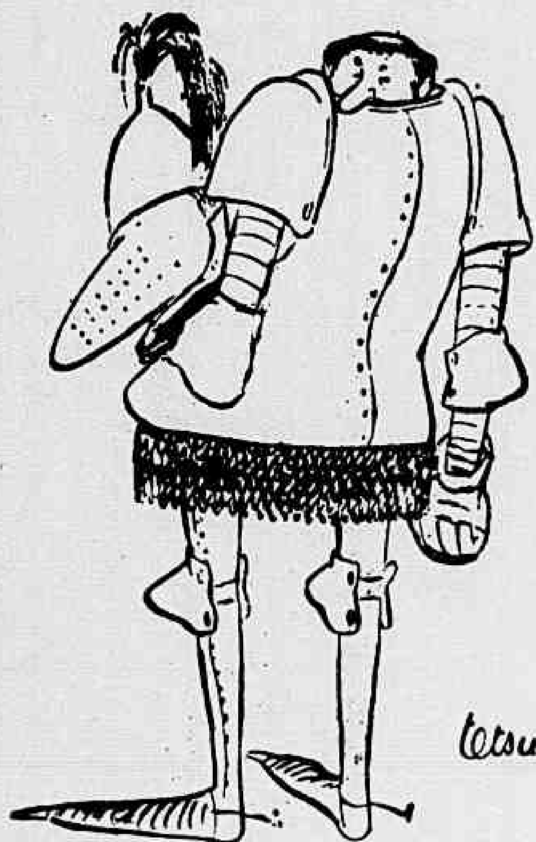
— Cruzado?
— Não. Cruz Vermelha.

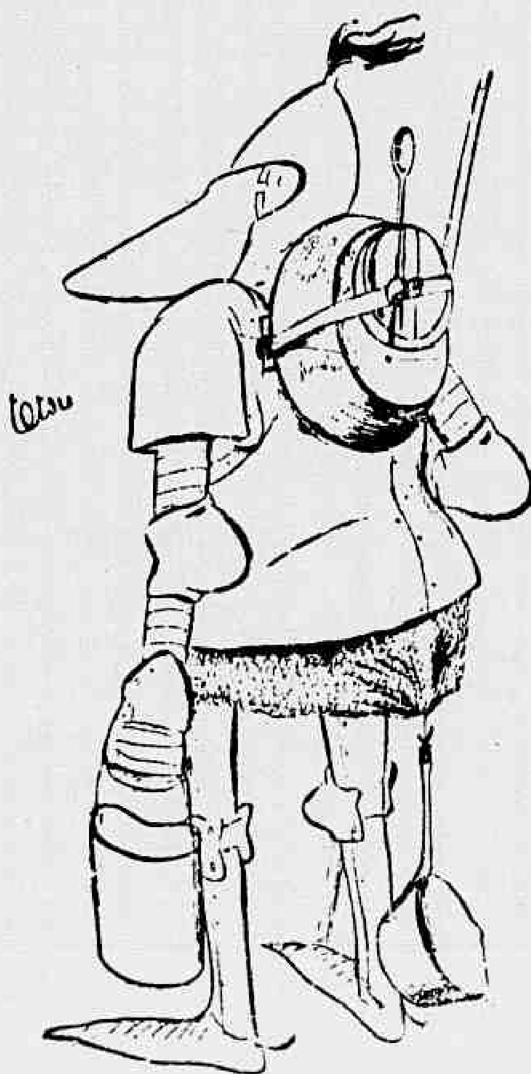


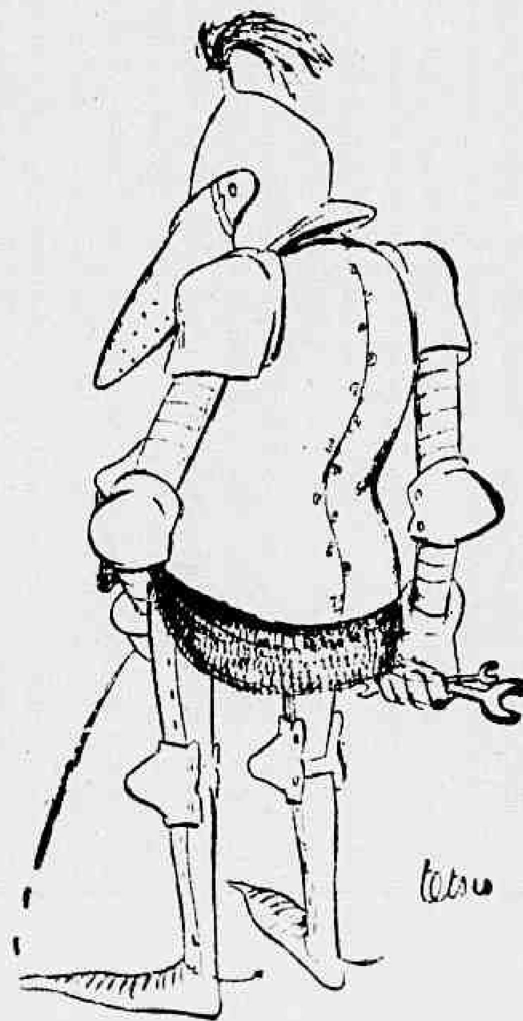
— Não se desespere, querida. Pode ser que seu marido tenha deixado a chave com o porteiro...

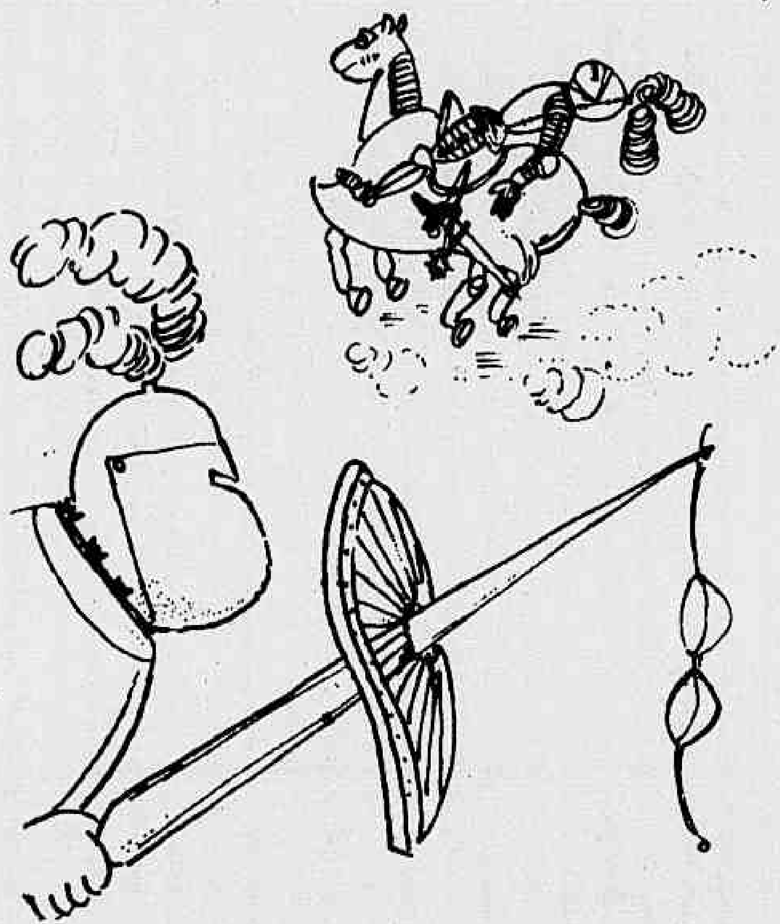


— Então? Contente com o novo motor de 4 cavalos?

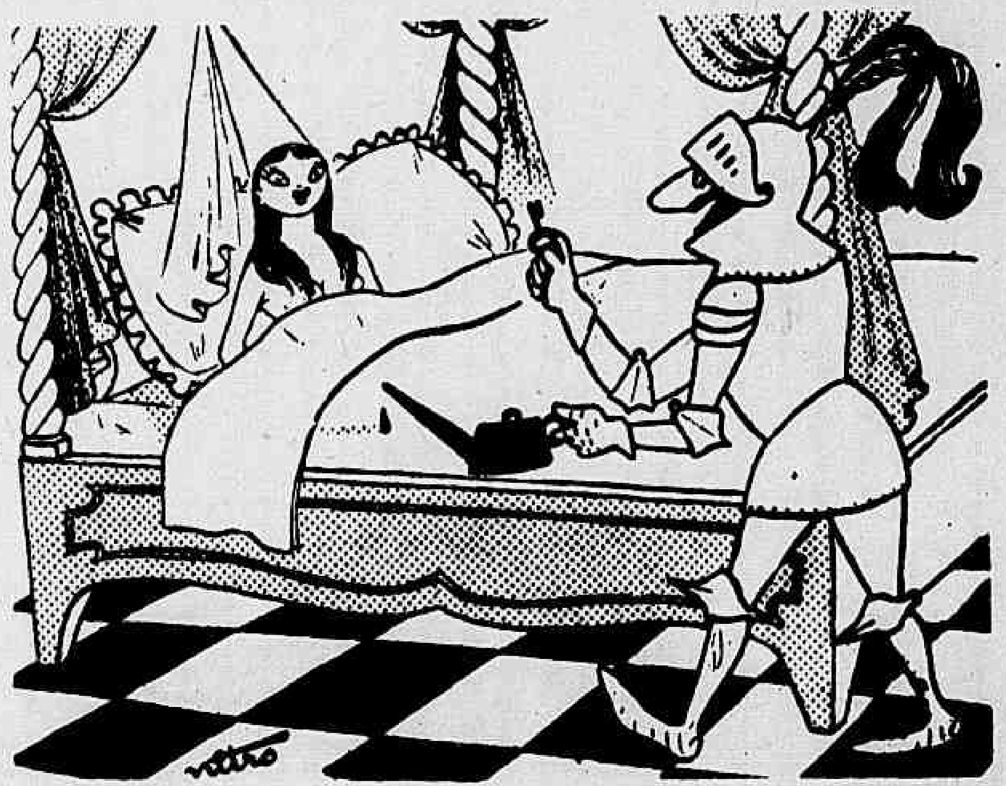




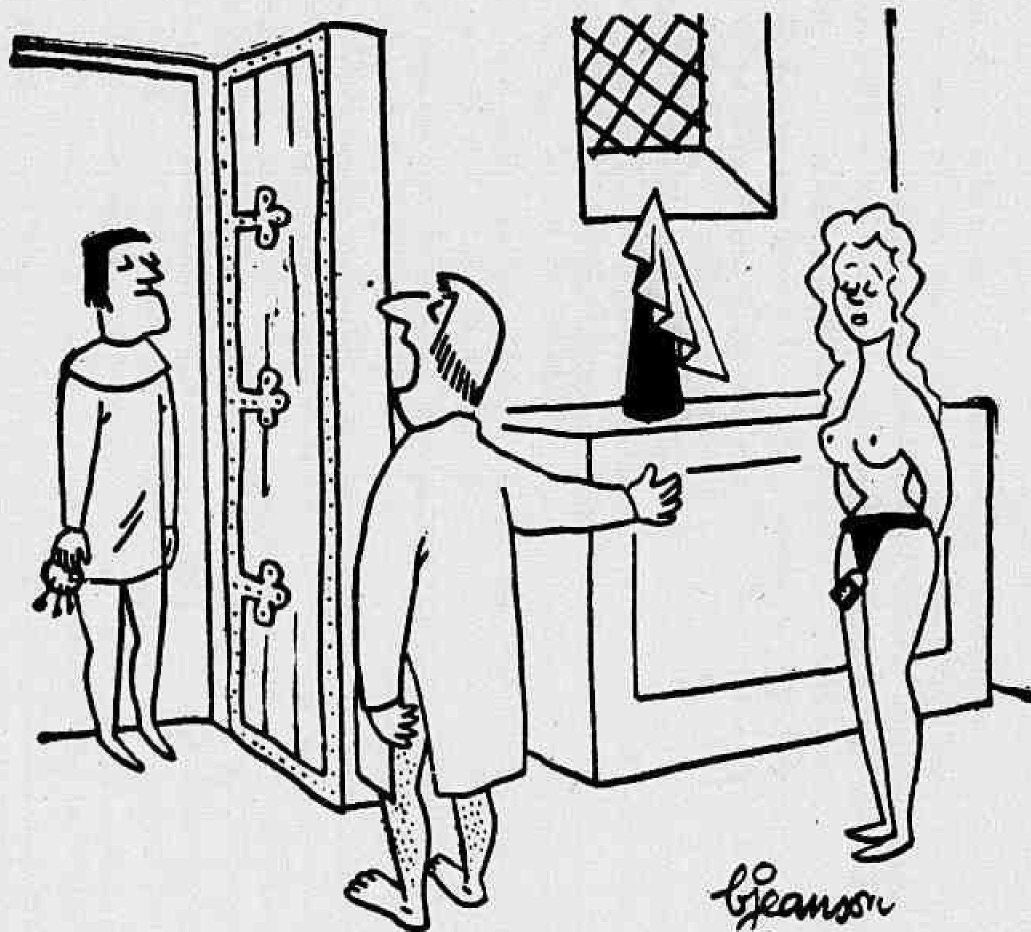




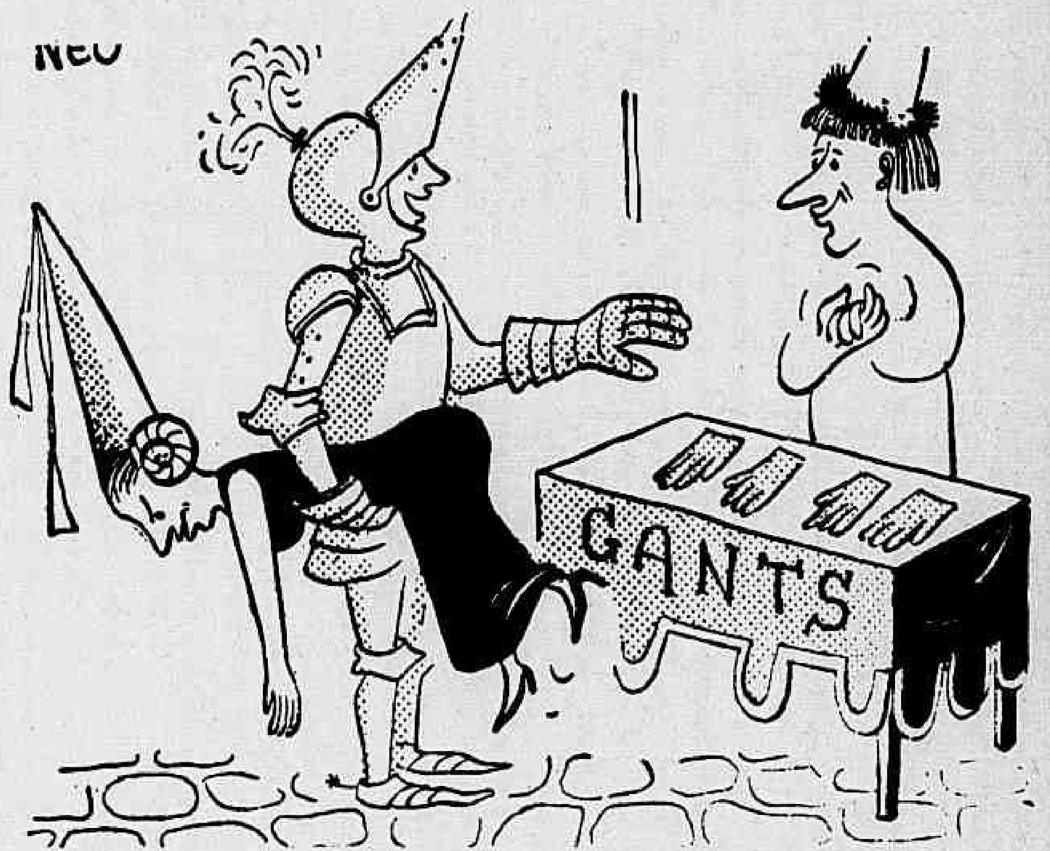
— Céus! A bela Ermida!



— O serralheiro me emprestou um pouco de óleo...

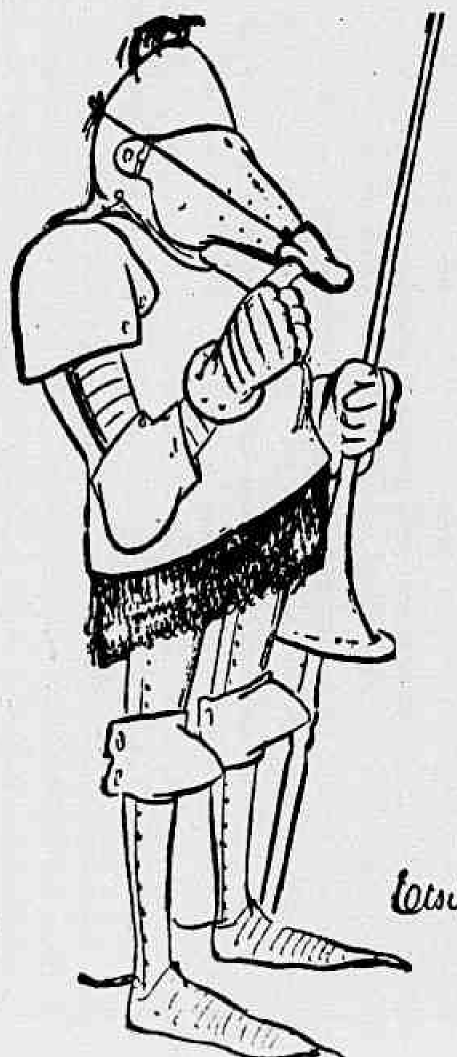


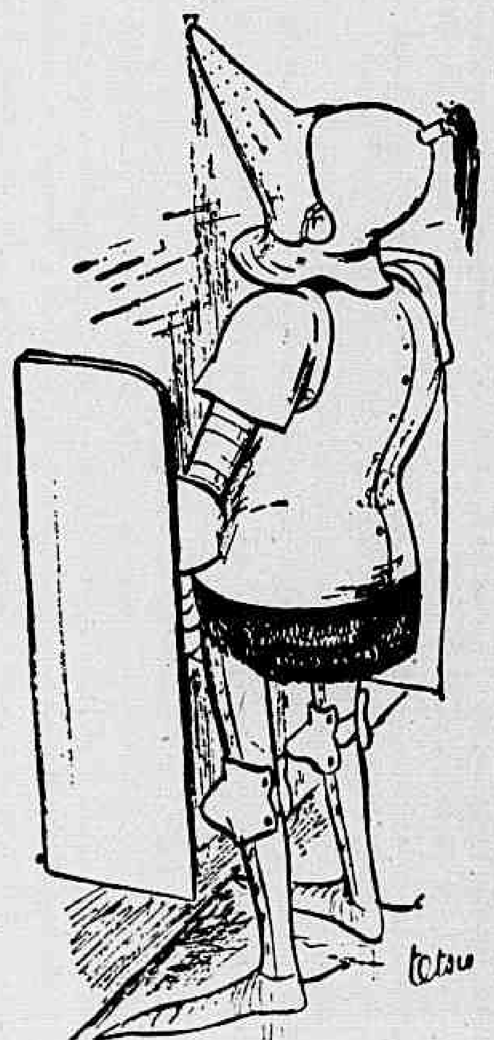
— Firmino, vá abrir...

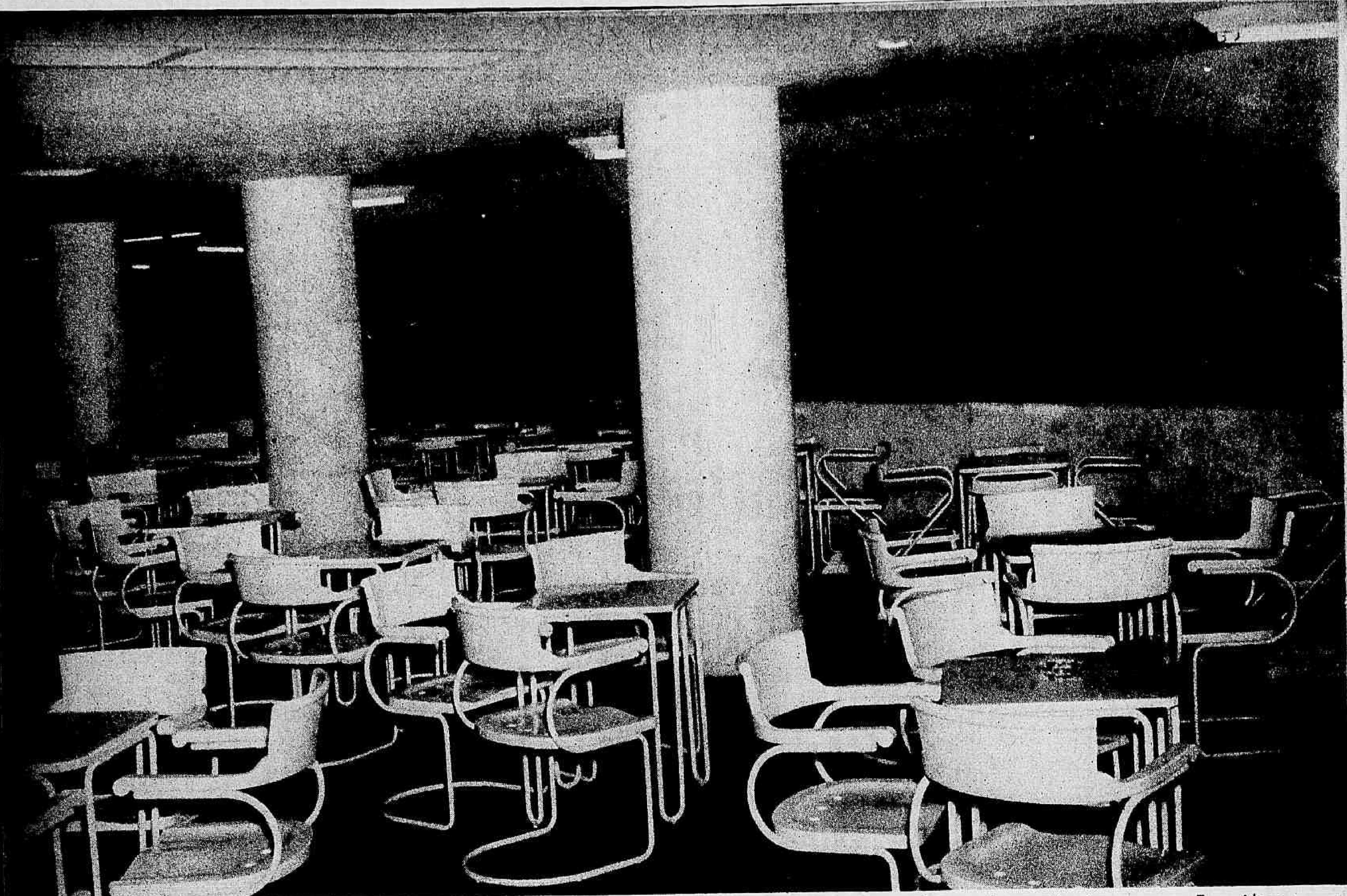


— Eu queria uma luva de veludo para uma mão de ferro.









Um ângulo do salão de refeições: daqui o frequentador dêste magnífico restaurante poderá apreciar o movimento de entrada e saída de aeronaves. Tem sido o ponto preferido dos que o frequentam.

INAUGURADO, FESTIVAMENTE, O NOVO RESTAURANTE DO AEROPORTO SANTOS DUMONT

— UM DOS MELHORES, MAIORES E MAIS BEM SITUADOS DA CIDADE.

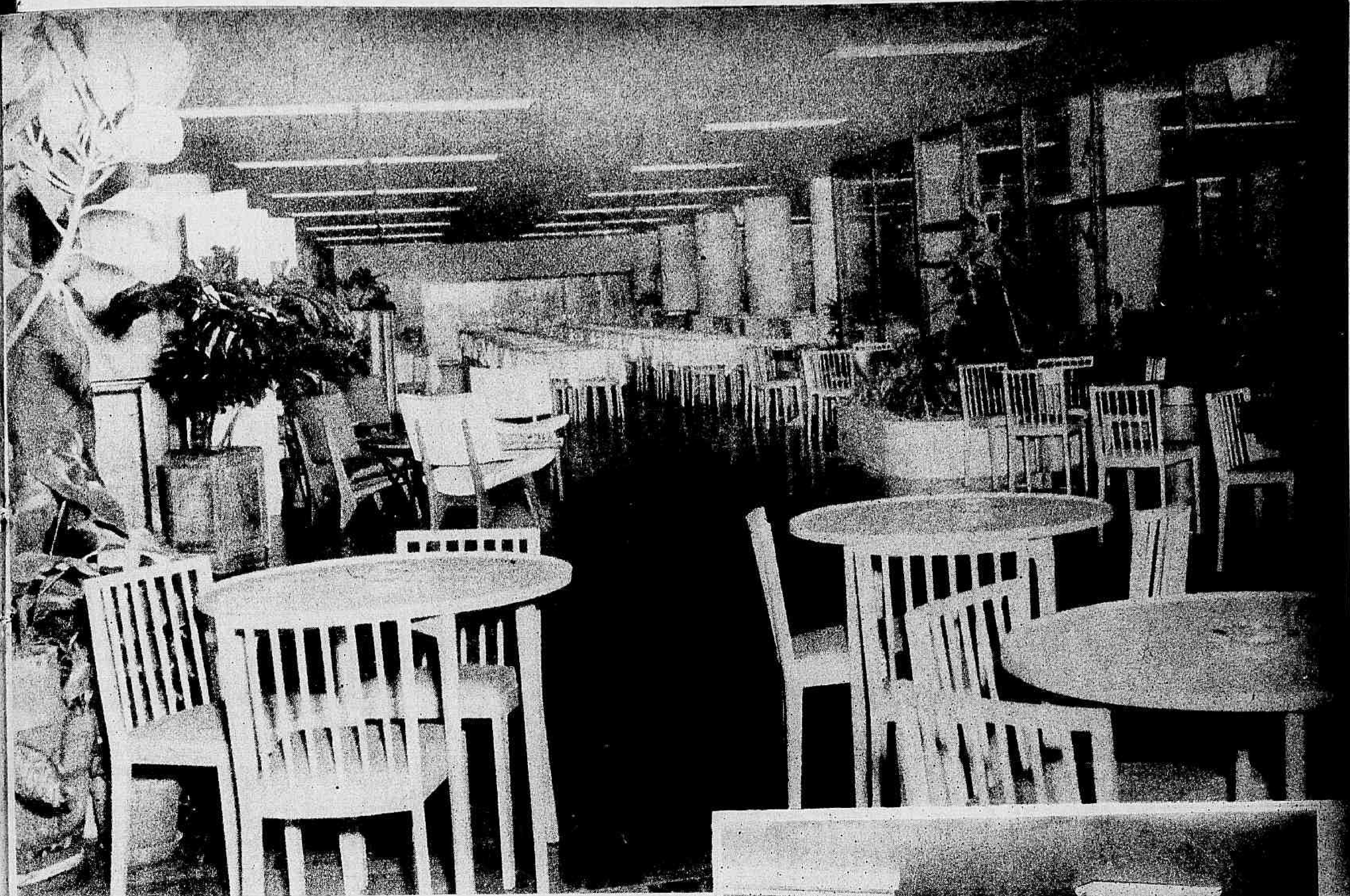
● Constituiu acontecimento realmente digno de nota a inauguração levada a efeito dia 22 de abril último, do novo RESTAURANTE DO AEROPORTO SANTOS DUMONT, explorado pela Sociedade Anônima Restaurantes de Turismo Internacional, a mesma conceituada organização concessionária dos restaurantes «Lido», «Joá» e «Furnas» e do antigo restaurante localizado na Estação de Hidros, ora transferido para a Estação de passageiros do «Santos Dumont».

A solenidade inaugural, festiva e cordial, contou com elevado número de pessoas, entre autoridades civis e militares, representantes do mundo oficial, convidados especiais, a imprensa escrita e falada, todos unânimes em exaltar aquela magnífica realização que veio, de fato, completar a grandiosidade daquele belo aeroporto. O novo restaurante, não sòmente pelas suas magníficas instalações, onde o bom-gôsto se alia à arte, como também pelas suas dimensões e esplêndida localização, destaca-se entre os maiores, mais completos e melhores com que pode contar e se orgulhar agora a cidade maravilhosa. O grande salão, localizado na sobreloja do aeroporto, está subdividido em várias partes, com decorações em plantas tropicais executadas pela arte primorosa de Burle Marx, destacando-se o grande salão de refeições, salão de chá e bar, descortinando-se de todos os ângulos agradáveis aspectos proporcionados pelo movimento de en-





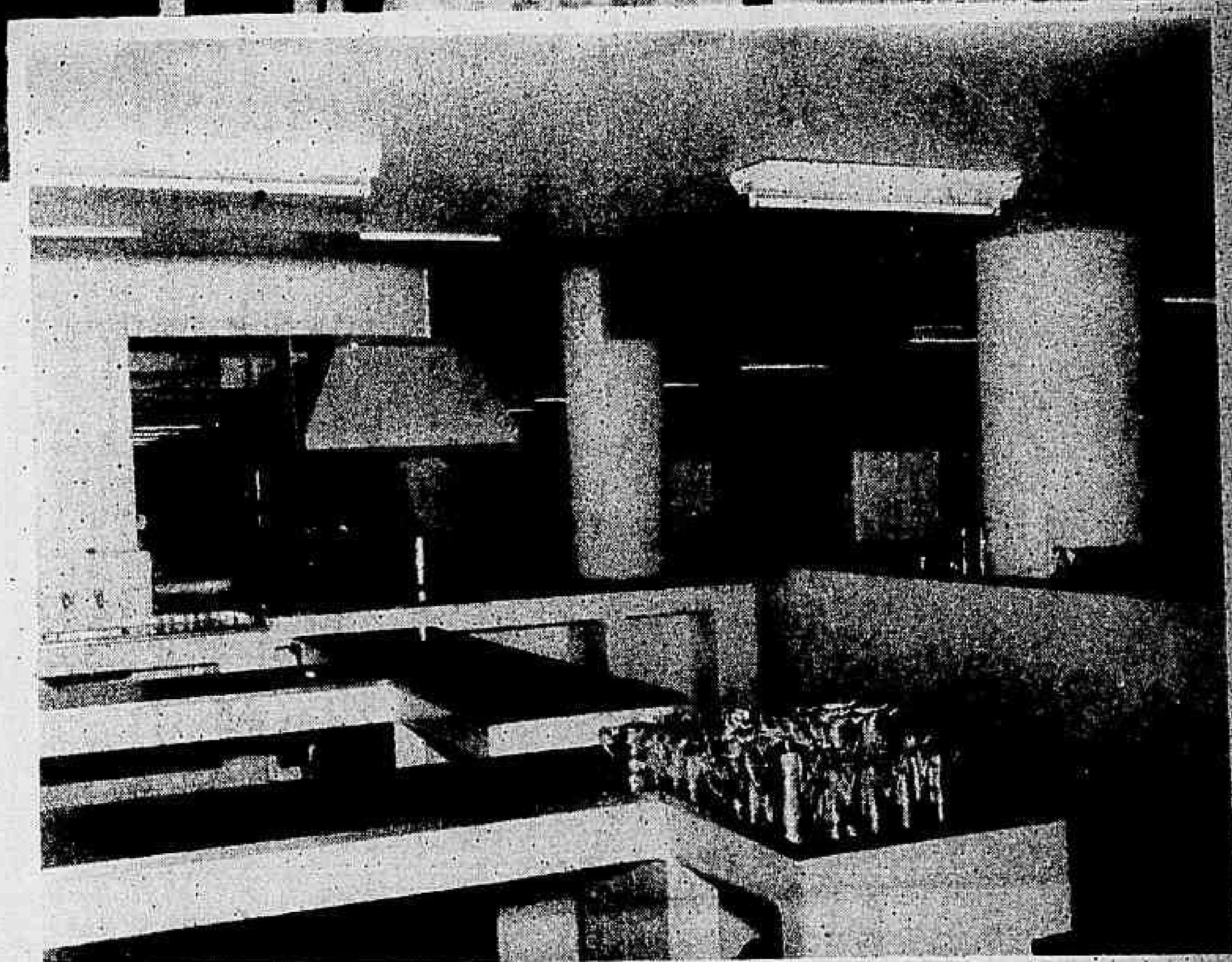
Grupo em que se vêem, no dia da inauguração, sra. coronel João Mendes da Silva, sr. Herbert Moses, D. Dora Burlamaqui, Tenente Brigadeiro Armando Trompowski e sr. coronel João Mendes da Silva. À direita: sr. e sra. Guilherme Vidal, sra. Canabrava Berreiros e Monsenhor Távora.



O aspecto do novo restaurante com que foi dotado o Aeropôrto Santos Dumont é dos mais deslumbrantes, como ademais ilutram estas fotos. Aí vemos parte do salão de refeições.

trada e saída de aviões. Belos recantos destinados à espera ou descanso, dotados de originais e confortáveis poltronas completam o ambiente de elegância e bem-estar do novo Restaurante do Aeroporto Santos Dumont, instalado sob a égide de bem servir, e que funcionará dia e noite. Disporá, também, de estacionamento privativo para os carros pertencentes aos frequentadores do restaurante.

Os diretores da S.A. Restaurantes de Turismo Internacional (SARTI), ofereceram aos presentes um coquetel, tendo a reportagem anotado, entre outras, as seguintes pessoas presentes: — Tenente-Brigadeiro Armando Trompowski, Ministro do Supremo Tribunal Militar; Coronel João Mendes da Silva, Diretor do Departamento de Aeronáutica Civil; d. Carlota Castrioto de Matos, representante do Ministro Nero Moura; dr. Herbert Moses, presidente da ABI; Monsenhor Távora, que procedeu a bênção das instalações; Brigadeiro Fleuss; Embaixador Laffaiete de Carvalho Silva, Diretor do Instituto Rio Branco; Brigadeiro Castelo Branco; dr. Trajano Furtado dos Reis, diretor do Departamento Legal do D.A.C.; dr. José Buarque de Macedo Filho e senhora; dr. Guilherme Vidigal e senhora; dr. Elói Pontes Teixeira, diretor do Tráfego do D.A.C.; representantes de vários jornais cariocas e muitas outras personalidades civis e militares que escaparam à anotação da reportagem. O transcorrer inicial das solenidades foi irradiado pela Rádio Globo.



Detalhe parcial da moderna cozinha, inteiramente elétrica e dotada de todos os requisitos de higiene e confôrto.





Sr. e sra. Walfrido Tinoco, sra. Almeida Rios, sra. Dora César Burlamaqui, dr. Paulo Brito, sr. Almeida Rios, sr. Osvaldo Guimarães Palmeira e o sr. Crisanto Seabra Fagundes. À direita: D. Zuleida César Burlamaqui, casal coronel João Mendes e dr. Frederico Burlamaqui.

CÉREBRO e 3-D

TEDDY

● Para os que advogam a vitória completa em tempo não muito remoto da Terceira Dimensão, o sem dúvida maravilhoso cinema em relêvo apesar de suas inúmeras virtudes, não pode substituir aquilo que consideramos de mais precioso na indústria do filme: o cérebro. Olhe-se o caso dos primeiros espetáculos da 3-D e a conseqüente e muito lógica, aliás, baixa de suas rendas nos Estados Unidos e outros países, para se ter a exata impressão que o cinema jamais poderá dispensar o concurso de seus homens de cérebro para entregar-se inteiramente à época do relêvo, representada por tantos processos já conhecidos e ainda não emancipados, como sejam a própria Terceira Dimensão (com óculos polarizados), o Cinerama, o CinemaScope, a Tela Panorâmica e mais recentemente o Vista Visão.

O cinema sempre estêve e continuará em mãos de homens que são além de artistas ou cineastas, como queiram, homens de acentuado bom gôsto e visão larga do espetáculo cinematográfico, conhecendo-lhe as possibilidades de emocionar as platéias.

Essas considerações vêm a propósito da luta simbólica que há algumas semanas travaram o relêvo e o cérebro quando a Cinelândia carioca exibiu simultâneamente «O Manto Sagrado» em CinemaScope e «Os Brutos Também Amam». O filme de George Stevens superou nitidamente como espetáculo o outro que a seu favor, além de uma história bem ao gôsto das massas, tinha o processo tão aclamado: o CinemaScope. A obra de George Stevens criando um personagem do oeste, Shane, é um exemplo gritante da alta mentalidade do cinema quando se dispõe a usar os recursos naturais, a vida, enfim! Estamos certos de que jamais o relêvo ou outro qualquer processo possa mecanizar os filmes a ponto de que êles venham a dispensar o cérebro. Cérebro e coração, juntos a serviço do cinema, como no filme de George Stevens, provaram que são insuperáveis . . .



Rhonda Fleming — Vai deixar o marido . . .

FALA-SE EM HOLLYWOOD

● Rhonda Fleming anunciou pùblicamente a separação de seu marido, dr. Lew Morrill. Mas as complicações matrimoniais não começaram no Festival de Cinema do Brasil como muita gente julga, em vista das constantes brigas do casal por ocasião daquela visita. O dr. Morrill sempre foi muito ciumento e nunca deveria ter desposado uma «estrêla» cinematográfica e tão bela como Rhonda Fleming, pois ela geralmente é cercada de admiradores e fãs. Ambos casaram-se a 11 de julho de 1952, já tendo estado em vias de separação inúmeras vêzes. Rhonda adiantou, porém, que não pretende iniciar imediatamente a ação de divórcio. Esperará ainda um pouco, antes de tomar a drástica decisão.

● Gilbert Roland — o veterano ator mexicano que faz uma formidável «rentrée» romântica em «The French Line», com a estonteante Jane Russell — terminou, finalmente, o livro que estava escrevendo — «Blood on the Horns» — biografia do seu pai, que foi um grande toureiro. Roland pretende filmar a história, interpretando êle próprio o papel do pai.

● Faleceu a sra. Mary Farina, sogra do comediante Jerry Lewis, da dupla Martin & Lewis. Jerry a considerava mais do que uma mãe e esta foi uma vez em que o genro lamentou a perda da sogra com tanta sinceridade . . .

● A Metro anunciou que comprou os direitos cinematográficos do livro «Empress of the Dusk» (Imperatriz da Obscuridade), de John W. Vandercook. O filme será produzido por Sam Zimbalist em «Cinemascope», tendo Ava Gardner no papel da Imperatriz Teodora, o que certamente contribuirá para maior beleza do histórico espetáculo do império bizantino.

● Lembram-se de Margaret O'Brien? Pois ela acaba de completar 17 anos de idade no teatro Hilltop, de Baltimore, onde se acha interpretando a peça «Kiss and Tell» (Beija-me e verás). No dia do seu aniversário, Margaret ficou bastante emocionada porque, quando surgiu em cena, o público levantou-se e cantou o «Happy Birthday».

GENTE DE HOLLYWOOD



● Corre nas veias de Betty Hutton, essa admirável artista de Hollywood, o talento inato para a difícil arte do cinema. Apesar de ser uma das primeiras comediantes da tela, com um estilo todo pessoal e esfuziante, Betty provou sua arte em «O Maior Espetáculo da Terra», o filme de De Mille no qual a loura artista viveu cenas intensamente dramáticas. Depois da experiência, Betty compreendeu as possibilidades da nova facêta de sua arte e pretende continuar vivendo papéis iguais àquele, embora com isso venha a desgostar uma imensa legião de fãs que acostumara-se a aplaudi-la nas comédias «malucas». Hollywood ganhou, assim, outra «estrêla» para os seus dramas . . .

COISAS DE HOLLYWOOD



● O ORIGINAL E A CÓPIA . . . — Em «The Eddie Cantor Story», a biografia do famoso cômico «dos olhos grandes» que a Warner transportou, recentemente, para a tela, há algumas cenas em que deveria aparecer Jimmy Durante quando ainda jovem. O estúdio procurou um ator que não só lembrasse Jimmy fìsicamente, como possuísse aquêle «quê» brejeiro muito próprio do comediante do «narigão». O jovem Jackie Barnett preencheu os requisitos exigidos, com exceção do nariz, que teve que usar postiço. Ei-lo, ensaiando uma canção com Jimmy Durante em pessoa, que fêz questão, aliás, de auxiliar o seu intérprete. A foto é singular. Não é todos os dias que vemos juntos o original e a cópia . . .

ENTRE AS ESTRÊLAS

JEAN SIMMONS ficou muito contente quando o estúdio deu-lhe «chance» de aparecer num filme com o seu verdadeiro cabelo! Incrível como pareça a «estrelinha» inglêsa, desde que veio para Hollywood tem usado nos filmes cabeleiras postiças! Isso aconteceu em «Androcles e o Leão», «A Rainha Virgem», «Quero-te meu amor» e «O Manto Sagrado» . . .

ZSA ZSA GABOR chorou copiosamente no tribunal quando lhe foi concedido o divórcio de George Sanders. «Eu não queria chegar a êste extremo!» — lamentou-se a bela húngara. — «Porém não tive outra alternativa . . .» Zsa Zsa acusou o marido de crueldade mental, alegando ainda que George mantinha um apartamento secreto durante o seu casamento . . .

ARLENE DAHL, que todos acreditavam viesse a casar mesmo com o «astro» argentino Fernando Lamas e para tanto escandalizava tôda Hollywood com um ardente romance dentro e fora dos estúdios, vai desposar o milionário Rudy Schirmer, um velho admirador seu . . .



Zsa Zsa Gabor — Chorou muito no tribunal . . .

EMOCIONANTE ESPETÁCULO DE CIVISMO AO PÉ DO MONUMENTO A TIRADENTES, EM OURO PRÊTO

Reportagem de J. M. COSTA JÚNIOR

Fotos de ABÉRCIO COSTA

O Governados Juscelino Kubitschek, legítimo intérprete do pensamento e do sentimento do povo mineiro, quis que as homenagens a serem prestadas no dia 21 de abril à memória de Tiradentes, tivessem, desta feita, um cunho de excepcional brilhantismo, dando à cerimônia da Praça da Inconfidência, em Ouro Prêto, o caráter de festa cívica nacional.

Nestas páginas estampamos expressivos aspectos das solenidades e noticiamos a seguir, resumidamente, os acontecimentos de 21 de abril na histórica cidade mineira.

EM OURO PRÊTO

Após percorrer a nova rodovia, o Presidente Getúlio Vargas e demais visitantes, chegaram a Ouro Prêto às 13,30 horas, sendo-lhes servido um almôço íntimo, sem discursos, no Grande Hotel de Ouro Prêto.

GRANDE PARADA CÍVICA

Às 17 horas, imponente cortejo, tendo à frente o Presidente da República acompanhado do vice-Presidente Café Filho, o governador Juscelino Kubitschek e dos governadores da Bahia, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, deu entrada na Praça, onde já se achavam formados o Batalhão de Guardas e os Dragões da Inconfidência.

Abrindo as solenidades, a Banda do Batalhão de Guardas executou o Hino Nacional, após o que os Srs. Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek se dirigiram ao pé do monumento à Tiradentes, onde colocaram uma coroa de flores. A seguir usaram da palavra o Presidente da República e o Governador de Minas Gerais, tendo sido ambos demoradamente aplaudidos pela considerável massa popular que enchia a Praça da Inconfidência.



Impressionante aspecto da Praça dos Inconfidentes, no momento em que se fazia ouvir o Governador Juscelino Kubitschek, no Palanque Oficial.

MINAS REVERENCIA A MEMÓRIA DO PROTO-MÁRTIR DA INDEPENDÊNCIA



O Presidente da República acompanhado do Governador de Minas e de sua comitiva dirige-se ao Palanque Oficial sob as vistas da multidão.

Minas reverencia a memória





O Presidente da República e o Governador do Estado de Minas, ladeados por seus assistentes militares, quando era executado o Hino Nacional. À direita: o Chefe do Govêrno Brasileiro depositando no monumento de Tiradentes uma coroa de flores naturais.



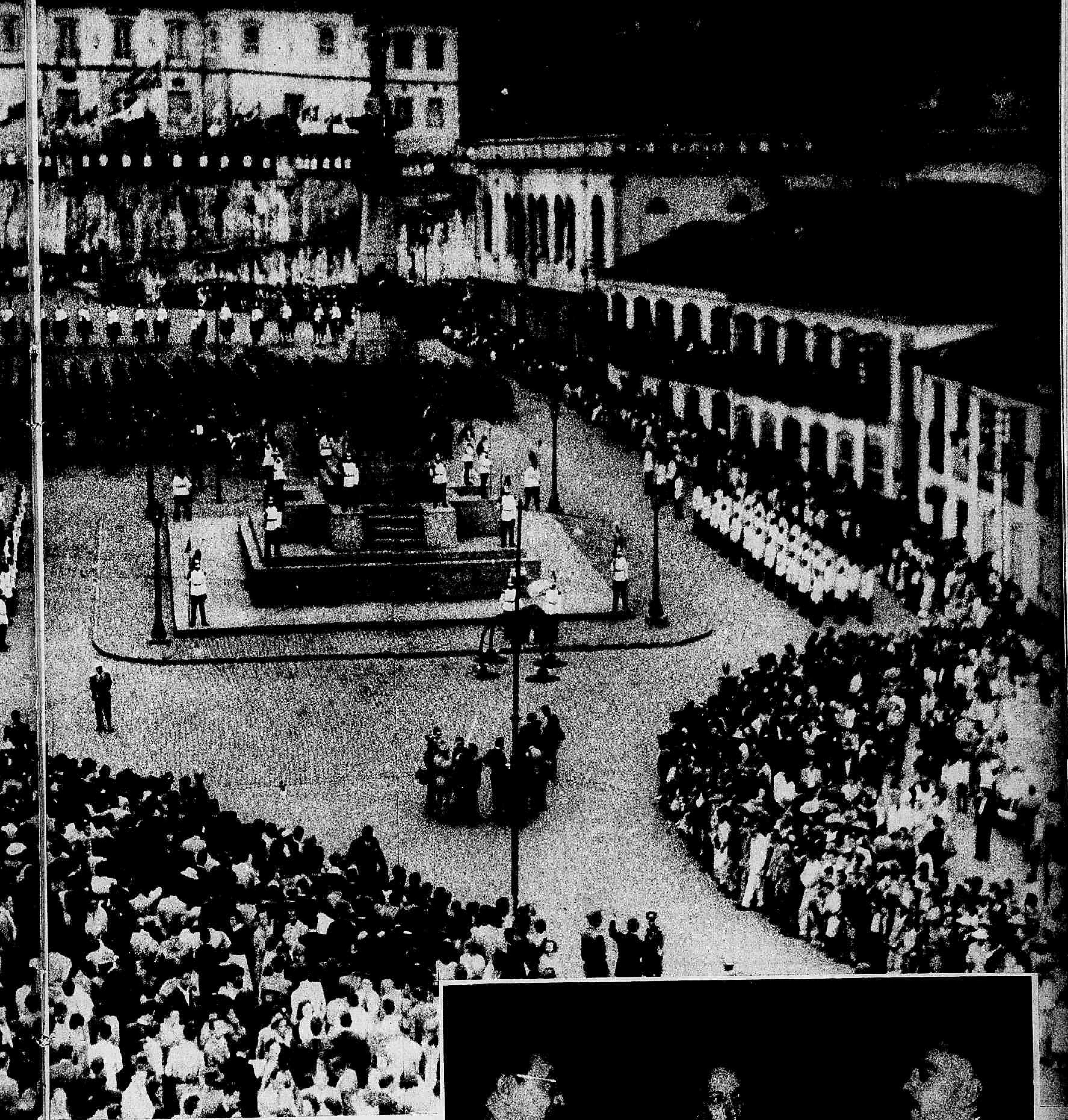
Milhares de pessoas estiveram presentes à empolgante cerimônia cívica de evocação do Protomártir da Independência Brasileira. Vemos, pelo flagrante acima, que o povo se uniu ao Govêrno para demonstrar a fidelidade dos mineiros aos ideais patrióticos de Tiradentes.



Na tradicional Praça da Inconfidência, em Ouro Prêto, o monumento a Tiradentes se destaca em silhueta, no primeiro plano, contrastando com o fundo luminoso produzido pelos fogos de artifício.

MÚSICA E FOGOS DE ARTIFÍCIO

O côro «Pró-Hóstia», de Belo Horizonte, executou a «Marcha Triunfal» de «Aída» e outros números de seu grande repertório. Logo após, procedeu-se ao descimento do Pavilhão do Brasil e dos Estados da Federação, ao toque de clarins. Às 18 horas,



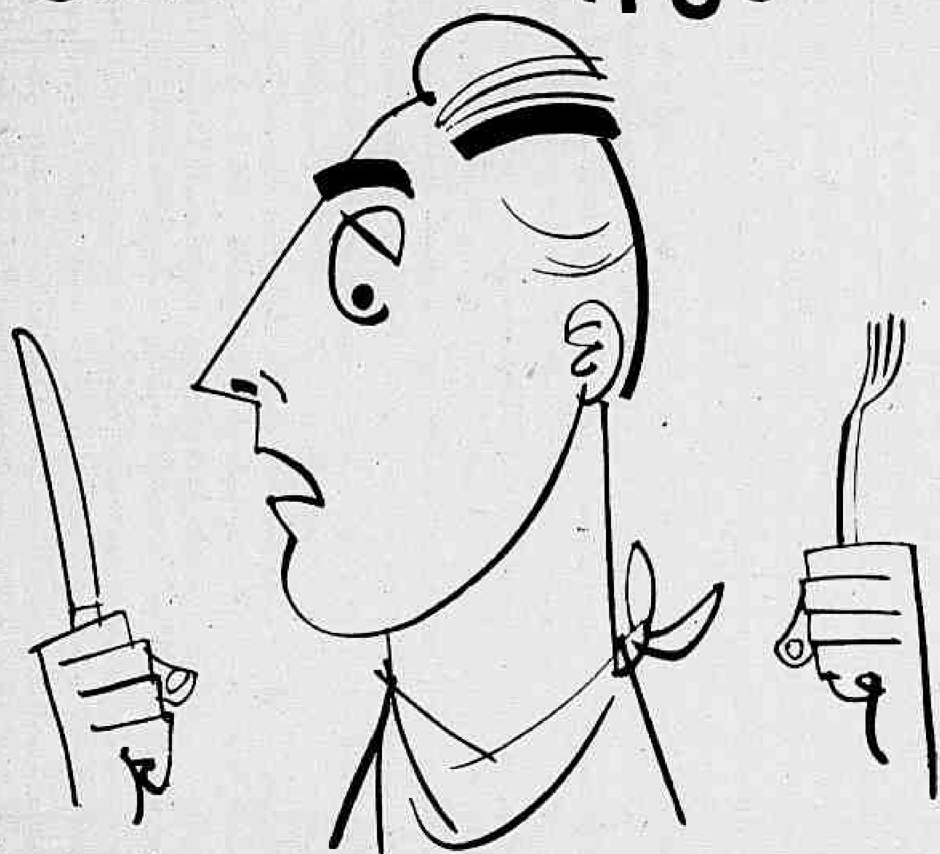


Ao almôço oferecido às autoridades e visitantes pelo Govêrno mineiro, estiveram presentes personalidades marcantes da vida social e política do Brasil. Nesta mesa vê-se a excelentíssima senhora Sara Kubitschek, espôsa do Governador de Minas, ladeada pelo vice-Presidente da República e pelo Governador do Estado de S. Paulo.

todos os carrilhões de Ouro Prêto fizeram-se ouvir e o povo guardou um minuto de silêncio em homenagem aos heróis da Inconfidência.

Finalmente, estrugiram nos ares fogos de grande efeito pirotécnico, enquanto três poderosíssimos holofotes desenhavam no céu o triângulo que foi o símbolo adotado pelos inconfidentes mineiros.

-COMER PARAFUSOS ?



SIM! "PARAFUSOS CORTADOS"

AYMORÉ



Agora, você pode preparar uma suculenta sopa ou uma deliciosa macarronada de parafusos - graças a esta nova delícia Aymoré, feita com ovos frescos e farinha pura. Enriquece sua alimentação, dá um novo atrativo aos seus menus e é um produto que inspira confiança, pois traz a marca tradicional em massas alimentícias - Aymoré!

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

SEMANA ASTROLÓGICA

● **Muitos dos nossos leitores têm estranhado o emprêgo que a REVISTA DA SEMANA vem dando às anotações astrológicas, nesta seção, considerando, por exemplo, o Sol no signo do Capricórnio, entre 24 de junho e 22 de julho e não no signo do Câncer, como se admite geralmente. O signo do Câncer é oposto ao signo do Capricórnio. E' justamente nessa oposição que o nosso processo se fundamenta. Os signos do Zodíaco representam as estações do ano. Câncer simboliza o verão e Capricórnio, o inverno.**

● **Ora, o nosso verão não chega em junho nem o nosso inverno, em dezembro. No hemisfério sul, as estações estão a seis meses, em relação ao hemisfério norte. Elas se opõem, portanto, no tempo, não obstante serem os mesmos, os seus efeitos. As nossas indicações são feitas tendo-se em conta a nossa posição meridional. Invertemos os signos para não fugir à realidade da sua fenomenologia.**

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença., A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente.... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)

ENDERÊÇO ....

CIDADE .... ESTADO ....

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 15 E 21 DE MAIO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não haverá uma modificação sensível na sua posição em face do influxo dos astros, na semana entrante. Continuará favorável a situação, aos seus interêsses e aos seus negócios. Boas oportunidades.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Haverá uma modificação para melhor, no seu caso. Os dias 17 e 19 serão particularmente favoráveis aos seus empreendimentos, às atitudes e resoluções que tomar. Recomendamos, apenas, o maior desinterêsse nas questões sentimentais. Evite, como puder, o outro sexo.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor terá uma semana inteiramente livre. Astrològicamente, não haverá, no seu caso, nem indicação nem contra indicação. Pode fazer o que bem entender, bastando não perder o senso da oportunidade e o dos limites das suas possibilidades de ação.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Do equilíbrio das idéias, o leitor irá às realizações. O novo período será muito favorável ao estudo dos seus problemas e ao planejamento do que pretender realizar. Os melhores dias serão 15, 17, 19 e 20.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — As questões sentimentais se apresentarão altamente desfavoráveis, no novo período. Nesse terreno, ás coisas mais insignificantes tomarão uma feição escandalosa e serão exploradas pelos íntimos, parentes e assemelhados.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não tome iniciativas importantes na vigência dos próximos sete dias. Fique no habitual, nas ocupações ordinárias. Algumas propostas lhe serão feitas, consistindo em modificações nos rumos do seu destino. Deve recusá-las para evitar um fracasso certo.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A atuação de Uranus poderá provocar, na sua vida, acontecimentos bruscos e inesperados. Felizmente tais acontecimentos estarão revestidos de aspecto favorável. Os dias mais fortes serão 18 e 20.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Os melhores dias, no seu caso e na próxima semana, serão 15, 17, 19 e 21. Os dias pares, em tal período, não lhe convirão. Aproveite a oportunidade que lhe será oferecida, para pôr em ordem os negócios pendentes. O ambiente lhe dará margem a um encaminhamento de tais negócios, com a máxima segurança.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — A chance lhe baterá à porta, convidando-o a desfrutar os proventos de uma posição privilegiada. O leitor terá boa sorte nas especulações a que se entregar.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O leitor terá um novo período bem favorável aos negócios e às iniciativas já em projeto. Poderá lançá-las com êxito. Os melhores dias para empreendimentos serão 15, 19 e 20.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Oponha-se às sugestões que seus íntimos lhe fizerem. Não se submeta às idéias da sua «entourage». Aja de acôrdo com seu próprio pensamento e não se enganará.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Mantenha uma atitude discreta. Não participe, a ninguém, o que desejar fazer. O momento o predisporá a traições e a lamentáveis enganos, não sòmente por palavras, mas também por ação.

OS NOMES DA SEMANA

Maio,	15	—	Juvêncio	—	Otília
"	16	—	Murilo	—	Célia
"	17	—	Torquato	—	Júlia
"	18	—	Virgílio	—	Edviges
"	19	—	Sílvio	—	Sílvia
"	20	—	Rogério	—	Emiliana
"	21	—	Otílio	—	Moema

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Maio,	15	—	24º - 6' - 43"	(Signo do Touro)
"	16	—	25º - 4' - 32"	(" " ")
"	17	—	26º - 2' - 20"	(" " ")
"	18	—	27º - 0' - 6"	(" " ")
"	19	—	27º - 57' - 51"	(" " ")
"	20	—	28º - 55' - 34"	(" " ")
"	21	—	29º - 53' - 17"	(" " ")

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIN — Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

O trem aproximou-se da fronteira. Num instante nos encontrávamos outra vez em França, revendo aquelas tonalidades queridas sob um céu azul pastel.

No momento exato em que o trem parou a chuva se desencadeou e verdadeiras trombas dágua se derramavam sôbre a gare de Modane que tomava assim uns ares desarrumados de entreposto mal varrido.

início de nossa viagem anunciado a presença de Andrea declarava agora em voz solene:

«Pedimos às pessoas que se encontram nos corredores que desçam à gare para permitir que a visita dos fiscais aduaneiros se faça livremente».

Resolvemos não dar a mínima atenção ao tal aviso.

Sim, porque fazíamos parte das «pessoas que se encontram nos corredores» durante uma viagem de duas horas de solavancos e sacolejos agüentando as bagagens que desabavam em cima de nós a cada curva.

Vimos muitos dos nossos companheiros de viagem descendo apesar da chuva e ficar numa área descoberta sob o aguaceiro e rimos comentando que «há muita gente neste mundo que gosta de apanhar chuva».

Mas de repende um «gendarme» irrompeu pelo corredor onde estávamos e nos interpelou com energia:

— E como? Vocês não ouviram o aviso? Desocupem o corredor para a visita dos fiscais. E depressa!

Tomei a frente para responder:

— Sim, mas onde é que o senhor acha que devemos descer?

A chuva se multiplicava em violência e o trem parecia estar no meio de um lago ameaçando submergir.

— Devem descer para fora naturalmente.

— Lá fora? (gritaram as meninas tôdas de uma vez). Mas chove torrencialmente!

— Regulamento é regulamento. Não é permitido estacionar nos corredores.

Não nos restava senão obedecer e começamos a vestir os nossos impermeáveis com o coração cheio de ódio.

Françoise, cujas teorias a respeito iam até a prática resolveu pôr um casaco sôbre a cabeça e descemos do trem para agregarmos-nos ao grupo miserável que fazia fila sob a chuva inclemente.

E nós protestamos entre nós mesmos.

— Vejam que bela recepção à nossa chegada à França! (gritei com voz revoltada). Fazem-nos esperar em fila como animais sob esta chuva torrencial.

— É uma vergonha (protestou Nicole). Logo se vê que já não estamos mais na Iugoslávia!!!

— Pois que voltem para a sua Iugoslávia (gritou um fiscal).

Resolvemos não responder àquele compatriota que assim nos provocava.

Pedi a Andrea que simulasse um desmaio a fim de que eu a carregasse (ela era a mais leve da turma) nos braços e rubro de raiva chegando à sala da alfândega onde estaríamos protegidos da chuva ainda nos fizéssemos de vítima gritando para os funcionários: «Assassinos!»

Mas Andrea se recusou.

E eu estava louco, louco só de pensar que Léna poderia ter vindo conosco, por exemplo, e em Paris fôsse testemunha de cenas atrozes iguais àquela que rivalizavam bem com a nossa chegada a Rijeka.

Finalmente depois de um ritual tolo em que fizeram vários sinais e cruzinhas com giz sôbre as nossas valises os funcionários desocuparam os vagões. Afinal para aquilo não era preciso tanto incômodo, eu também sei desenhar cruzinha de giz sôbre as malas.

E voltamos para o corredor sentindo um rancor irreprimível contra os guardas aduaneiros franceses.

Vários soldados haviam invadido o nosso vagão e falavam alto e muito. Todos eram muito gentis e se agrupavam ao redor das pequenas.

O trem partiu.

Uma senhora atrás de nós viajava, também de pé, em estado interessante.

Um dos soldados notou finalmente e passando a cabeça para o compartimento seguinte interpelou um homem de certa idade:

— Então, como é? Os homens sentam deixando de pé uma senhora neste estado?

O pobre homem gaguejou um pouco antes de levantar-se e responder desculpando-se:

— É-é que eu não havia reparado que ela estava . . .

— Ah! Não havia reparado! Pois venha reparar e de outra vez saiba respeitar uma senhora neste estado!

O coitado do homem corou com o insulto mas se limitou a disfarçar olhando a paisagem inundada.

As pequenas caíram na gargalhada mas eu não ri.

Estava emocionado. Meu coração bateu com fôrça e alegremente pois eu voltara a encontrar na França querida aquela luz antiga. Eu via que ainda não estava extinto aquêle sentimento de galanteria, de cavalheirismo antigo onde o verdadeiro herói, o cavalheiro jovem jura defender com a própria vida a mulher e o herdeiro por nascer.

E via também reviver aquêle espírito vivo e alegre de outros tempos, comentava-se esportivamente o incidente.

Houve até uma espécie de brinde que foi um sucesso entre as pequenas.

O trem entrou na gare de Dijon.

— Precisamos de jornais e revistas franceses (disse Colette excitada). Temos de ficar ao par das novidades!

Ofereço-me:

— Se vocês quiserem eu vou comprar (digo com voz ardente e devotada que lembra namorado recente).

As pequenas me olham um tanto espantadas.

Havia muito tempo que eu não me oferecia para prestar-lhes aquêles serviços galantemente.

Fazia tanto tempo . . . talvez desde Dubrovnik ou talvez até desde Split. De qualquer modo a lembrança se perdia na poeira dos tempos.

Precipitei-me para o «stand» do jornaleiro que ficava justamente do outro lado da gare e comprei generosamente uma meia dúzia de jornais e revistas, matutinos e vespertinos.

Voltei radiante acenando as fôlhas coloridas.

— Ora, Michel . . . quando falamos em jornais e revistas, falamos em jornais e revistas de modas naturalmente. Precisamos estar a par das novidades em vestidos e chapéus.

Titubeei por um momento mas logo emendei:

— Ora, desculpem. Mas não faz mal volto a comprar outros.

E comecei a descer do trem.

— O trem vai partir, Michel, você não terá tempo de ir e voltar (gritaram tôdas a um tempo aflitas).

Dei um salto esportivo do trem em movimento.

— Michel, você é doido! (gritavam elas entusiasmadas).

Corri como um campeão até o jornaleiro que me acolheu com a mais franca alegria.

Os vagões desfilavam lentamente e eu podia identificar o nosso fàcilmente pelas nove pequenas agrupadas na janelinha.

E tôdas gritavam aflitas:

— Michel, Michel, sobe depressa!!!

Arrematei tudo o que pude a respeito de modas e de interêsse feminino.

Nesta altura vi passar diante de meus olhos o último vagão. Corri como jamais o fiz e como que sustentado pelos gritos angustiados das pequenas.

E depois de magníficos saltos acrobáticos me encontrei novamente dentro do trem.

— Oh! Michel! Você é tão gentil . . . não precisava fazer tanto sacrifício!



E tôdas me cumularam de carinhos e gentilezas.

Senti que havia recuperado a admiração das minhas meninas que emocionadas até às lágrimas não se cansavam de elogiar a minha façanha galante.

— Ah! Michel (disse uma das nove, emocionada). Por que você não foi sempre assim galante? Dir-se-ia que estamos voltando aos primeiros dias da nossa viagem . . .

Baixei a cabeça um tanto sem jeito.

— Sim, é verdade (respondi também comovido). Eu fui por vêzes muito pouco polido para com vocês.

Isto me valeu um protesto coletivo e fulgurante.

E agora que a noite cobria os prados franceses eu sentia um prazer meio sádico em me rebaixar humildemente como um autêntico herói medieval provocando cada vez mais veementes protestos das nove bôcas das pequenas.

Minha preleção termina às portas de Paris.

— Devo neste momento derradeiro vos confessar algo de mais terrível do que tudo que fiz durante a viagem (digo lentamente assim como quem guarda o trunfo para o fim). É que a minha valise é muito forte e resistente bastante para suportar duas pessoas de uma vez . . . e eu jamais ofereci a vocês para sentar e descansar um pouco nela.

— Nós sabíamos . . . nós sabíamos (disse Colette em voz baixa).

Eu as olhei espantado.

— Certa noite (explicou ela) creio que foi em Split, nós experimentamos sentar em cima da sua valise. Conseguimos sentar até quatro de uma vez e ela resistiu. Como praguejamos então contra você!

Fiquei até sem fala com a revelação.

A tensão era extrema.

Uma palavra a mais cheia de emoção e nós nos lançaríamos soluçando uns nos braços dos outros.

— Eis a gare de Lyon! (disse eu num suspiro vendo aproximar-se a separação por que tanto ansiara nos momentos de revolta).

Algumas das pequenas ensaiaram umas làgrimazinhas.

Elas estavam tôdas em fila no corredor com suas pobres bagagens de que eu tanto desdenhara.

Na euforia da chegada, perdoadas tôdas as faltas, pareceu-me que aquelas nove fisionomias se confundiam para formar uma só, um só semblante: o da mulher ideal possuidora de tôdas as virtudes, de tôdas as qualidades.

Só então me dei conta de que fôra afinal vítima de um inelutável estado de coisas contra o qual tentei e ensaiei em vão me insurgir.

Sob os céus da França a mulher é rainha absoluta.

E nove vêzes eu me convenci disso e me sujeitei à convicção. Desembarquei completamente leve, como dizem os colegiais. E se alguém quiser pode vir ao meu encontro e colocar em mim um cartaz digno de atrair tôdas as mamães de mocinhas casadeiras de França, com os dizeres:

APTO E ANCIOSO PARA CASAR!

FIM

QUE É POESIA?

OTTO SCHEIDER

● Fiz esta pergunta, certa tarde, a Jorge de Lima, em palestra com o autor de «Invenção de Orfeu» no seu atelier-consultório, quando já menos de um ano o distanciava da morte que nos surpreenderia tão dolorosamente. A propósito do recente livro de Carlos Bousoño sôbre a «Teoria de la Expresión Poética» falamos do que pròpriamente constitui a essência da poesia. Em resumo, a palestra foi a que aqui vai transcrita e que pude anotar durante as pausas entre um e outro paciente que o médico-poeta atendia.

— A poesia é indefinível — disse Jorge de Lima, quando lhe pedi uma definição. — Sentimo-la, mas não podemos descrevê-la. Provocâmo-la, e não sabemos explicá-la. Mas lhe posso apontar alguns estados em que a poesia se manifesta, tornando-se fácil de identificá-la... Quando ouvimos música, ou contemplamos um legítimo quadro ou uma autêntica escultura, ou quando amamos, ou lemos, ou ouvimos um verdadeiro poema ou nos alienamos em êxtase, quando isso e mais alguma coisa indefinível como isso se produz, êsses momentos fugazes em que sentimos enlevados a eternidade, são poesia.

— Então a poesia está à frente da própria música e das outras artes?

— Sim. A poesia está à frente. As outras artes são apenas um veículo, um transporte para ela. Acontece, porém, que os agnósticos, ou mesmo o homem comum que nada entende de poesia, quando são por acaso impregnados dessa intemporalidade, dessa levitação, dessa coisa além dêles, não sabem que essa coisa é poesia. Você quer um exemplo?... Proust.

— Como Proust?

— Sim, Proust. Mas, antes lhe quero dizer que as coisas mais simples, o cotidiano, os perfumes, a saudade podem, em determinadas condições, provocar estados análogos que tragam os rótulos que quiserem, são em última análise — poesia.

— E Proust?

— Proust escreveu uma porção de volumes sôbre a procura e o achamento do tempo que era o seu tempo proustiano, tempo que êle escreveu sempre com T grande. Quando Proust ouvia uma determinada sonata, ou mesmo saboreava a sua «madeleine» com chá que êle usava na infância, ou quando se sentia impregnado por outros motivos que êle nos conta em sua narrativa, sentia o seu tempo com T grande arrebatá-lo momentâneamente do nosso pobre tempo físico: então surgia dentro do íntimo de Proust o homem extratemporal etc. etc. Sôbre êsse simples estado de alma e para poesia que acidentalmente acometia o narrador, desenvolveu êle uma esplêndida crônica que o tornou imortal. Está aí como um intenso estado poético pode tornar qualquer cidadão, de repente, famoso. Quando Cabral aportou ao Brasil, o seu escriba Caminha escreveu uma carta contando o que estava vendo. Pois bem, esta carta, simples carta de cronista, se transformou imediatamente em poema. E Caminha morreu sem saber. Chegamos assim a uma conclusão: todo homem tem dentro de si um poeta que dorme. Quando êsse poeta ouve música ou desperta sob a ação de qualquer motivo poderoso ou sonha magnìficamente em vez de dormir zoològicamente, apodera-se do homem seu hospedeiro e envólucro um estado especial que é o estado poético. Um livro de poemas não passa de uma simples máquina de poesia que em uns, de acôrdo com a sua receptividade e até de seu estado fisiológico, pode originar o tal tempo proustiano com T grande ou não. Sem me incomodar com a pilhéria que algum piadista possa concluir do que vou lembrar-lhe, pois quando falamos de poesia não nos apraz levar em conta os trocadilhistas e outros sarcastas, bem sabe você que ainda ontem os românticos usavam álcool, cocaína em vez de chá com madeleine para que dentro dêles surgisse êsse íncubo sobrenatural, êsse íncubo poético que é o anjo da poesia.

— Mas êsse anjo também pode ser o anjo das trevas?

— Sim, daí uma poesia preternatural em vez de sobrenatural. E como o anjo da preternaturalidade é também o do achincalhe, da ruindade e da negação, deduza que há também muita sofisticação de poesia, como também muitos processos das duas espécies...

Fichário

★ DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ acaba de ser distinguida com o Prêmio Machado de Assis, o maior prêmio distribuído pela Academia Brasileira de Letras, porque independe de candidatura: a Academia escolhe livremente um autor cujos trabalhos, em quaisquer gêneros, constituam de algum modo um patrimônio da cultura brasileira. Dinah Silveira de Queiroz é a primeira escritora a merecer tal distinção, pelo conjunto de sua obra. E para tal escolha deve ter contribuído fortemente o sucesso do último romance da escritora paulista: «A Muralha». Ainda recentemente, Dinah teve um dos seus romances traduzido para o francês: «Margarida La Rocque», que julgamos o seu melhor trabalho de ficção até o presente.



★ «VIDA DE SANTO AGOSTINHO», de Giovanni Papini, em tradução de Monteiro Lobato, acaba de sair em nova tiragem pela Editôra Nacional.

★ «OS SINOS» é o título de um volume de contos, com belas ilustrações de Darel, que o jovem escritor norte-riograndense Renard Perez lançou há dias em edição do «Jornal de Letras». Renard Perez estreou em 1952 com a novela « O Beco » (edição da Revista Branca). Além de colaborar na imprensa através de crônicas e comentários sôbre livros, o ficcionista mantém um programa literário na Rádio Roquete Pinto. Cuida atualmente do seu romance «Um Homem na Cidade Indiferente» em que vem trabalhando há vários anos, e tem pronta uma novela: «A Revolução». Renard Perez volta à forma clássica do conto, que é a de contar uma história, em vez de perder-se em meras considerações introspectivas.



★ OS IRMÃOS PONGETTI preparam uma nova e bela edição (a sétima) de «Cirano de Bergerac», de Edmond Rostand, na tradução de Carlos Pôrto Carreiro, e com numerosas e excelentes ilustrações de Mário de Murtas. Quanto à versão brasileira, já consagrada, basta lembrar o juízo sempre severo de José Veríssimo que «julga em alguns pontos a tradução melhor que o original». A edição que se distingue pelo esmêro do trabalho gráfico e a qualidade de papel, traz uma capa desenhada especialmente pelo artista Paez Torres.

★ LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA tem pronta uma novela: «Constança», e pretende escrever um roteiro de Diamantina, no gênero de «Passeio a Sabará».

★ GILBERTO FREIRE, cujo livro «Interpretação do Brasil» aparecerá breve em japonês, acaba de autorizar a publicação, no mesmo idioma, de «Casa Grande & Senzala».

★ «DIARIO SECRETO», de Humberto de Campos, agora em edição completa pelas Edições O Cruzeiro, está se destacando como um dos «best-sellers» do momento. «O que o homem tinha de podre — escreve o crítico Valdemar Cavalcânti — estava nas suas confissões. Mesmo no fim da vida, entre os sofrimentos de uma doença terrível, êle ainda conseguia dar voz ao seu espírito de maledicência».

★ AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA, a esta altura, já estará no México, para ensinar literatura brasileira, substituindo Ciro dos Anjos que, por sua vez, seguiu para Lisboa a fim de substituir Álvaro Lins em curso idêntico, na Faculdade de Filosofia e Letras daquela capital.



★ «APRESENTAÇAO DE JORGE DE LIMA», por José Fernando Carneiro, é um dos mais recentes Cadernos de Cultura. Dentre todos que conhecemos Jorge de Lima de perto, poucos estariam tão autorizados para escrever sôbre o autor de «Calunga» como José Fernando Carneiro que, além de haver sido duplamente seu colega, — como escritor e como médico — contava entre os amigos mais íntimos do poeta. E poucos escreveram, em tão poucas páginas, com tamanha lucidez e tão profunda compreensão sôbre a sua obra.

★ O «CORREIO PAULISTANO», a 26 de junho próximo, vai comemorar os seus 100 anos de vida. Outro centenário — o quarto —, a ocorrer em agôsto, é o do falecimento de Duarte Coelho, primeiro donatário de Pernambuco. Sua morte se deu em Lisboa a 7 de agôsto de 1554. E no próximo dia 12 de setembro terá passado um século sôbre a criação, por D. Pedro II, do Instituto dos Meninos Cegos, modernamente chamado Benjamin Constant, em homenagem àquele que, por longos anos, o dirigiu.

NÃO PROCUREIS...

Não procureis qualquer nexo naquilo
que os poetas pronunciam acordados,
pois êles vivem no âmbito intranqüilo
em que se agitam sêres ignorados.

No meio de desertos habitados
só êles é que entendem o sigilo
dos que no mundo vivem sem asilo
parecendo com êles renegados.

Êles possuem, porém, milhões de antenas
distribuídas por todos os seus poros
aonde aportam do mundo suas penas.

São os que gritam quando tudo cala,
são os que vibram de si estranhos coros
para a fala de Deus que é sua fala.

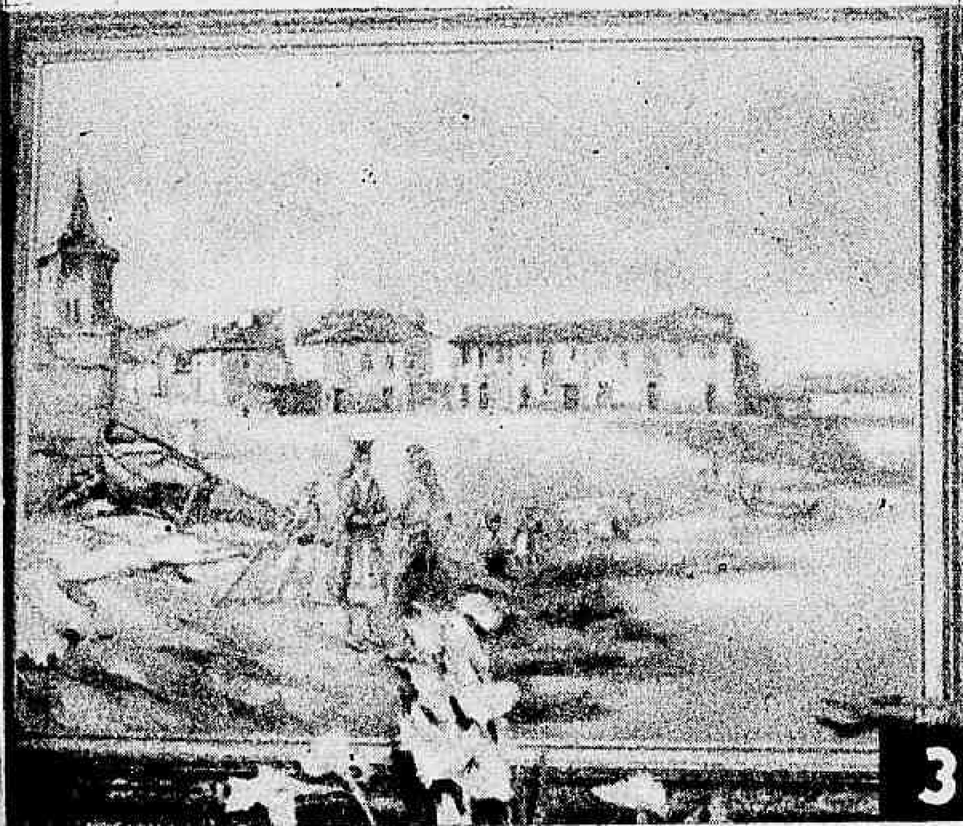
Jorge de Lima em "Antologia de Sonetos".





Bodas de prata do casal MARIA - AVELINO CARNEIRO

● O dia 25 de abril de 1954 marcou no calendário do casal Soares-Carneiro a mais afetiva data de sua vida: a celebração das Bodas de Prata. Vinte e cinco anos de lua de mel, um quarto de século de mútua felicidade e harmonia inquebrantável. Para comemorar tão grato acontecimento, seus filhos convidaram parentes e amigos para a grande celebração na residência dos homenageados, Av. Atlântica 586, ap. 1002. Mais de uma centena de pessoas foram testemunhar ao casal a sua sincera amizade. Para que se compreenda a razão dêsse júbilo coletivo, é necessário que se faça ligeiro histórico da vida do sr. Avelino Carneiro. Nasceu em Fão, Concelho de Espozende, Portugal, poética cidadezinha à beira do Cávado. Veio para o Brasil a 7 de janeiro de 1922. Aqui trabalhou, prosperou, tornando-se um dos ornamentos da sociedade carioca por sua posição social e econômica, sendo hoje um dos sócios da importante firma Macedo, Portas, Importadores Ltda., Trav. do Comércio 9, desta capital. A 25 de abril de 1929 contraiu núpcias com d. Maria Soares, natural de Catiara, Minas Gerais, moça prendada, cuja formação espiritual se irmanizou tão lealmente com a do espôso, que confirmou o pensamento filosófico: O AMOR VALE O QUE VALE O SER AMADO. O seu lar foi enriquecido com o nascimento de Marialino e Mário, educados sob os mesmos princípios morais do seu lar abençoado pelos sentimentos cristãos em que se formou. Não obstante aqui ter-se radicado, não se esquece o sr. Avelino de seu Fão querido, que sempre visita, para sentir nalma o reviver de sua infância, percorrendo uma das coisas que mais lhe enche a alma e a existência: os sítios de seus brinquedos de menino, vendo o rio em que se banhava, nadava, mergulhava; as velhas paredes centenárias quando jogava o **botão**; os jogos da **bilharda**, os passeios inesquecíveis. Pergunta por todos os seus amigos de infância, muitos que já se foram para o seio da Eternidade, outros que aqui estão, muitos de que não soube mais. Para estar sempre junto ao seu amado Fão, mandou pintar um quadro a óleo que recebeu o nome de **Largo do Cais**, onde se vê o trecho da rua em cujo centro está a casa onde nasceu. A tela foi executada pelo grande pintor português Manoel Lima, prof. da Escola de Belas Artes de Lisboa, ora de passagem pelo Rio. Pelo muito que tem feito por sua terra natal, é o sr. Avelino um benemérito, contribuindo para seu progresso espiritual, social e material, destacando-se doações ao Hospital, à Cantina Escolar, Corpo de Bombeiros, Igrejas e instituições que exibem seu retrato, preito de gratidão dos beneficiados ao grande benfeitor. O sr. Avelino tem visitado vários países da Europa, com a família e a negócios. Mas nunca se esquece de Fão, onde é amigo de todos, abraçando ricos e pobres, a todos amando como se abraçasse a própria imagem da Pátria.









1 — Momento em que o casal partia o bôlo simbólico de seus 25 anos de casamento.

2 — Banquete no Clube Ginástico Português, de 150 talheres, ao qual compareceram figuras do maior destaque social do Rio.

3 — A tela a óleo assinala a casa em que nasceu o sr. Avelino, quadro inaugurado e benzido pelo Pe. Gambarra.

4 — O sr. Avelino pediu licença aos amigos para tirar esta foto especial, com filhos de Fão aqui residentes.

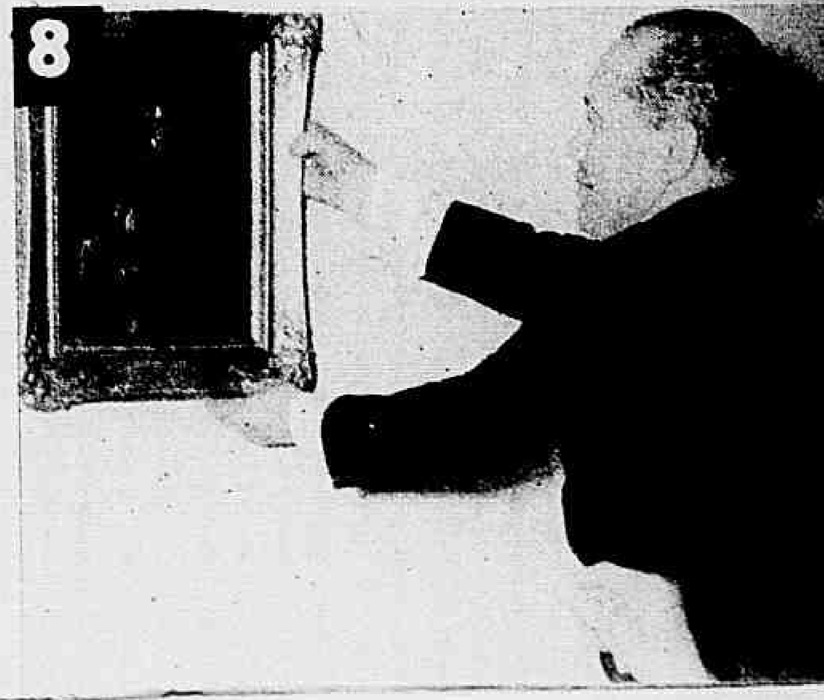
5 — Grupo da saudade: o sr. Avelino com seus amigos fangueiros Joaquim Mariz e Artur Sobral, radicados no Rio onde desfrutam de grande prestígio social.

6 — Grupo no Ginástico, vendo-se seus dois filhos e sobrinho Fernando Assunção Carneiro, vindo de Montevidéu para representar seus pais, elementos de grande relêvo no Uruguai.

7 — O casal ao chegar à Candelária para ouvir a missa gratulatória celebrada pelo Pe. Lúcio Gambarra.

8 — Entronização da imagem do Coração de Jesus na residência dos homenageados e benzida pelo Pe. Gambarra.





Cantando melhor do que há dez anos



Sílvio e a espôsa. Ela está fazendo um curso de forno e fogão com o marido.

O TEMPO PASSA E SÍLVIO CALDAS FICA

História de um menino que fugiu de casa com nove anos, correu mundo, conhece o Brasil inteiro e já foi garimpeiro, tropeiro, cozinheiro, pescador e continua sendo o mais brasileiro dos cantores, a maior figura do rádio nacional ★ A humildade é uma das características da vida do «caboclinho».

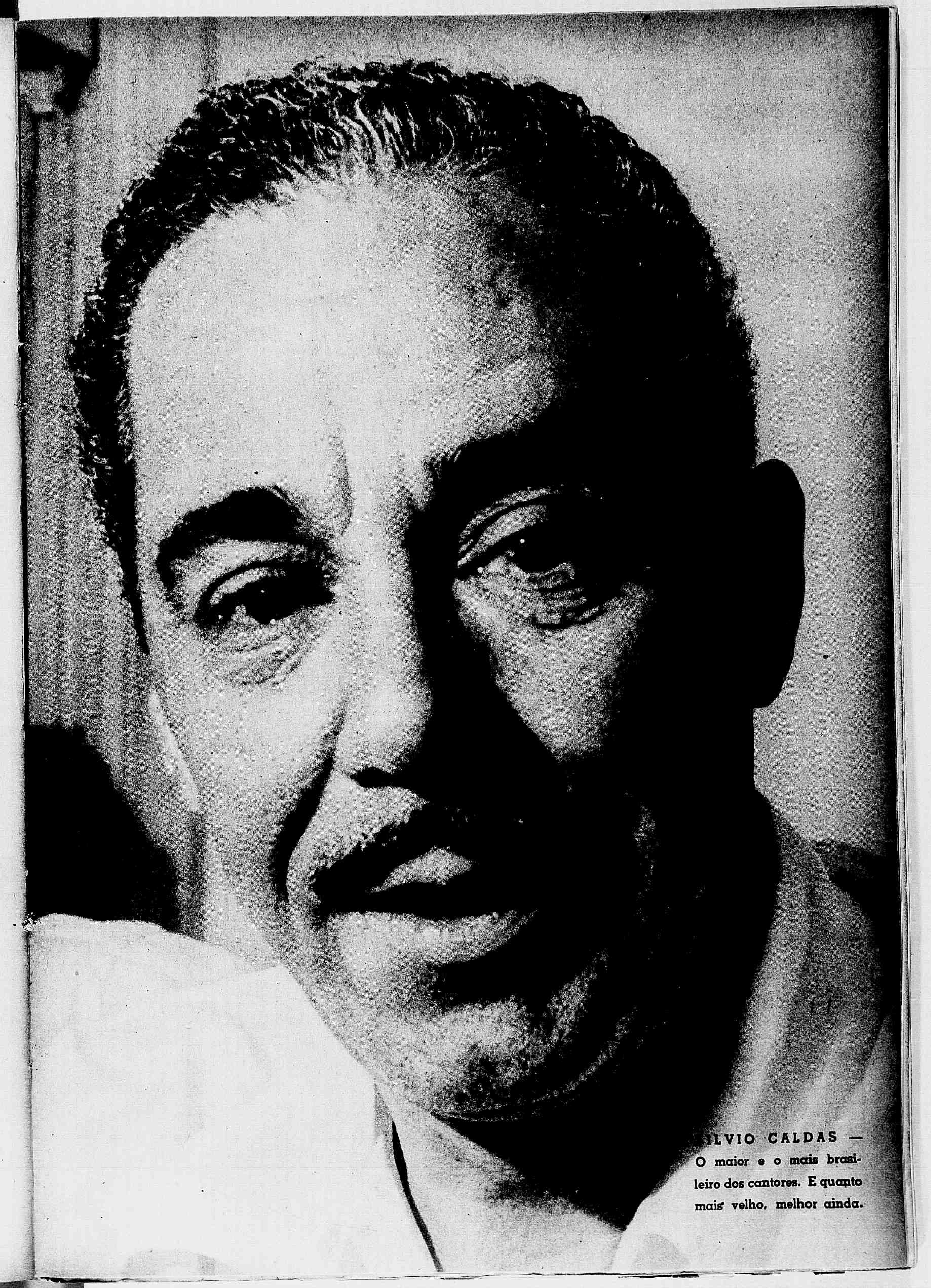
Reportagem de MATTOS PACHECO — Fotos de NORBERTO ESTEVES

NASCEU em São Cristóvão. Quando? Sílvio Caldas esconde a idade, mas dá a entender que foi no comecinho do século. Foi um menino terrível. Fujão. Não parava em casa, só queria brincar na rua, jugar futebol, fingir de bandido. O pai, ainda vivo, músico e afinador de pianos, preferia o filho em casa, perto da mãe, ao lado dos outros irmãos. E como recurso para mantê-lo afastado das ruas, deixava o garôto de camisola durante quase todo o dia... Mas Sílvio logo descobriu um meio de burlar a vigilância paterna. Prendia as fraldas

SILVIO QUEBROU UM TABU

● Em São Paulo, artista que trabalha na Nacional, não trabalha nas «Associadas» e vice-versa. Mas Sílvio Caldas quebrou o tabu, com o pêso da sua inegável importância e prestígio dentro do ambiente artístico do país. O «caboclinho» «funcionou», simultâneamente, na Rádio Nacional e na TV «Associada». Quebrou um tabu. Abriram uma exceção ao Sílvio, que talvez não seja mais quebrada por ninguém.

Afinal Sílvio Caldas é Sílvio Caldas.

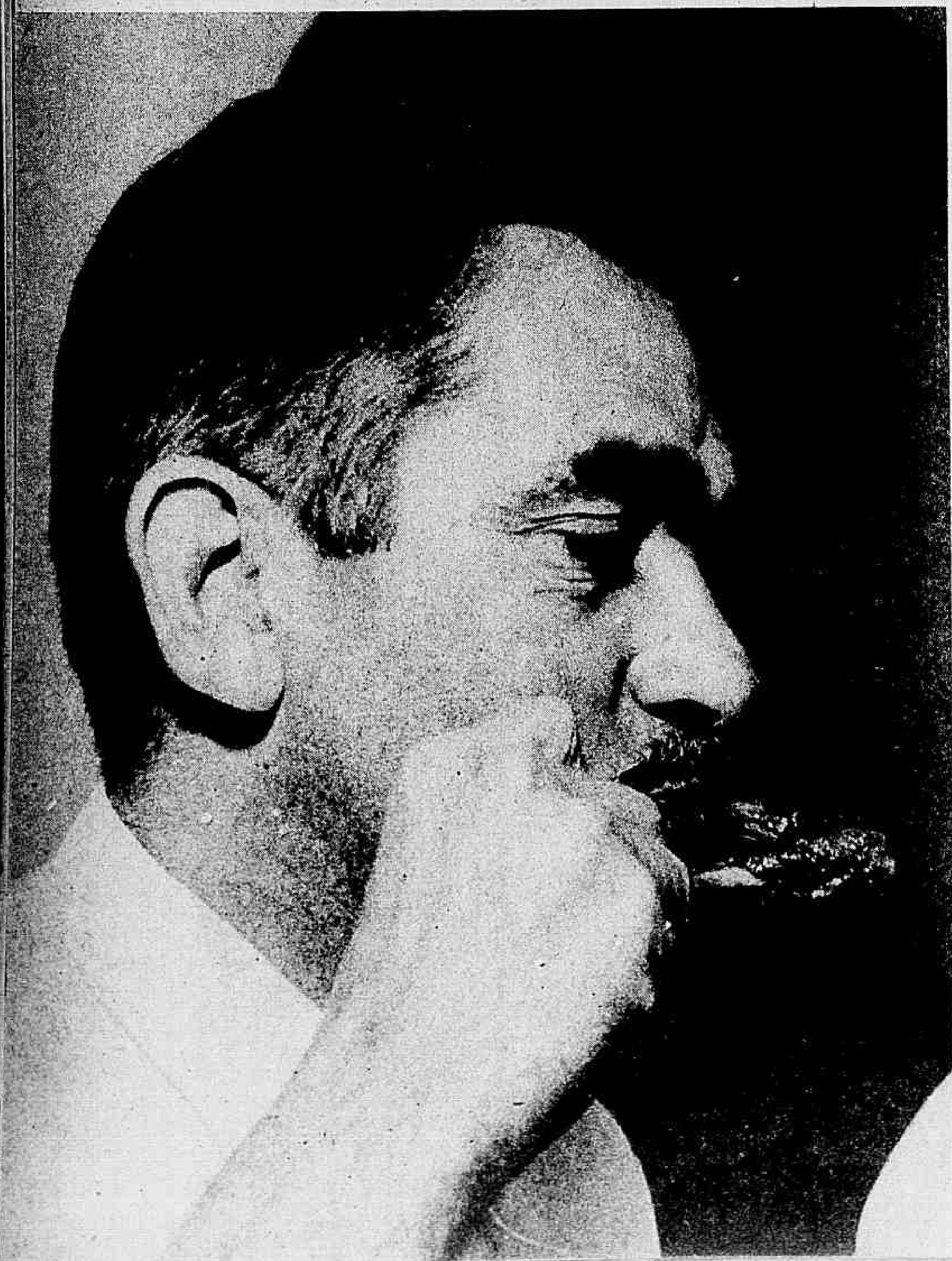


ILVIO CALDAS — O maior e o mais brasileiro dos cantores. E quanto mais velho, melhor ainda.





O pernambucano Antônio Maria, o sergipano Joel Silveira, o capixaba Rubem Braga e o paulista Mattos Pacheco, quatro opiniões de quatro cantos do Brasil, foram unânimes: Sílvio Caldas é tão cozinheiro como cantor. Que o diga o franguinho de leite, devorado outra tarde, num almôço memorável, numa casa acolhedora de Pinheiros, onde foi morar o Sílvio Caldas.





da camisola, com um alfinête, transformava aquilo numa espécie de calção, fugia para a rua, jogar futebol... Um dia, com nove anos, sentiu-se capaz de tomar conta de seu destino, revoltou-se com a intransigência dos pais, fugiu de casa.

De menino de São Cristóvão, no Rio, Sílvio se transformou em moleque das ruas de São Paulo. Brincou na Consolação, pertenceu a uma turma brava, que tinha Barrilotti, futuro craque de futebol, como «capitão». Os pais deixaram que êle ficasse aqui, com uma família amiga.

Quando chegou a hora de se encaminhar para uma profissão, Sílvio escolheu a mecânica. Aprendeu todos os segredos, fascinado. E até hoje, como um «hobby», tem um prazer louco em consertar um automóvel, em identificar todos os seus defeitos e mancadas do motor.

Sempre cantou. Desde menino. Não aprendeu com ninguém, herdou a intuição musical do pai, velho profissional. Quando abraçou o primeiro violão, tocou naturalmente, dominou o instrumento. Nunca mais largou dêle.

Fêz a primeira serenata, quando teve a primeira namorada. Sua voz, jovem e romântica, dominou a noite enluarada. Arranjou uma porção de outras namoradas, fêz uma porção de outras serenatas.

...ÇOU NO RÁDIO, COM O PRÓRIO RÁDIO

Sílvio Caldas surgiu no rádio, com o próprio rádio. Começaram juntos. Voltara para o Rio (naquela época sua vida se dividia em viagens de São Paulo para o Rio e vice-versa. Foi nestas andanças que êle aprendeu a gostar das viagens, correr mundo, conhecer o Brasil de ponta a ponta) e lá, convidado por alguém, cantou no rádio pela primeira vez, ganhando um «cachet» que não foi muito além de trinta mil réis. Resolveu profissionalizar-se. Cantava nas rádios, quando o mandavam convidar, aceitou um lugar no Teatro Recreio, na revista, gravou seus primeiros discos, na «Brunswich» e em outras velhas marcas. E para reforçar o orçamento, continuava mecânico, durante o dia.

Sílvio é um veterano. «Astro» de primeira grandeza desde os tempos heróicos do rádio, continua até hoje, em primeiríssimo plano, como uma das maiores figuras do rádio e do disco.

Vem do tempo dos «chorões» da Velha Guarda, foi contemporâneo, amigo e companheiro de Noel, de Chico Alves... Conheceu Vicente Celestino, moço, em plena forma. Assistiu ao lançamento de Carmen Miranda.

Apesar de tudo isso, ainda é um dos «moços» do Rádio. Nunca perdeu a forma. Nunca estêve no ostracismo. O único caso de «eternidade» neste ambiente cheio de meteoros e comêtas.

ANDARILHO, FAZENDEIRO, PESCADOR E TANTA COISA

Desde que há rádio, Sílvio Caldas está no rádio. Mas muitas vêzes interrompeu suas temporadas, fugiu da cidade e se embrenhou por êstes brasis afora, procurando aventuras. Sílvio venceu como cantor, mas no fundo se sente meio frustrado. Por êle, viveria outra vida, mas ligado ao campo ou ao mar: No auge de sua fama, Sílvio rescindiu um contrato, para viver numa fazenda, acompanhando uma colheita de café, montado num trator. Foi pescador nas praias do norte. De uma feita, estêve em Recife durante quase três meses, isolado numa praia, fazendo vida de pescador. Em Minas, o garimpo o seduziu e ficou perdido por lá, quase um ano. Foi cozinheiro também, para uma turma de engenheiros, na construção da Rio-São Paulo, no tempo de Washington Luís... No teatro, também teve sucesso, com Jardel. Cantou na Europa, fêz sucesso, mas voltou humilde, sem alarde de sucessos falsos.

Aliás, a humildade parece que é uma das



Em tôrno da farta mesa de Sílvio Caldas, onde os quitutes trazem o gôsto de autênticas obras primas, personalidades conhecidas comem (de graça) a valer. Sílvio, como anfitrião, é perfeito. Dá comida e canções. E conta histórias.





SÍLVIO CALDAS: BOM CANTOR, BOM COZINHEIRO, BOM



Sílvio Caldas ouvindo Sílvio Caldas cantar, que gostosura, um poema do Vinicius de Morais, musicado por Paulinho Soledade.

características mais fortes de Sílvio. Tem grandes amigos na imprensa. Nunca, jamais, em tempo algum, Sílvio pediu uma nota, sugeriu uma reportagem, deu um retrato esperando vê-lo publicado.

O MAIS BRASILEIRO DOS CANTORES

O «caboclinho» é também, sem dúvida, o mais brasileiro dos nossos cantores, o mais prêso aos nossos ritmos. Nunca cantou senão música brasileira. Nenhuma adaptação, nenhum arranjo de sucesso estrangeiro.

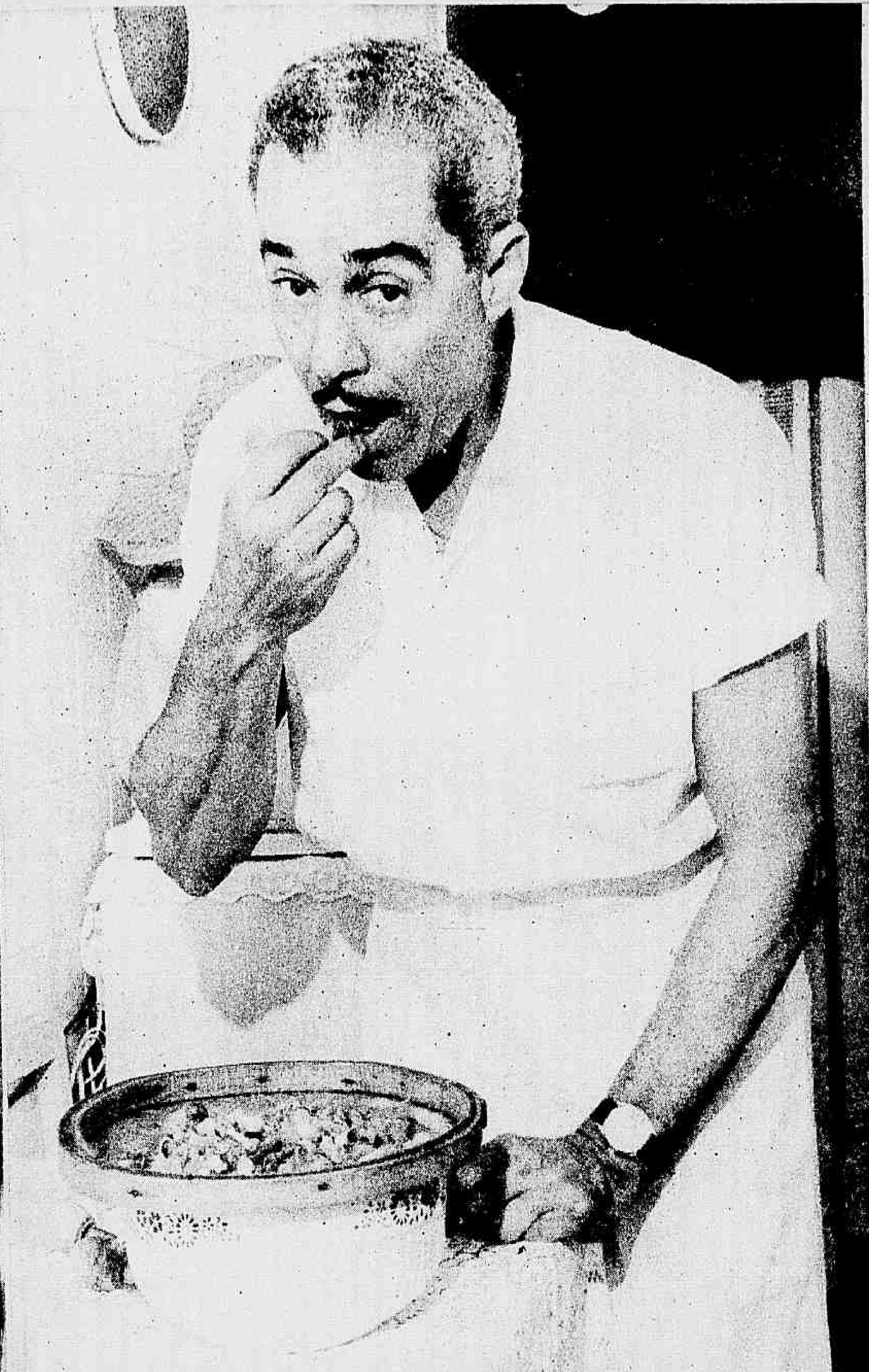
E', além de cantor, poeta e músico. Suas letras ingênuas são autêntica poesia popular. Sua música fala diretamente à alma do povo. Quase tudo que êle canta, quase todo o seu repertório, são músicas dêle, em parceria com gente de valor. Mas que tem muito dêle mesmo, nascidas no fundo da sua alma romântica de cavaleiro andante.

Hoje, de cabelos prateados, talvez rico (pelo menos ganhou muito dinheiro), casado duas vêzes, com uma filha moça, Sílvio ainda é o mesmo sujeito simples, que gosta da vida, que leva uma vida simples, que não sabe morar em apartamento e casa sem quintal, que trocaria de bom grado todo o seu cartaz de «astro» de rádio, boite e TV, por uma fazendola, um rio ou uma praia.

O CANTOR QUE NÃO «PASSOU»

Muito cartaz (falso cartaz, evidentemente), no rádio brasileiro, não passa de moda. Fulano surge, faz sucesso, põe «banca» e logo desaparece, some na estrada... Sílvio Caldas é um dos «eternos», um dos que vieram do comêço do rádio e até hoje estão «lá em cima». Francisco Alves foi outro. Carlos Galhardo e Vicente Celestino também podem ser alinhados na lista, mas em posição inferior ao Sílvio.

Muitas vêzes o fim de sua carreira foi vaticinado. «Sílvio Caldas está velho». «Perdendo a voz». Ou «melhor que êle surgiu Beltrano de Tal...») Quando apareceu Orlando Silva, filho de um seu velho amigo, Sílvio estava na Espanha. «Quando voltar, não terá vez». Sílvio voltou, deu muita música do seu repertório para o novo «astro», ensinou muita coisa, como êle sempre faz. Sempre estimulou novos valores. E sempre saiu ganhando, no final, por que até hoje todos os seus concorrentes «passaram»





PESCADOR, BOM CAÇADOR E PÉSSIMO HOMEM DE NEGÓCIOS

e êle continua na ponta, cantando hoje, melhor do que há dez anos atrás...

O PAULISTA SÍLVIO CALDAS

Outra coisa interessante é que sempre os próprios paulistas consideram Sílvio Caldas como carioca. Mas hoje em dia êle é muito mais paulista que muita gente «quatrocentona». Sílvio mora em São Paulo, tem casa, residência fixa em São Paulo, há uns bons pares de ano. Sempre procurou casa nas proximidades da avenida Rebouças, no lado de Pinheiros. Sempre casas grandes, com quintal. Para êle poder fazer sua horta, ter seu galinheiro.

Sempre que pode, Sílvio Caldas relembra o seu tempo de mestre de forno e fogão. Para êle não há nada melhor que reunir os amigos e oferecer uma «bóia» bem temperada, feita por êle mesmo, com muita arte e muito carinho.

Foi o que aconteceu outro dia. Sem combinar, quase por acaso, surgiram na sua casa, Antônio Maria, seu parceiro, Joel Silveira, seu admirador. E logo depois, Rubem Braga. Encontram lá, o Diegues, dono desta coisa poderosa que é o Expresso Viação Brasileira. Um outro amigo do Paraná. Eu e o Norberto, de «Rolley» e tudo.

Sílvio exigiu que todos ficassem para o almôço, para um franguinho de leite, feito por êle mesmo, um viradinho de torresmo, e mais picadinho com tripa e outras coisas. Um «menu» caboclo, gostoso. (Tão bom que o almôço começou às duas e foi «suspenso» às seis, quando ainda havia muita gente na mesa).

Sílvio anda pensando agora, muito sèriamente, em abrir um restaurante, ali no bairro mesmo. Já escolheu até o nome. «Lambary». Não será «boite», não. Restaurante mesmo. Em que Sílvio será o «mestre-cuca» e mostrará tôda a sua arte imensa em cozinhar pescados.

«Sou um homem feliz», confessa Sílvio. «Um dia penso em me aposentar, vir para a beira do mar, numa fazendola, perto de um rio também... Levo o violão, que me tem acompanhado sempre. Vou cantar, pescar, cultivar a terra... Percorri, conheço o Brasil de ponta a ponta, todos os confins do sertão, tôdas as praias. Eu não tenho dúvida. Se céu existe, fica aqui mesmo, num pedaço de mata, num pedaço de mar. Sei disso. Por isso mesmo é que sou feliz...»



«Nunca morei numa casa sem quintal. Eu mesmo tenho que plantar a horta, cuidar das plantas. Não sei viver longe da terra, só sôbre asfalto».

O GOVÊRNO SOFREU O DIABO NA UNHA DOS E



O MAIOR TROTE DE TODOS OS TEMPOS

O GOVÊRNO SOFREU O DIABO E, NO FINAL DO DESFILE, O PRESIDENTE DA C.O.F.A.P. TEVE DE EXPLICAR (OU FINGIA QUE EXPLICAVA) PORQUE OS PREÇOS FICARAM MALUCOS ★ MAIS DE MIL CALOUROS E TÔDAS AS FACULDADES CARIOCAS, ALÉM DE COLÉGIOS SECUNDÁRIOS, PARTICIPARAM DA PASSEATA QUE EMPOLGOU A CIDADE.

Reportagem de JOSÉ ROMEU VIANA — Fotos de ALBERTO FERREIRA

PATROCINADO por um jornal sério e corajoso (o «Diário de Notícias»), o «trote» universitário da semana passada acabou se transformando num espetáculo sério e corajoso. Durante quatro horas, que foi quanto durou o desfile dos estudantes pelas ruas centrais do Rio, o govêrno sofreu o diabo na unha dos moços. As críticas foram contundentes; mas nenhuma delas ultrapassou os limites da conveniência moral: o govêrno foi martelado duramente, é verdade, mas com justiça e bravura. Porque o que os estudantes foram buscar, para tema central de sua festiva recepção aos calouros, foi o próprio cotidiano carioca: um «jour a jour» carente, desprotegido, quase à mingua, dentro do qual, como num perigoso caldo de cultura, uma população inteira se debate até o afogamento. A carne da COFAP, barata, saborosa e inexistente; os devaneios amorosos de uma prefeitura que cava e não aterra, cobra e não faz,

S ESTUDANTES



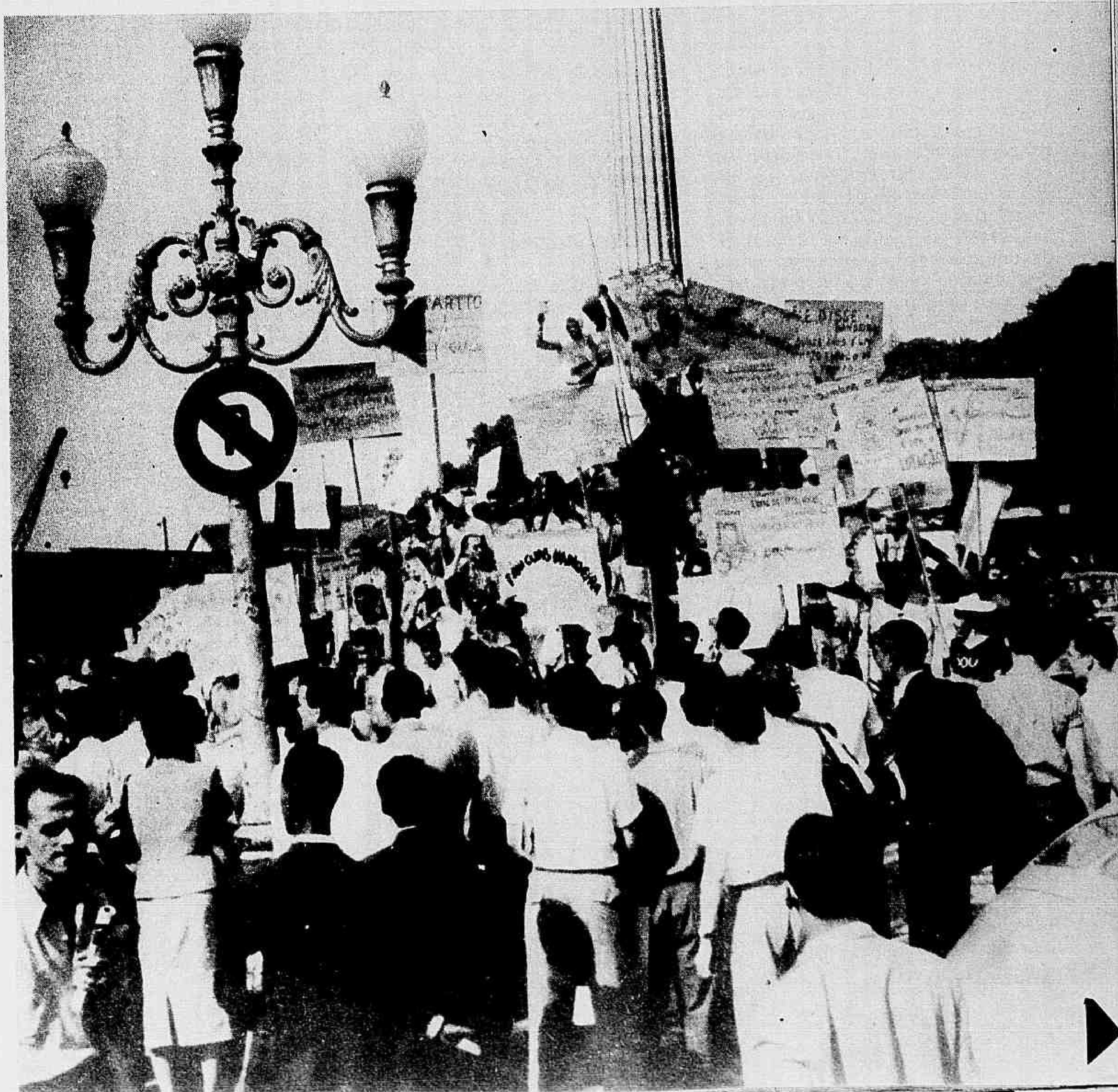
nomeia e não resolve; a água que só aparece com as chuvas; e, pairando sôbre tudo e todos, angelical e irresponsável, o sorriso fácil do responsável maior — tudo isso, e mais uma porção de coisas outras, como escândalos e falcatruas famosos, foi revivido, pelos estudantes, em alegorias improvisadas ou através de dísticos pintados de qualquer maneira em tabuletas as mais incisivas. Uma grande festa, em suma. Mais do que isso — uma magnífica parada de afirmação democrática e de coragem política.

OS ESTUDANTES ENFRENTAM AS AUTORIDADES

Mais de mil calouros tomaram parte na passeata, seguidos de perto pelos veteranos das Faculdades de Medicina e Cirurgia, de Ciências Médicas, Nacional de Direito, de Farmácia, de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro, Nacional de Educação Física, Escola Na-



O trote dêste ano, dos estudantes universitários, valeu como uma magnífica demonstração de prática democrática. Desta vez, no lugar dos calouros, quem apanhou de rijo foi o govêrno. Uma surra pelo menos 80% bem merecida.



NOVA TÁTICA DO TROTE: OPOSIÇÃO EM VEZ DE PANCADARIA



A «Cofap» teve o seu quinhão no sensacional trote dos estudantes. O trote inteiro foi um espetáculo de bom gôsto, amadurecimento político e inteligência.

cional de Belas Artes e a AMES (Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários). Após o desfile, que por alguns momentos paralisou por completo o trânsito no centro da cidade, cuidou-se de coisas mais sérias. Uma delas: a entrega, por parte de uma comissão estudantil, ao presidente da COFAP de um memorial de protesto contra o alucinante aumento do preço dos gêneros de primeira necessidade. O coronel Hélio Braga (que, dizem, é homem de sangue frio e de elevado senso de humor), recebeu os estudantes no seu gabinete, ouviu-lhes os inflamados discursos e fechou a solenidade com um discurso de esperança e compreensão, intercalado aqui e ali de alguns suspiros...

O POVO ADERIU

A passeata, que começou às 15 horas, na praça Mauá, desfilou pela avenida Rio Branco, rua da Assembléia, largo da Carioca, avenida Almirante Barroso, avenida Antônio Carlos, rua Araújo Pôrto Alegre até a Praça Floriano, onde deixaram, para contemplação e edificação do público, os seus cartazes repletos de verdades em tom de chiste. Paródias de marchas carnavalescas, com alusões diretas, indiretas e diretíssimas a pessoas e sumidades do govêrno, eram cantadas por grupos (mais ou menos afinados) ou pelos componentes em geral do «trote». E, aos lados, o povo, divertido e até mesmo empolgado, recebia os estudantes com palmas do mais alto aprêço e da melhor solidariedade.

E é interessante notar que êste ano o «trote» foi organizado de maneira inédita, abrilhantado, como se viu, pela participação de diversas Faculdades do Distrito Federal, o que não acontecera nos anos anteriores. Daí o seu êxito completo — sucesso do qual melhor dirão as fotos que publicamos nesta e nas páginas seguintes.

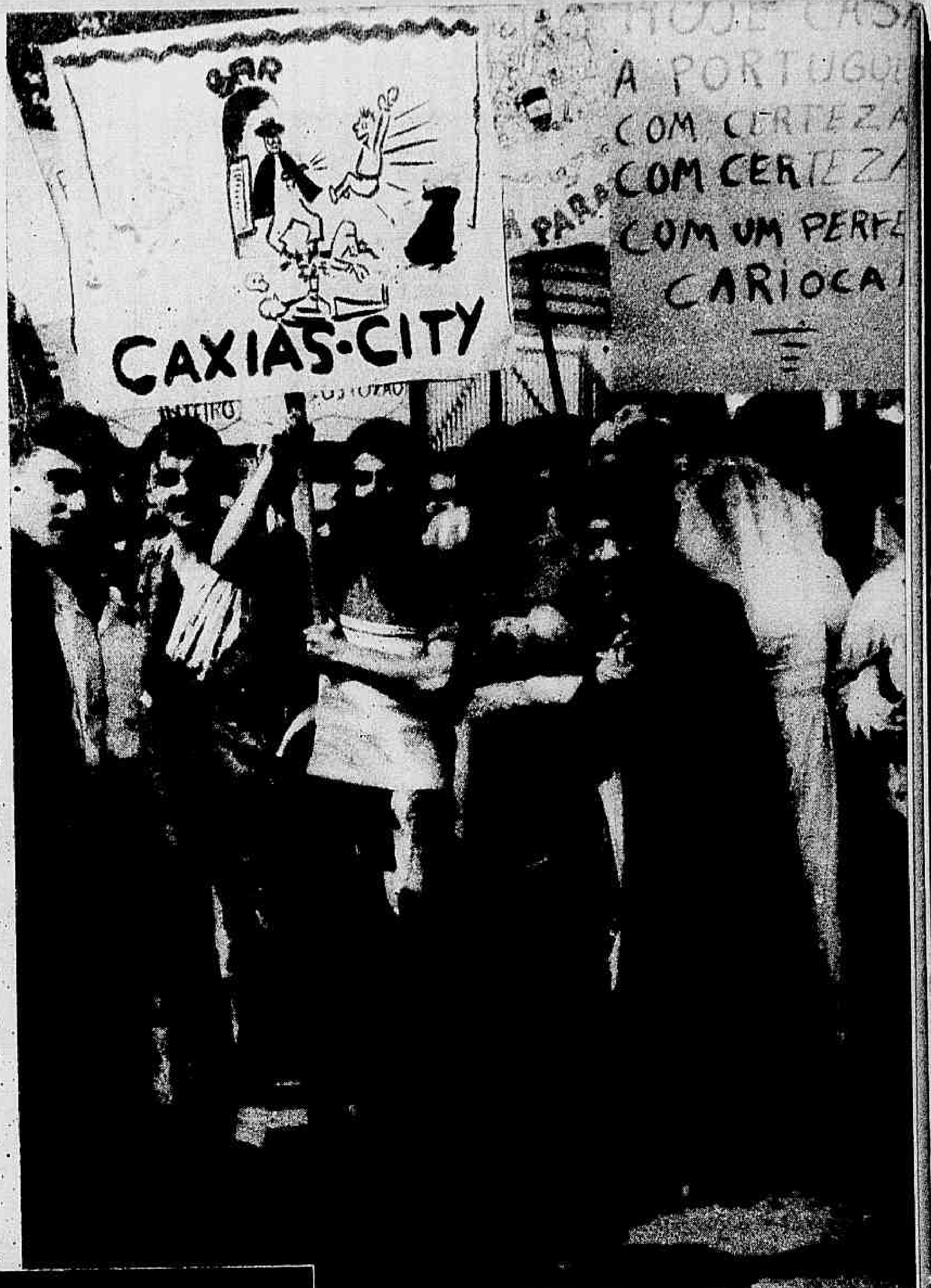


Ademar também brilhou: foi devidamente «encaixado» na passeata estudantil. Outros que brilharam muito: Getúlio, o Prefeito e o dr. Estrêla.

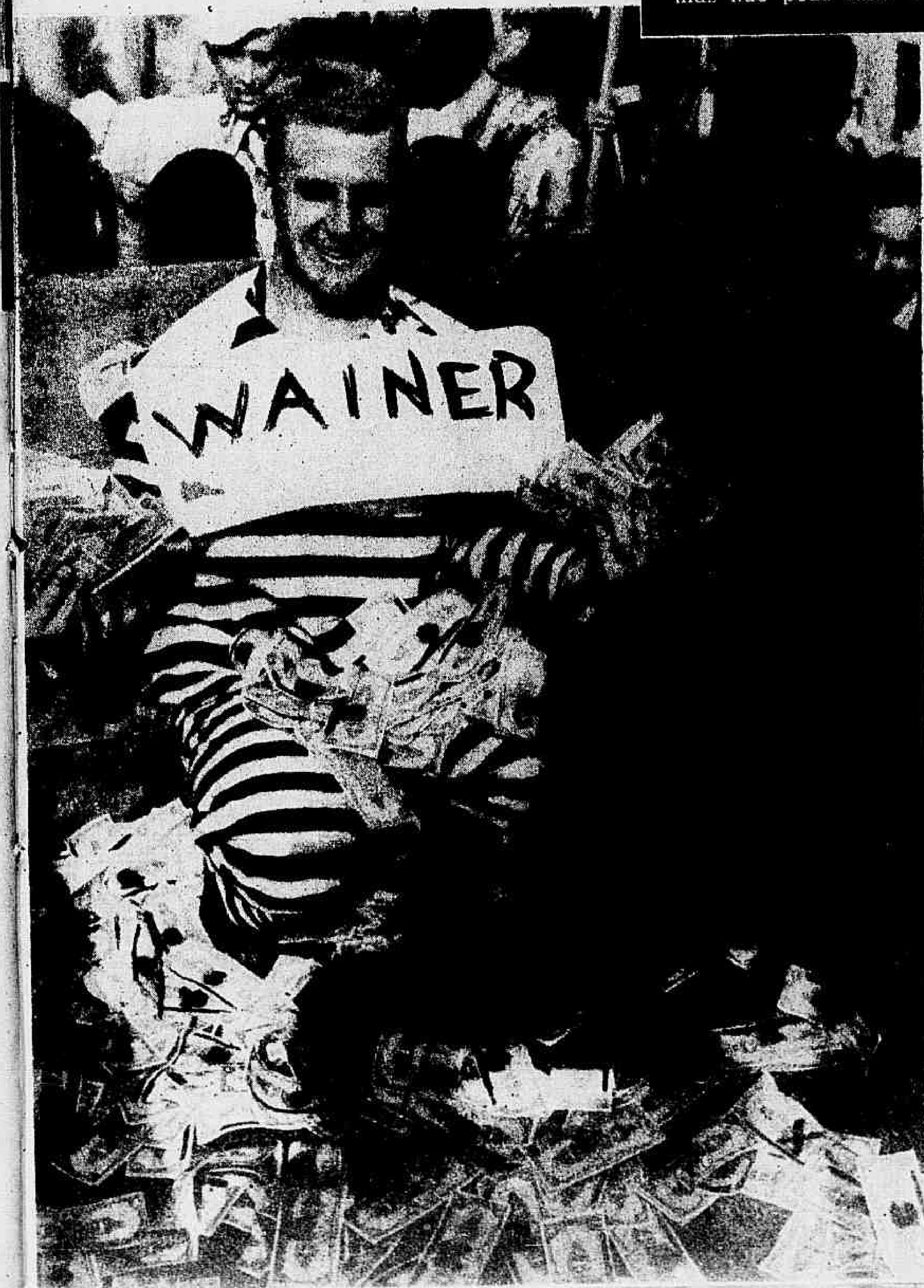


Às vêzes o desfile virava farsa e pândega, como no instantâneo acima, em que a vítima caloura aparece sendo «socorrida» por enfermeiros do P.S.





Marina, Bandeira, Tenório, Wainer e a 3ª Dimensão foram outros temas do desfile estudantil. A policia (politica) olhou, franziu a cara, mas não pôde fazer nada. Viva a Democracia!





Champanhota

PETER



«A Capela da Reitoria é o local elegante».

A sra. Vera Bocaiuva ofereceu um jantar à sra. Beatriz Carneiro, filha do sr. Paulo Carneiro, representante do Brasil na UNESCO. No jantar, que acabou no «Vogue» às seis da manhã, podia-se ver os srs. Vitor Bouças, Henrique Mindlin, Maximiano Bagdócimo e as srtas. Dora Teixeira e Dóris Junqueira batendo um animadíssimo papo. Depois, a sra. Beatriz Carneiro voltará para Paris, se não ficar influenciada pelos novos amigos que conheceu.

● **O médico Marinho**

O sr. Roberto (o médico) Marinho fêz uma despedida ao pintor Augusto Rodrigues (Escolinha de Arte) que vai à Europa em viagem de prêmio do salão do ano passado

● **Alfa-Romeo brasileira**

Podemos afirmar com segurança que já se encontram completamente prontos planos e plantas para a construção de automóveis da famosa linha e motor «Alfa-Romeo». A Fábrica Nacional de Motores, que já produz caminhões com motores da marca italiana, deverá produzir mensalmente 200 automóveis de passeio, ao preço provável de 110 mil cruzeiros a unidade. Será o fim do rabo-de-peixe, com um carro de grande classe a baixo custo, de fabricação inteiramente nacional.

● **Embaixador de fato**

A grande afluência de pessoas de sociedade à «avant-premiére» do filme italiano, «Il Vitelloni», é resultado exclusivo da simpatia que goza no nosso «Café Society» o casal de embaixadores da Itália em nosso país. Pena que houvessem, por causa de um gesto muito difundido em todo o mundo, cortado talvez a melhor cena do filme.

● **Otelo ameaça casar-se**

Grande Otelo já ameaçou casar-se várias vêzes, mas, parece que a coisa agora é séria. Está mesmo tentando um empréstimo bancário.

● **Casamento**

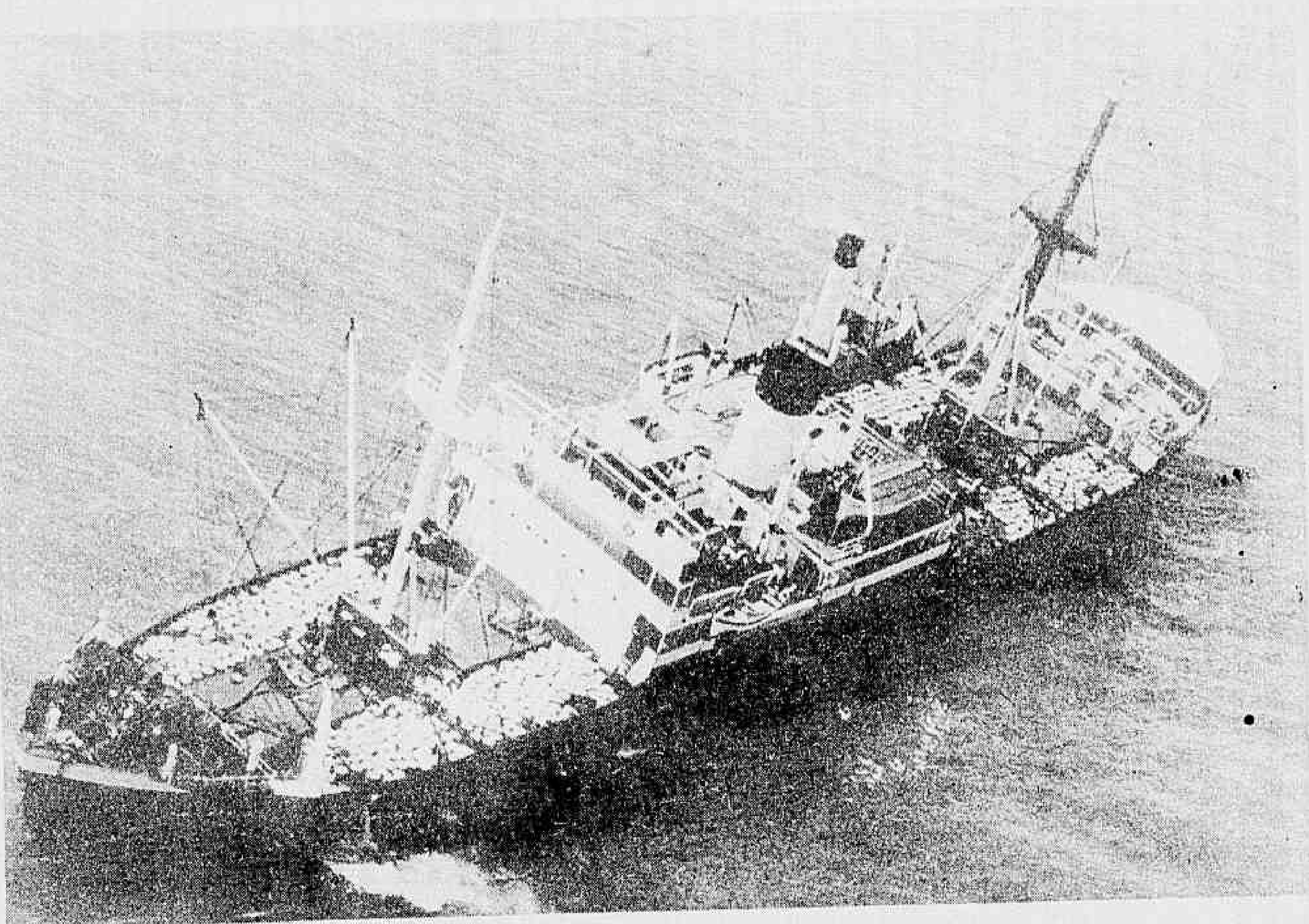
Evidentemente, a Capela da Reitoria da Universidade do Brasil vem roubando à Glória do Outeiro a primazia do casamento elegante. Dia vinte e dois, o ministro Carlos Luz e o sr. Edo Hirsch casaram seus filhos, Beatriz e Eduardo. Ao enlace compareceu o alto mundo social e político que encheu a capela e os grandes salões anexos. Foi a nota elegante da semana.

● **Vai de «Julio Cezar»**

O sr. Jorge Carvalho Sobrinho embarcou pelo «Julio Cezar» para a Europa, tendo antes o cuidado de oferecer um jantar no «Country Club» a vários de seus amigos: sr. e sra. Vitor Bouças, senador Vitorino Freire e senhora, srtas. Célia Combacau e Lourdes Brito Cunha. Jantar íntimo e muito bem organizado.

● **Casablanca adia ainda**

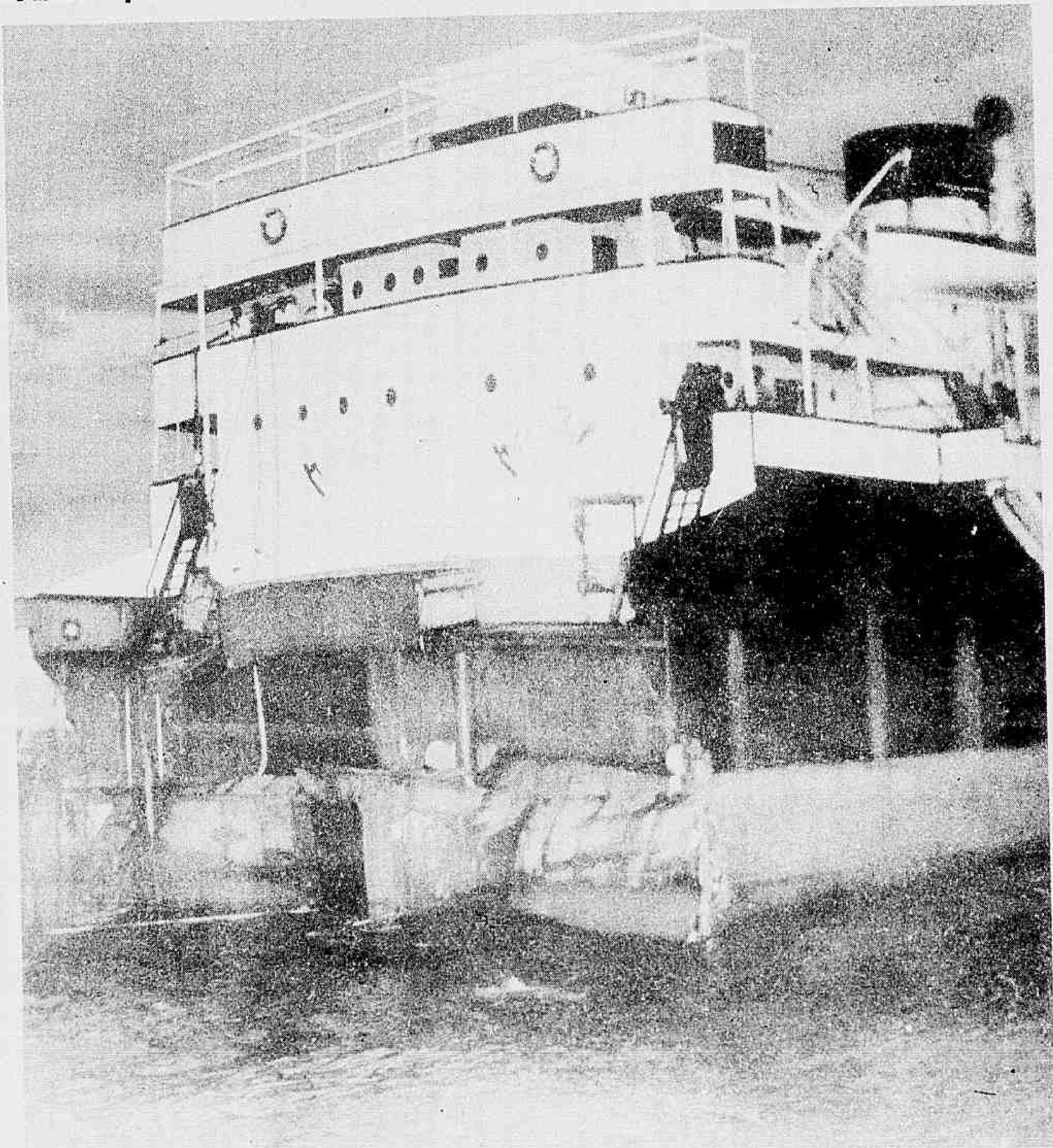
A buate «Casablanca» voltou a adiar a estréia de seu «show» povoado de francesas do «Follies Bergère», mais ou menos despidas. Carlos Machado, bastante entusiasmado, diz que ainda não chegaram as 13 cabeleiras que encomendou na França e que serão quase que a única «roupa» que as mocinhas usarão num quadro que ficou em 150 mil cruzeiros, o da «Madame Pompadour». O «show» deverá ser dos mais ricos que já se fêz no Rio de Janeiro e já estão feitas mais de 300 reservas para a estréia que será «black tie». Esperemos e acalmemos a ansiedade dos rapazes indóceis na fita. Dia 10, provàvelmente.

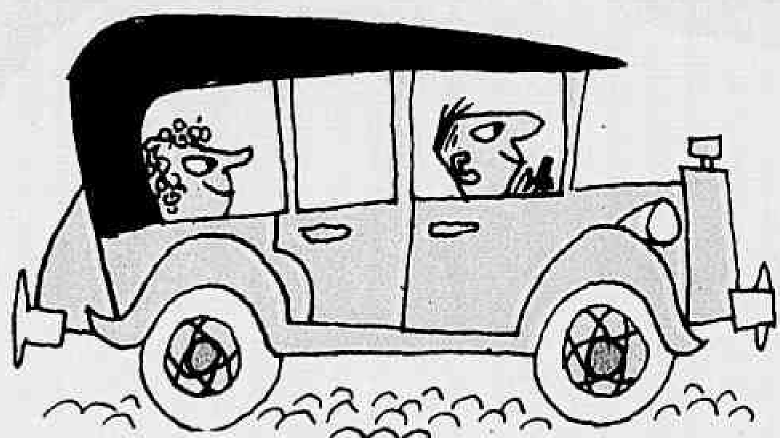


ÚLTIMO «FLASH»

O "FARRAPO" VIROU DOIS

● **Na semana passada o «Farrapo», velho cargueiro do Lóide, viveu os seus últimos instantes. Mas morreu no mar, como um marinheiro que se preza. O mar violento, nas imediações de Maricá (Estado do Rio) tangeu-o de encontro aos arrecifes do local. E o «Farrapo» encalhou. Durante horas, sua tripulação tentou arrancá-lo das pedras que o seguravam, mas foi inútil. E no terceiro dia, uma investida mais forte das águas pegou o «Farrapo» de lado, jogou-o novamente de encontro às pedras e acabou dividindo-o em dois. Essa história tôda vai resumida nos flagrantes acima. Ao alto, o «Farrapo» encalhado; na foto de baixo, o pedaço do «Farrapo» que ficou prêso nos arrecifes. (Fotos, respectivamente, de Botelho e de «O Globo»).**





CHOFER DE PRAÇA PASSEANDO COM A NAMORADA.



Ilustrado por

PIQUÍ

TIC-TAC

(Piadas à minuta)

Vendedor de automóvel a um freguês: «Se o freio não funcionar o sr. traz o carro aqui que nós trocamos».

TIC

Senhora grã-fina numa loja de peles: «Depois que descobri que meu marido é um lôbo, passarei a me vestir exclusivamente com peles de raposa».

TAC

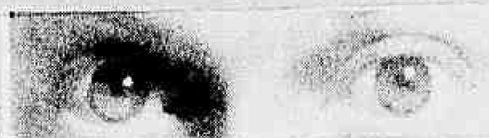
Criança precoce para a mãe: «Acho que já compreendo; mamãe, porque é que o papai não faz questão de ter referências das empregadas».

Situações

QUE TIRAM A MORAL DA GENTE

- **Conversar mais de duas horas com um sujeito e ficar êsse tempo todo procurando se lembrar do seu nome.**
- **Controlar uma pequena durante uma viagem de ônibus, levá-la até à porta da sua casa, convidá-la para um cinema e ao se despedir ela perguntar por sua irmã, sua tia, sua sobrinha e mandar lembranças para sua mãe.**
- **Tomar café displicentemente até o momento em que verificar que alguém está olhando você fazer beicinho.**
- **Contar uma piada engraçadíssima no meio de um grupo estranho e ninguém rir.**
- **Levar uns dez cascudos no cinema, fingir que não está sentindo nada, e finalmente olhar discretamente para trás e ver que se trata de uma pilhéria de um amigo.**
- **Ir a buate com uma pequena, oferecer do melhor, jantar, dançar, pedir a conta, e verificar que deixou a carteira em casa.**
- **Jantar numa residência de cerimônia, servirem a coxa da galinha para você e quando você começar a comer, todo mundo ficar olhando discretamente.**
- **Ir a casa de um conhecido, sentar numa cadeira e verificarem que quebrou uma porção de discos, logo os melhores da coleção.**

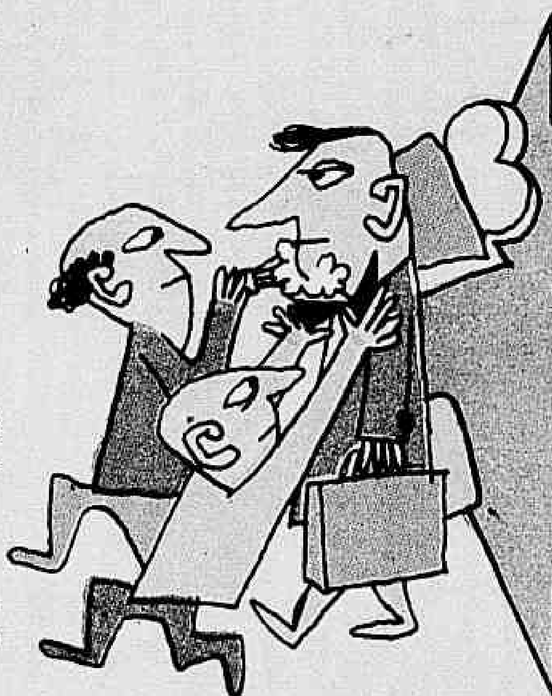
PONTOS DE VISTA



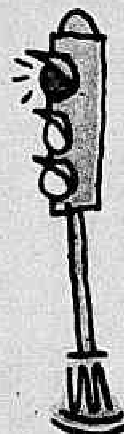
COFRE é isso que precisa de um segredo por fora para guardar os segredos de dentro.

●

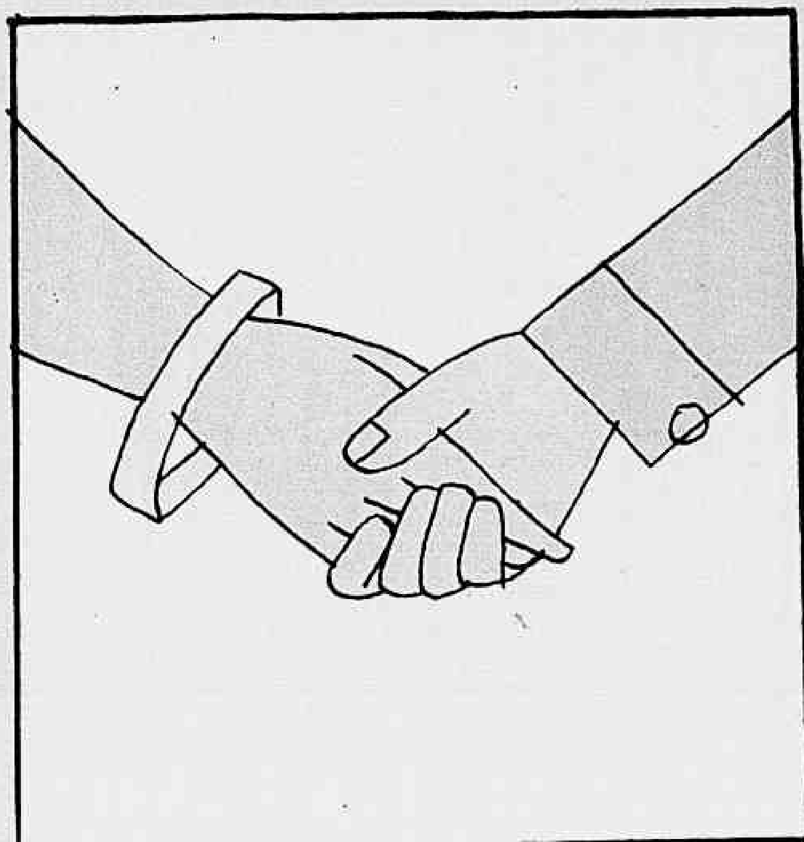
CINZEIRO é uma ilhota cercada de cinza por todos os lados.

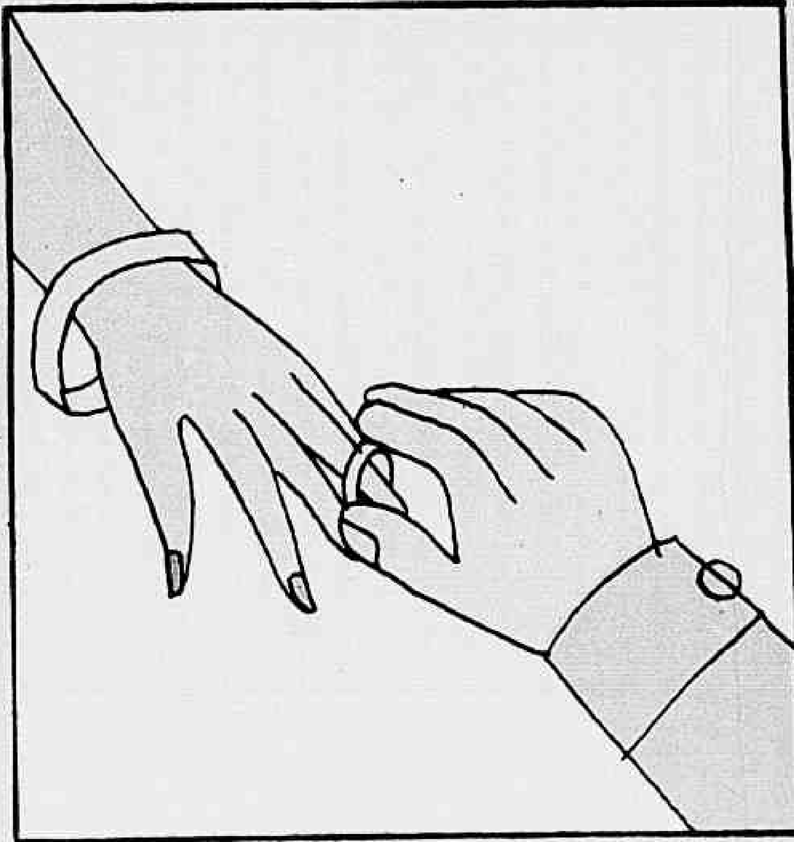


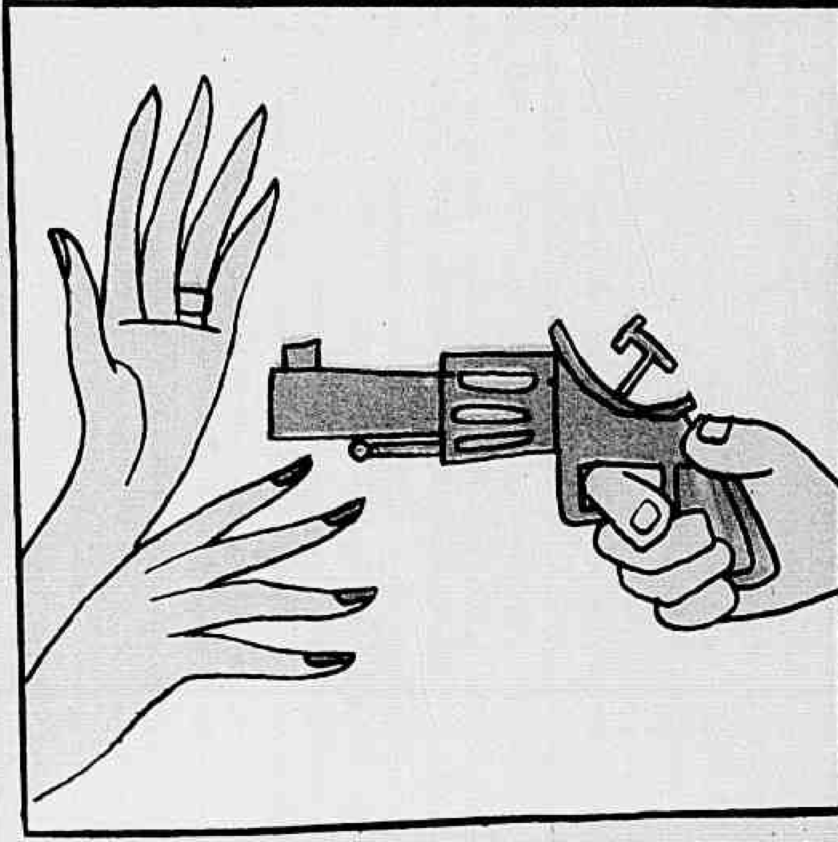
A vida real dos atores do cinema brasileiro não é fora do estúdio. É dentro.



QUECOISAINSUPORTAVELFICA ÊSSETRÂNSITODEPOIS DASCINCOHORASDATARDE NAPRAIADOFLAMENGO

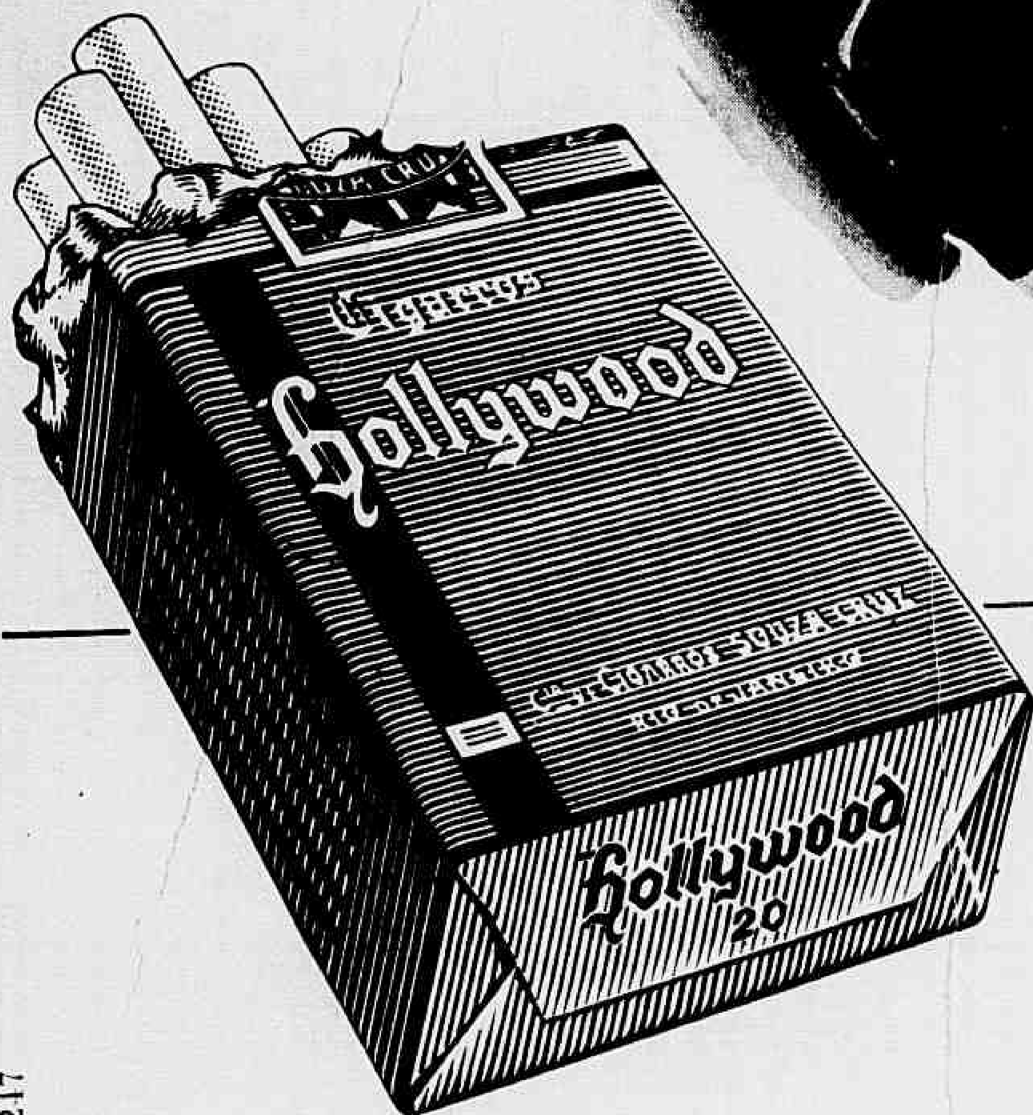






Um armista...

... é aquêle que distingue, entre os artísticos brazões de uma coleção heráldica, o de mais sugestiva significação e bom gôsto. E é êsse dom de discernir o melhor que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.247

UM PRODUTO SOUZA CRUZ